



BIOGRAFIA
OFICIAL

NO TEMPO DE

ALMIRANTE

NOEL ROSA

O nascimento do samba e a era de ouro da música brasileira



sonora
EDITORA

NO TEMPO DE **ALMIRANTE**
NOEL ROSA

O nascimento do samba e a era de ouro da música brasileira.



ALMIRANTE

No Tempo
de
NOEL
ROSA

Ello



Noël
pour
Noël

NO TEMPO DE **ALMIRANTE**
NOEL ROSA
O nascimento do samba e a era de ouro da música brasileira

3ª Edição

 **sonora**
EDITORA

Rio de Janeiro
2013

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SUMÁRIO

Apresentação

Prefácio à 1ª Edição: Noel visto por Almirante (Edigar de Alencar)

Prefácio à 2ª Edição (Sérgio Cabral)

Prefácio à 3ª Edição (Marcelo Fróes)

Preâmbulo

NO TEMPO DE NOEL ROSA

I- O NASCIMENTO DO SAMBA CARIOCA

Capítulo 1: Antecedentes folclóricos

Capítulo 2: Nasce o samba carioca

Capítulo 3: Os Oito Batutas

Capítulo 4: Os Turunas Pernambucanos

Capítulo 5: Turunas da Mauricéa

Capítulo 6: Flor do Tempo

Capítulo 7: Concursos carnavalescos

II- FORMAÇÃO DE NOEL ROSA

Capítulo 8: Encontro com Noel

Capítulo 9: Pai e mãe de Noel

Capítulo 10: Do nascimento à adolescência

Capítulo 11: Bando de Tangarás

Capítulo 12: Canções sertanejas

Capítulo 13: Consagração dos bairros cariocas

Capítulo 14: Medicina

Capítulo 15: Noel picado de Tsé-Tsé⁴⁸

Capítulo 16: Automóveis

Capítulo 17: Fagulhas do espírito de Noel Rosa

III- GRAVAÇÕES E TRANSMISSÕES

Capítulo 18: Gravações elétricas

Capítulo 19: Experiências sonoras

Capítulo 20: A primeira gravação com percussões

Capítulo 21: O Rádio e as Galenas

Capítulo 22: Programa Casé

Capítulo 23: A Casa do Disco

IV- PARÓDIAS E POLÊMICAS

Capítulo 24: Paródias

Capítulo 25: Revistas Radiofônicas

Capítulo 26: Polêmicas

Capítulo 27: “Com que roupa?”

Capítulo 28: O amor a Vila Isabel

V- VIAGENS

Capítulo 29: São José dos Campos

Capítulo 30: Nova Friburgo

Capítulo 31: Rio Grande do Sul – Santa Catarina – Paraná

Capítulo 32: Campos – Muqui – Vitória

Capítulo 33: Belo Horizonte

VI- TEATRO E CINEMA

Capítulo 34: Cinema Falado

Capítulo 35: Cinema Eldorado

Capítulo 36: Teatro

Capítulo 37: Opereta Inédita

VII- AMORES E AMIGOS DE NOEL

Capítulo 38: Henrique Brito

Capítulo 39: Motoristas

Capítulo 40: Amores de Noel rosa

Capítulo 41: Clara

Capítulo 42: Fina

Capítulo 43: Julinha

Capítulo 44: Ceci

Capítulo 45: Casamento e Os últimos dias

MUSICOGRAFIA DE NOEL ROSA

APRESENTAÇÃO

Eis a nova edição de No Tempo de Noel Rosa, escrita por seu parceiro musical e amigo, Henrique Foréis Domingues, mais conhecido como Almirante. O intuito primordial dessa edição revisada é aproximar o leitor do universo traçado pelas linhas do autor, pouco alterando o texto original. Por esse motivo, o vocabulário da época foi respeitado, o que de certa forma também auxilia nessa viagem que o leitor fará ao tempo de Noel Rosa.

Foi estabelecida uma organização temática, dividindo os capítulos em sete partes: O Nascimento do Samba Carioca, Formação de Noel Rosa, Gravações e Transmissões, Paródias e Polêmicas, Viagens, Teatro e Cinema e Amores e Amigos de Noel. Dentro de cada seção, preservou-se a divisão de capítulos realizada por Almirante, a exceção de "Fagulhas do Espírito de Noel Rosa" e "A Cada do Disco", que nas edições anteriores formavam um mesmo capítulo.

A ortografia, tanto do texto como das letras das músicas, foi atualizada segundo as regras do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, instituído em 2009. No entanto, respeitaram-se as licenças poéticas, conservando "errinhos" propositais das criações musicais. Além das notas do autor, foram acrescentadas notas explicativas, com o objetivo de atualizar o texto com informações posteriores a sua produção, tais como mudanças de nomes de ruas e datas de falecimento de personalidades citadas. Ademais, dados da geografia do Rio de Janeiro foram destacados para situar leitores que não conheçam o estado. As notas do autor estão marcadas com

a sigla N.A., enquanto as notas do organizador estão seguidas de N.O.

Por fim, atualizou-se a musicografia do compositor, já que algumas gravações foram recuperadas de transmissões radiofônicas anos depois de Almirante concluir seu livro. Esperamos que esse testemunho sobre a vida do grande filósofo do samba traga ao leitor a sensação das palavras cantadas na música "Feitio de Oração", para que possa "chorar de alegria" e "sorrir de nostalgia".

Maíra Contrucci Jamel

PREFÁCIO À 1ª EDIÇÃO NOEL VISTO POR ALMIRANTE

Ninguém poderia contar a vida de Noel Rosa melhor do que Almirante. Não somente por ter acompanhado de perto o imortal compositor popular em toda sua rápida, mas fulgente trajetória artística, como, sobretudo, pelo senso de medida, pela exatidão com que enumera fatos, pela segurança com que alinha episódios e datas.

Aliás, nenhum compositor popular brasileiro poderá hoje contar rigorosamente a sua própria vida sem recorrer aos admiráveis arquivos de Henrique Foréis Domingues.

Almirante é um fetichista da verdade. Passa semanas e semanas revolvendo documentos, consultando pessoas, na pesquisa de uma data. É a vocação mais extraordinária de historiador de que tenho notícia. De historiador consciente da sua missão de registrar o fato para coevos e pósteros, sem a ausência de uma vírgula, sem esquecer minúcias e sem qualquer capacidade inventiva ou fantasiosa. Com ele não tem bandeira. Conta-se o caso como o caso foi. No seu heroísmo pela verdade, discute, revida e briga. Chega a ser um deslocado num mundo em que a mentira se erigiu em dogma e onde quase tudo é mentira.

Dispondo de fabuloso e riquíssimo documentário, Almirante, com esse desfile de reminiscências que é No Tempo de Noel Rosa, nos oferece a melhor e mais abundante contribuição à fixação do perfil do cantor de Vila Isabel.

Ademais, Almirante não se demora apenas na existência tão breve quão cheia de pitoresco e de calor humano de Noel. Dá-nos, com a autenticidade que a tudo imprime, uma visão retrospectiva da música, do rádio e da vida do Rio no começo do século até a morte do autor de "Com que Roupa?".

Este livro de Almirante é a história de uma das maiores figuras do nosso cancionero, contada com amor, exatidão e firmeza pelo mais credenciado artista que o rádio nacional produziu até hoje, que é também a maior autoridade em música popular do Brasil.

Edigar de Alencar

PREFÁCIO

À 2ª EDIÇÃO

Com Almirante aprendi a conhecer melhor muitas figuras de nossa música popular e aprendi, principalmente, a pesquisar a história da nossa música. Foi através dele que verifiquei que não basta amar o assunto do qual ele é mestre; é preciso trabalhar muito e ter um senso de organização tão apurado que, sem ele, nada feito (ultrapassei o prazo, certa vez, para devolver-lhe uma pasta do seu famoso arquivo e recebi um telegrama: "Favor devolver material urgente").

O grande Noel Rosa tem o grande Almirante como seu biógrafo. Noel, como se sabe, é um dos maiores nomes de todos os tempos da música popular brasileira, apesar de ter vivido apenas 26 anos e alguns meses, mas o bastante para se destacar como um dos criadores dessa mesma música. É importante que se saiba disso: Noel Rosa não é maravilhoso apenas pelo talento revelado nas suas obras. O seu papel nessa história é bem maior, pois foi ele o criador de uma linguagem musical. Foi ele, homem de classe média, quem primeiro aprendeu a música das camadas mais populares do Rio de Janeiro, dando-lhe um tratamento que abriu caminho para que outros setores da população também participassem criadoramente do desenvolvimento de nossa música popular. Não há qualquer exagero na afirmação de que é um dos pais de nossa nacionalidade.

No início de sua carreira Noel Rosa estava ao lado de Almirante no famoso Bando de Tangarás. Por isso, ambos viveram com intensidade a passagem dos anos 20 para a década de 30, que

considero a mais rica da música popular brasileira. Foi o momento em que as emissoras de rádio transformaram-se efetivamente em veículos de música. Naquela época, as gravadoras abandonavam o processo mecânico de gravação para adotarem o sistema elétrico. Aparecia no bairro do Estácio de Sá a primeira escola de samba. Tomava-se conhecimento da música nordestina. O consumo descobria a música do povo e se aproximava dela para poder crescer.

Amigo, quase irmão, de Noel, Almirante conviveu com ele até a morte do grande compositor, no dia 4 de maio de 1937. Por isso, este livro é ao mesmo tempo uma biografia de Noel Rosa, uma espécie de autobiografia de Almirante e um delicioso painel de uma fase tão rica que já foi chamada de era de ouro da música popular brasileira.

Vamos aprender com Almirante, mais uma vez.

Sérgio Cabral

PREFÁCIO À 3ª EDIÇÃO

Livros podem ser como garrafas de vinho e filmes antigos: ficam melhores com o passar do tempo. Se a narrativa não fica desatualizada, um bom livro pode ser eterno – como são os códigos religiosos e os clássicos da literatura.

Esta biografia de Noel Rosa goza deste benefício. Publicada por Almirante há exatos 50 anos, estava há três décadas longe das livrarias, apesar de ter sido um sucesso no ano de seu lançamento e de ter tido uma reedição nos anos 70, quando ganhou prefácio especial do mestre Sérgio Cabral.

Ainda que Noel tenha morrido em 1937 e que sua biografia tenha sido registrada em 1963, sua história permanece única e atemporal. O texto de Almirante ganha nessa edição uma atualização formal, quanto às novas regras ortográficas, mas sua obra permanece como um testemunho de quem conviveu com uma das figuras mais marcantes da cultura brasileira. Assim, essa narrativa privilegiada pode alcançar as novas gerações que consomem a obra de Noel – em gravações que se sucedem nos discos anualmente.

À época, Noel Rosa teve diversos intérpretes, dentre os quais destacou-se Aracy de Almeida. Com o passar das décadas, gerações da música brasileira renderam-se ao mestre – de Ivan Lins a Martinho da Vila, passando por quase todo mundo que, em algum momento, gravou ou, ao menos, cantou uma de suas músicas.

Já que suas canções estão tão presentes na história da música

brasileira, sua biografia não poderia ficar sem uma nova edição, fora do alcance das novas gerações.

Entenda por que.

Marcelo Fróes

PREÂMBULO

Entre tantos que podem falar de Noel Rosa, sou um deles. Conheci Noel pessoalmente em 1923 e depois o acompanhei durante toda a sua atividade musical e artística até seu falecimento. Suas primeiras apresentações em palco se fizeram em minha companhia. Gravei seu primeiro samba e possuo inúmeros manuscritos de suas produções, algumas ainda inéditas¹. Por minha iniciativa, ele trabalhou em emissoras do Rio e, numa delas, produziu esquetes e paródias de óperas e compôs uma opereta inédita até hoje.

Muita inverdade divulgou-se sobre Noel e muita lenda veio crescendo em torno de seu nome. Já vi e ouvi atribuírem a Noel fatos que comprovadamente ocorreram com outras criaturas... É tempo, portanto, de se separar o joio do trigo e fixar-se a verdade para os historiadores honestos do futuro, com o relato de episódios do passado em que o grande compositor se viu envolvido, e outros que ainda permanecem na memória dos seus contemporâneos. São esses depoimentos, obtidos à custa de pacientes pesquisas e aliados às minhas próprias memórias e firmados nos elementos de meu arquivo, que transcrevo para estas páginas que não são somente uma homenagem a uma das maiores figuras do cancionero popular, mas um tributo à verdade, que merece respeito.

Em toda a minha vida radiofônica passei a divulgar — escrevendo e falando — os assuntos mais diversos, quase sempre ligados à música popular, nas Rádios Philips, Transmissora, Nacional, Record,

Tupi, Globo e Clube do Brasil, e produzindo os programas Curiosidades Musicais (1935), Orquestra de Gaitas (1940), A Canção Antiga e Tribunal de Melodias (1941), História do Rio pela Música (1942), História das Danças, Campeonato Brasileiro de Calouros e Histórias de Orquestras e Músicos (1944), Aquarela do Brasil (1945), Carnaval Antigo (1946), O Pessoal da Velha Guarda (1947), Academia de Ritmos (1952) e A Nova História do Rio pela Música (1955).

Sobre outros temas também lancei programas que alcançaram sucesso, tais como Caixa de Perguntas (1938), Programa de Reclamações (1939), Anedotário das Profissões (1946), Incrível, Fantástico, Extraordinário (1947), Onde está o Poeta? (1948), Corrija o Nosso Erro (1953) e Recolhendo o Folclore (1955).

Somente sobre Noel Rosa transmiti os seguintes programas: Noel Rosa (Rádio Tupi, 04/05/1942), No Tempo de Noel Rosa (Rádio Tupi, 06/04/1951 a 31/8/1951), A Vida de Noel Rosa (Rádio Record, 12/09/1952 a 09/01/1953) e Recordações de Noel Rosa (Rádio Record, 16/01/1953 a 13/02/1953). Na Revista da Semana, com fotografias, documentos e fatos desconhecidos, publiquei em 12 capítulos, de 18/10/1952 a 03/01/1953, "A Vida de Noel Rosa".

Realizei várias palestras, sob os mais diferentes títulos, em clubes, colégios, teatros, emissoras de rádio e televisão, no Rio, Niterói, São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza, evocando o notável compositor. No Rio, ficaram marcadas as conferências "Retrato Musical de Noel Rosa", sob os auspícios da Sociedade de Teatro de Artes, na Maison de France, em 20/09/1956, e "A Noite de Noel", na Sociedade Hípica Brasileira, em 28/10/1956.

Inúmeros jornais e revistas valeram-se do material do meu arquivo, iniciado em 1930, para que o nome de Noel Rosa fosse sempre lembrado. Em 1962, quando ocorreu o vigésimo quinto aniversário de sua morte, reportagens repisaram vários erros criando imagens falsas do notável cantor, compositor e poeta. Por isso torna-se necessário, de maneira indiscutível, afirmar, provar e atestar os depoimentos de quantos viram e ouviram fatos de sua vida, a fim de que sua existência seja bem compreendida e melhor admirada.

Almirante

1.No início do ano 2000, uma coletânea de cds com gravações de todas as músicas de Noel Rosa foi lançada pela FUNARTE em parceria com a gravadora Velas e sob a organização de Omar Jubran. (N.O.)



I

**O NASCIMENTO DO
SAMBA CARIOCA**

Capítulo 1

ANTECEDENTES FOLCLÓRICOS

Entusiasmado com as criações do violonista João Pernambuco, Noel Rosa compôs sua primeira obra musical em versos, a embolada "Minha Viola". Quatro dias antes de morrer, Noel Rosa deixou seu derradeiro manuscrito, a embolada "Chuva de Vento".

Em 1897, Sílvio Romero lançou seu volume Cantos Populares do Brasil, em 1901, Melo Moraes Filho, Festas e Tradições Populares do Brasil, em 1903, Rodrigues de Carvalho, Cancioneiro do Norte, em 1908, Pereira da Costa, Folclore Pernambucano, Alexina de Magalhães Pinto lançou, em 1909, Os Nossos Brinquedos e, em 1911, Cantigas das Crianças e do Povo — valiosos subsídios do Norte e Nordeste. Estando em voga os temas do Nordeste, em 1909, Osório Duque Estrada, autor dos versos do Hino Nacional Brasileiro, publicou o livro O Norte (Impressões de Viagem), um panorama do folclore nordestino.

João Teixeira Guimarães nasceu a 2 de novembro de 1883, em Jatobá, Pernambuco. Com 12 anos foi para Salinas, em seguida para o Recife. Ainda garoto, nos centros dos cantadores e nas feiras, ouvia e admirava Virgolino do Teixeira, Gorgulino, Romano da Mãe D'Água, Inácio da Catingueira, Mané do Riachão e vários outros. Ali recebeu as primeiras instruções violonísticas de Manoel Cabeceira, Cirino de Guajurema, Bem-te-Vi, Madapolão, Serrador, cego Sinfrônio

e Falcão das Queimadas.

Em 1902 veio para o Rio e daqui em diante tornou-se conhecido pela alcunha de João Pernambuco. Aqui se fez amigo de Quincas Laranjeiras, Zé Rebelo, Mário Cavaquinho, Sátiro Bilhar, Veloso e tantos outros.

Anos depois conheceu o poeta Catulo da Paixão Cearense, que desde 1900 publicava livros de versos e modinhas e, até 1912, não havia produzido nada absolutamente, em poemas sertanejos, especialmente dos costumes nordestinos. Certa vez, João Pernambuco pôs-se a cantar uma toadinha com os versos populares de sua terra, mas compondo melodia inédita, exclusivamente de sua autoria:

Nega, você me dá
(o tiá)
Nega, você não dá não
Nega, se você me dá
E tá na faca, na madeira e no quicé.

Cinco pataca,
Dois tostões,
Mil e quinhento
Minha casa mobiada
Gás aceso e o povo dento...etc.

Catulo nasceu a 8 de outubro de 1863 em São Luís do Maranhão, seguiu para o Ceará e com 17 anos de idade veio para o Rio. Da amizade com João Pernambuco, que lhe exibiu a sua melodia, resultou a criação da primeira canção sertaneja de cunho folclórico.

Entusiasmado com a novidade do coco-de-emboladas², Catulo anotou as expressões típicas e saborosas do Nordeste, apontadas pelo violonista. Catulo já não se recordava dos interessantes vocábulos e estranhava o próprio título que João Pernambuco indicara — “Caboca do Caxangá”. Caxangá, o lugar em que tanto vivera...

Sobre a origem dessa famosa cantiga servem como prova definitiva as palavras do poeta, em entrevista do Diário de Notícias de Lisboa, de 30 de janeiro de 1935: “... quando começava a minha obra poética mais importante apareceu-me o João Pernambuco, que vinha do Norte e que, sobre tocar muito bem o violão, me trouxe um vocabulário ainda não pervertido pela língua culta”.

Sem a menor dúvida, Catulo aproveitou os principais elementos melódicos de João Pernambuco para o estribilho citado pelo violonista:

Caboca de Caxangá
Minha caboca vem cá.

E veio, assim, a versalhada repleta de vocábulos colhidos no repertório de João Pernambuco, como Caxangá, Pajeú, Jaboatão, Santo Amaro (lugares e adjacências do Estado de Pernambuco); indaiá, imbiçuru, oiticica, gameleira, taquara (árvores, madeiras do Nordeste); urutau, chorão, jaçanã, quartau, quicé (aves, animais, expressões), usados na nova canção:

Em Pajeú, em Caxangá,
Em Cariri, em Jaboatão,
Eu tenho a fama de cantô

I valentão... etc...

A cantiga despertou interesse no povo, sendo publicada em 1913, no volume Lyra dos Salões (Rio de Janeiro, edição Quaresma, 1913). Como testemunho de gratidão ao seu indiscutível colaborador e parceiro, Catulo imprimiu com esta dedicatória:

“Ao Pernambuco, o insigne violonista” (**CABOCA DE CAXANGÁ**, p. 232)

Era de grande efervescência o movimento artístico daquela época e, em 1914, várias revistas teatrais do ano referiam-se à nova moda musical. Nos três dias do carnaval, animado conjunto, sob o título de Grupo do Caxangá, percorreu os principais pontos da Avenida Rio Branco³. Seus componentes, orientados por João Pernambuco, usavam máscaras ou grandes barbas, empunhando seus instrumentos e trajando vestimentas típicas, com nomes de guerra nas palas dobradas dos chapéus, conforme foto no O Malho⁴ de 28/02/1914: João Pernambuco (Guajurema), Jacob Palmiéri (Zeca Lima), Donga (Zé Vicente), Caninhá (Mané do Riachão), Pixinguinha (Chico Dunga), Henrique Manoel de Souza (Mané Francisco), Manoel da Costa (Zé Porteira), Osmundo Pinto (Inácio da Catingueira). (Ver página 38)

No último dia do carnaval, alguns préstitos exibiam, em carros especiais, letreiros sob o título de “A Embolada do Norte”.

Devido ao êxito de “Caboca de Caxangá”, no ano seguinte João Pernambuco apresentou a Catulo outra melodia do mesmo tipo de coco de embolada, a que o poeta pôs letra intitulado-a de “Luar do Sertão”. O poeta editava as músicas, gravava-as em chapas de

discos e cantava-as nas festinhas caseiras, nos recitais e palcos, citando somente o seu nome, sem jamais mencionar outros parceiros!

No teatro persistiu o interesse pelos movimentos folclóricos e naquela ocasião representaram-se as peças Ouro Sobre Azul, revista⁵ de Maria Lina (Teatro Recreio⁶, 12/10/1915), e A Caboca de Caxangá, burleta⁷ de Gastão Tojeiro, música de Carlos Rodrigues e Luís Corrêa (Teatro São José⁸, 07/12/1915).

Afonso Arinos, no mesmo ano, realizou um ciclo de conferências sobre temas folclóricos, finalizando-o em 28 de dezembro, com a conferência "Lendas e Tradições Brasileiras", sob o patrocínio da Sociedade de Cultura Artística, no Teatro Municipal de São Paulo, tendo sido apresentados autos e danças dramáticas e tradicionais. Nas festas eram convidadas as mais ilustres figuras da sociedade paulista e a imprensa informava:

"Para essa parte veio do Rio um grupo de exímios artistas nacionais, reunidos para esse fim pelo senhor João Guimarães, conhecido pelo cognome de Pernambuco, sua terra natal, que ele honra pelo seu talento artístico, exuberante e espontâneo. Foram companheiros de Pernambuco, o grande tocador de viola e de violão, os nossos instrumentos populares por excelência, os senhores Otávio Lessa, Luiz Pinto da Silva e José Alves Lima"⁹.

Em dezembro, dia 30, e em janeiro de 1916, o espetáculo repetiu-se e João Pernambuco criou a Trupe Sertaneja, que se exibiu em São Paulo e, em seguida, no Rio e em Porto Alegre.

Crescia o interesse pelas músicas populares de fundo folclórico. Os

jornais dedicavam particular atenção aos versos das canções brasileiras, especialmente as sertanejas. No Rio, a 14 de fevereiro de 1916, representava-se a revuette¹⁰, Carnaval no Trianon, de autoria de Fábio Aarão Reis, com músicas de Luiz Moreira e Raul Martins, com Abigail Maia cantando canções folclóricas. No Teatro São Pedro (24 de abril), apresentava-se a revista O Meu Boi Morreu, de Raul Pederneiras e J. Praxedes, com melodias de Pascoal Pereira e Adalberto Carvalho, e o maior sucesso do carnaval do ano, a toada folclórica "O Meu Boi Morreu".

Dois anos atrás, Abigail Maia, considerada a "atriz da moda", granjeara o justo título de "a rainha da canção brasileira", com repertório de modinhas brasileiras e sertanejas como "Chico Mané Nicolau", "Nhô Djuca", "Inderê", "Chora, Chora, Chorado", "Cambuco e Balaio", "O Meu Boi Morreu", "A Rolinha", "Assim É que É", "Rolinha do Sertão" e outras. Era ainda lembrado o êxito em Santos, no Rinque Miramar, e depois em várias cidades, do célebre trio Foca-Abigail-Moreira, de José Batista Coelho (João Foca), teatrólogo e humorista; Abigail Maia, atriz e cançonetista, e Luiz Moreira, compositor e maestro.

Em 30 de abril desse mesmo ano, os motivos populares do Nordeste deram origem à peça de costumes sertanejos O Marroeiro, original de Catulo da Paixão Cearense e Ignácio Raposo, com músicas do maestro Paulino do Sacramento, incluindo o estribilho de maior sucesso, com diferentes alterações melódicas em seus versos:

Olha a rolinha
Sindô, sindô
Mimosa flor

Sindô, sindô
Preso no laço
Do meu amô.

A respeito das criações das melodias “Caboca de Caxangá” e “Luar do Sertão”, estampamos o depoimento definitivo da carta do saudoso maestro Villa-Lobos (Documento A, ver página 32). E acrescentamos mais declarações que atestam ter sido João Pernambuco o autor das famosas canções, com as assinaturas de José Rebelo da Silva, o Zé Cavaquinho (Documento B, ver página 33), Benjamim de Oliveira e Alcebíades Carreiro (Documento C, ver página 34), o professor Sylvio Salema Garção Ribeiro (Documento D, ver páginas 35 e 36), o musicólogo Mozart de Araújo e a frase do ilustre crítico Andrade Murici, publicada na coluna “Pelo Mundo da Música”, do Jornal do Brasil de 13 de agosto de 1941:

“... Luar do Sertão, letra de Catulo da Paixão Cearense, para a qual esse modesto João Pernambuco compôs música destinada a viver enquanto houver vida num coração de brasileiro”.

Declara Mozart de Araújo:

João Pernambuco era homem simples, modesto, de poucas letras. Não tinha ambições de glória e muito menos de fortuna, tanto assim que, apesar do talento excepcional que possuía, morreu pobre.

Foi desse homem autêntico e verdadeiro que ouvi a declaração de haver fornecido a Catulo Cearense muitas das suas cantigas trazidas do Norte, entre estas a melodia “É do Humaitá”, que ele cantava ao violão ou à viola.

Catulo, apesar de possuir um bom ouvido, não era um compositor, e também não era um bom musicista, pois o seu violão era rudimentar.

Em termos de criação musical, não é possível compará-lo a Pernambuco, cuja obra é das melhores do repertório violonístico do Brasil.

Pessoalmente ouvi de Catulo que a melodia “É do Humaitá” foi trazida do Norte por João Pernambuco.

“Modifiquei e fiz o ‘Luar do Sertão’, que foi vendido ao Figner¹¹”, declarou-me Catulo, em 1946, poucos meses antes de morrer. Conhecendo Catulo e Pernambuco, entendi que a modificação da melodia consistiu simplesmente em adaptá-la à letra que, esta sim, era de Catulo. Ademais, João Pernambuco nunca se cansou de exaltar o poema de Catulo, que ele considerava um dos mais belos da nossa língua.

Conheço versões folclóricas do coco “É do Humaitá” e nenhuma dessas versões coincide com a melodia que Pernambuco cantava. Não hesito, pois, em afirmar que a melodia fornecida a Catulo era criação própria de João Pernambuco, como eram as toadas “Vancê”, “Tiá de Junqueira”, “Biro-biro-yaiá”, “Siricóia”, “Ajueia Chiquinha” e tantas outras.

Por Catulo nunca tê-lo mencionado como autor da melodia de “Caboca de Caxangá” e “Luar do Sertão”, João Teixeira Guimarães, com profunda mágoa, faleceu a 16 de outubro de 1947.

- 2.O coco-de-embolada é um gênero musical muito popular na região nordeste do Brasil, em que dois repentistas travam um desafio musical através de improvisos. A letra é geralmente cômica ou satírica. (N.O.)
- 3.A avenida Rio Branco corta o centro da cidade do Rio de Janeiro.Antes chamada de Avenida Central, é uma das principais ruas do centro e foi um marco da reforma urbanística de Pereira Passos no início do século XX. (N.O.)
- 4.O Malho foi uma revista brasileira criada em 1902, cuja especialidade era satirizar as notícias políticas da época. (N.O.)
5. Redução da expressão teatro de revista, que consiste num tipo de espetáculo teatral, composto de números falados, musicais e humorismo. (N.O.)
- 6.Surgido ainda no século XIX e inicialmente chamado de Recreio Dramático, esse teatro ficava em frente à Praça da Constituição, no centro do Rio de Janeiro. Foi demolido em 1968. (N.O.)
- 7.Tipo de peça teatral cômica, que teve origem na Itália do século XVIII. (N.O.)
- 8.O teatro São José localizava-se na praça Tiradentes, no centro do Rio de Janeiro, e funcionou de 1903 a 1926. (N.O.)
09. "Lendas e Tradições Brasileiras", Afonso Arinos. (N.A.)
10. Tipo de ato teatral surgido no início no século XIX que mistura dança, esquetes e música. (N.O.)
11. Fred Figner foi dono da Casa Edison, o primeiro estúdio de gravação de disco do Brasil. (N.O.)

O LUAR DO SERTÃO

Rio, 13/1/47

Meu caro amigo Almirante

Entusiasmado pela sua bravura em defesa da verdade, para o bem da nossa música e para botar os pingos nos 11, na questão surgida ultimamente, nos meios radiofônicos e jornalísticos brasileiros sobre o "Luar do sertão" e "Cabocla de Caxanga", venho declarar o seguinte:

Que Catulo, com quem convivi por mais de 30 anos e por quem alimentava uma grande admiração, tinha por hábito, todas as vezes que nos encontramos depois das minhas viagens pelo interior do Brasil, mostrar o que havia feito de interessante.

Numa dessas ocasiões, ele cantou-me o "Luar do sertão", pedindo-me uma opinião sobre a sua nova modalidade de canção.

Como sempre franco, respondi que achava a letra muito interessante, apesar de não estar de acordo com o língüajar a maneira autêntica (sertaneja) mas que, quanto a parte musical, não achava nenhum interesse porque não possuía mais aquelas frases líricas das suas modinhas anteriores, que provocavam as mais lindas e variadas modulações harmônicas. Entretanto, como era uma música nova que ele me mostrava e eu o sabia de antemão incapaz de escrever uma célula melódica que fosse, perguntei-lhe quem era o autor, ao que ele me respondeu ser um autêntico sertanejo que vinha de conhecer naquele momento.

Mais tarde, vim a saber que se tratava de João Teixeira Guimarães (vulgo "João Pernambuco") em quem reconheci real valor de original e característico compositor sertanejo.

Um abraço do amigo



A. Villa-Lobos

Documento A. Depoimento de Villa-Lobos.

DOCUMENTO A - Depoimento de Villa-Lobos

Conheci João Pernambuco, a quem dei mesmo algumas aulas de violão, logo que ele chegou ao Rio e quando morava no Rio Comprido e trabalhava como malhador de ferro. Conheci também intimamente o Catulo - fui seu acompanhador muito tempo, inclusive tomando parte na sua apresentação no Conservatório de Música, em 1908, quando ele se apresentou em público pela primeira vez. Foi testemunha da amizade iniciada entre Catulo e João Pernambuco. Tenho a mais absoluta certeza de que a melodia do "Luar do Sertão" não é da autoria de Catulo. Catulo somente fazia versos para melodias de outros, conhecidas ou desconhecidas. Sei que há músicas publicadas com seu nome como compositor, mas tenho a certeza de que isso vem do fato de não se conhecerem seus verdadeiros autores. As músicas de "Cabôca do Caxangá" e "Luar do Sertão" que todos atribuem a Catulo somente, foram primeiro cantadas na nossa ródá pelo João Pernambuco. Não posso jurar que tais músicas sejam de João Pernambuco, mas sei perfeitamente que foi ele quem as deu ao Catulo e que, as músicas que depois apareceram com os versos da "Cabôca do Caxangá" e "Luar do Sertão" foram as mesmas que João Pernambuco cantava antes, as mesmíssimas, sem a menor modificação ou arranjo.

Faço a presente declaração de motu-proprio, sem o menor constrangimento, pois tudo que aí está é a expressão da verdade.

Rio de Janeiro, 9 de Agosto de 1947

José Rebelo da Silva
José Rebelo da Silva
("José Cavaquinho")

Funcionário do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico.
Documento B. Depoimento de José Cavaquinho.

DOCUMENTO B - Depoimento de José Cavaquinho

DECLARAÇÃO

Eu, Benjamin de Oliveira, declaro que conheci e fui amigo íntimo de Catulo da Paizão Coarense durante 46 (quarenta e seis anos), e o estimei como a um irmão. A bem da verdade devo, porém, dizer que a melodia do "Luar do Sertão" que Catulo usou para seus versos magníficos era a de uma toada que João Pernambuco cantava muito naquele tempo. Não posso garantir que o autor tenha sido o João Pernambuco; sei, porém, com absoluta certeza, que foi ele o primeiro a aparecer no Rio de Janeiro, nas rodas que eu frequentava sempre com o Catulo, o Bilhar, o Quincas Laranjeiras, o Cadete, e outros, -continuando- que foi ele o primeiro a aparecer cantando aquela melodia. Catulo era um poeta extraordinário, um amigo boníssimo, um companheiro encantador, mas no caso da melodia do "Luar do sertão", para ser honesto, devo afirmar que acredito mais que ela seja do João Pernambuco do que do Catulo, porque este geralmente não compunha músicas; aprendia as melodias que andavam em vóga, escrevia para elas seus versos e ele mesmo as divulgava, cantando.

Finalizo declarando que presto estes esclarecimentos sem o menor constrangimento, na presença de meu filho adotivo Alcebíades Carreiro (Edi Alcides), que também assina abaixo, como testemunha.

Rio de Janeiro, 31 de Maio de 1947

Benjamin de Oliveira
Alcebíades Carreiro

Affirmo ser os verdadeiros as assinaturas acima de Benjamin de Oliveira, meu pai, e de Alcebíades Carreiro, meu irmão adotivo.

Rio, 12 de novembro de 1975

Benjamin de Oliveira
Alcebíades Carreiro

DOCUMENTO C - Declaração conjunta de Benjamin de Oliveira e Alcebíades Carreiro

Rio, 11 de Janeiro de 1947.

Almirante

Declaro, como esclarecimento ao caso de autoria da melodia do "Luar do Sertão", que:

nos 7 anos (1909), conheci Catulo e Pernambuco em minha casa, em São Cristóvão;

que sempre, desde criança, cantei modinhas brasileiras, principalmente aquelas que tinham letra de Catulo;

que em 1923, na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro fui o primeiro a fazer um programa de músicas brasileira, tendo como acompanhador, Mozart Piculho e que, nuns desses programas, Catulo me declarou que não era o autor da música "Luar do Sertão" e sim, da letra;

que no dia 7 de Julho de 1941, publiquei no "O Imparcial" um artigo sobre João Pernambuco, escrevendo sobre o assunto, o seguinte:

" E daí vieram os sucessos: Cabocla de Caxangá, Luar do Sertão, Seu Coitinho pega o boi, a jueia Chiquinha, Cêco, dendê, trapidô, A coivara do meu peito, Ganção do marrocoiro, O tifi da Langueira, etc. Pernambuco compôs as músicas e Catulo os versos.

o Luar do Sertão consagrou Pernambuco como compositor popular."

quanto à carta de Gondim da Fonseca sobre a promoção de Pernambuco a continue da Prefeitura, também não é verdade, pois não se era continue antes do "Luar do Sertão" ser cantado pelos populares da Municipalidade e, eu era, nessa época, o Assinante do chefe do Serviço de Educação Musical e Artística.

quanto às outras músicas de João Pernambuco, com letra de Catulo, que também pensam ser este último o seu autor, deve esclarecer que possui um exemplar de "Marrocoiro", sob o nº 74, editado em S. Paulo, pela casa Campos e Camin, onde, na capa, traz a declaração de que a música "Bem-te-vi", também é de João Pernambuco.

Documento D. Depoimento de Sylvio Salema Garção Ribeiro.

DOCUMENTO D - Depoimento de Sylvio Salema Garção Ribeiro

Quanto ao início da questão, quer dizer, antes do ano de 1906, você poderá obter melhores esclarecimentos do professor Antonio Maria dos Passos, atualmente flautista da Radio Nacional e do Candinho, trombonista da Orquestra do Teatro Municipal.

Lamentando as ocorrências que determinaram a polêmica desagradável sobre a autoria da melodia do "Luar do Sertão", diria, mais uma vez, que o seu autor é João Teixeira Guimarães (João Pernambuco), porque o próprio Catulo Iase me declarou.

Aproveito a oportunidade para remeter um exemplar da última composição de João Pernambuco, "A Retra da do Sertão" com letra de Wilson W. Rodrigues que alcançou verdadeiro sucesso, cantado pelo Orfeão dos Professores da Prefeitura do Distrito Federal, sob a minha direção, na homenagem prestada pela Secretaria Geral de Educação e Cultura à Academia Brasileira de Letras.

Sinceros parabens pela campanha que vem realizando, sem partidarismo em prol da verdade.

Do amigo de sempre

Sylvio Salema Garçon Ribeiro

DOCUMENTO D - Depoimento de Sylvio Salema Garçon Ribeiro



Fac-símile da capa Coleção Escolar, contendo "O Lugar do Sertão" em arranjo de Villa-Lobos



João Pernambuco na rádio Tupi. Da esquerda para a direita: Almirante, João

Pernambuco, Sylvio Selema, Guimarães Martins e Anselmo Domingos (1947)



Grupo do Caxangá. Da esquerda para a direita, com chapéu de pala: à frente - Jacob Palmiéri e Vidraça; atrás - China, João Pernambuco, Raul Palmiéri, Caninha, Pixinguinha e Nola (Foto publicada em O Malho, 1914).

Capítulo 2

NASCE O SAMBA CARIOCA

A toada “Rolinha” foi cantada em todo o ano de 1916, nas ruas, teatros e cabarés, sob as mais diferentes formas.

No século passado, a palavra samba designava somente a dança de origem africana, conforme pesquisas de Luís da Câmara Cascudo, das quais transcrevemos este trecho:

“Frei Miguel do Sacramento Lopes Gama, no Carapuceiro (nº 6, Recife, 03/02/1838) esbraveja indignado contra o samba d’almocreves, e no nº 64 de 12/06/1842, registra:

Aqui pelo nosso mato,
Qu ’estava então mui tatamba,
Não se sabia outra cousa
Senão a Dança do Samba”¹².

As festividades religiosas dos afro-brasileiros no Rio de Janeiro tiveram importância durante as comemorações natalinas, especialmente os ranchos e temos de Reis. Na Rua Visconde de Itaúna, nº 117, defronte da Praça 11 de Junho (hoje Av. Presidente Vargas¹³), residia a baiana Hilária Batista de Almeida, nascida no dia de São Jorge e tratada como Tia Ciata ou Asseata. Os habitués da casa dançavam o samba usando suas duas formas: partido alto e

raiado. Armandando-se a roda, todos batiam palmas ritmadas, com o acompanhamento de violões, cavaquinhos e instrumentos de percussão, cantando melodias com versos populares. Ao serem escolhidos dois pares, defronte dos outros passistas faziam evoluções com sinais cabalísticos e cada um dava forte umbigada¹⁴.

Num partido alto, em 1916, seis participantes da roda criaram o samba intitulado "Roceiro": Hilário Jovino, Mestre Germano, Tia Ciata, João da Mata, J. B. da Silva (Sinhô) e Mauro de Almeida, que escreveu os versos.

A primeira exibição do número, classificado como tango, deu-se no Cinema Teatro Velo, à Rua Haddock Lobo, Tijuca, a 25 de outubro daquele ano.

Crescia a popularidade dos telefones no Rio e os apresentadores de música preferiam citar como título a segunda linha dos versos de Mauro de Almeida — "pelo telefone". Com o sucesso da música, uma nova apresentação ocorreu para a imprensa, no dia 3 de novembro. Aproveitando-se do êxito do samba, o violonista Donga o registrou na Biblioteca Nacional (Documento E, ver página 49) e anotou o fato em tabelião, no dia 16 (Documento F, ver página 50). Foi registrado em volume oficial da Biblioteca sob o número 3.295 e com a data do dia 27 de novembro de 1916.

Quem escreveu a partitura do samba não assinou seu nome, datando-a de 1º de novembro de 1916. Donga não sabia traçar as notas de música, executando seu instrumento de ouvido. Aquele que escreveu o manuscrito do samba traçou na capa o título da música como Pelo Telephone.

Em seguida Donga mandou imprimir a música na tipografia do

Instituto de Artes Gráficas, à Rua 13 de Maio, nº 43, escrevendo na capa: Registrado na Biblioteca Nacional, nº 3.295 - 16/12/1916. Esta data significa apenas o dia em que a tipografia a imprimiu.

Em dezembro, na Casa Edison, à Rua Sete de Setembro, nº 90, gravou-se o samba na chapa 121.312, Odeon, com a Banda Odeon; em seguida, sob o número 121.322, com Baiana e coro, gravado com todos os versos:

1ª Parte

O chefe da folia
Pelo telefone
Manda me avisar.
Que com alegria
Não se questione,
Para se brincar.

2ª Parte

Ai, ai, ai
É deixar mágoas pra trás
Ó rapaz
Ai, ai, ai
Fica triste se és capaz
E verás.

3ª Parte

Tomara que tu apanhes
Pra não tornar a fazer isso;

Tirar amores dos outros
Depois fazer teu feitiço . . .

4ª Parte

Ai, ai, rolinha
 Sinhô, sinhô,
Se embaraçou
 Sinhô, sinhô,
É que a avezinha
 Sinhô, sinhô,
Nunca sambou
 Sinhô, sinhô,
Porque este samba,
 Sinhô, sinhô,
De arrepiar
 Sinhô, sinhô,
Põe perna bamba.
 Sinhô, sinhô,
Mas faz gozar.
 Sinhô, sinhô.

1ª Parte

O "Peru " me disse
Se o "Morcego" visse
Eu fazer tolice,
Que eu não saísse
Dessa esquisitice
De disse e não disse...

2ª Parte

Ai, ai, ai,
Aí está o canto ideal
Triunfal.
Ai, ai, ai,
Viva o nosso carnaval
Sem rival.

3ª Parte

Se quem tira amor dos outros
Por Deus fosse castigado,
O mundo estava vazio
E o inferno só habitado

4ª Parte

Queres ou não,
 Sinhô, sinhô,
Vir pro cordão,
 Sinhô, sinhô,
Do coração,
 Sinhô, sinhô,
Porque este samba, etc.

Três anos antes, durante a intensa campanha contra o jogo em toda a cidade, em maio de 1913, os repórteres Castelar de Carvalho, Eustáquio Alves e outros do vespertino A Noite instalaram na rua, defronte da redação, pequena roleta rústica oferecendo “fezinhas”

ao povo. Numa reportagem com manchete, no dia 2, o jornal estampou a roleta cercada por populares assistindo à cena e, na primeira página: “O jogo é franco” e no subtítulo “Uma roleta em pleno Largo da Carioca”. Com a notícia do escândalo, o chefe da polícia, Belisário Távora, fez destruir a roleta e os apetrechos da jogatina. O assunto encerrou-se sem que qualquer compositor criasse canção mencionando o curioso episódio.

O outro chefe da polícia, Aurelino Leal, prosseguindo a campanha contra o jogo, a 30 de outubro de 1916, publicou uma nota oficial em todos os jornais:

“...ao delegado do distrito, ordenando-lhe que lavre auto de apreensão de todos os objetos de jogatina. Antes, porém, de se lhe oficial, comunique-se-lhe esta minha recomendação pelo telefone. Recomende-se, outrossim, ao mesmo delegado que intime os diretores dos clubes existentes na Av. Rio Branco e suas proximidades a se mudarem para outros locais, com prévia ciência, dentro do prazo de 30 dias, sob pena de serem cassadas as respectivas licenças”.

Na Capital Federal¹⁵ existiam vários clubes de jogo com nomes atraentes sobre música, carnaval, política e a guerra europeia, mas simples burlas das sociedades, como Clube Mozart, Palace Clube, Clube dos Políticos, City Clube, Cercle des Armes, Aliados, Internacional, Congresso dos Lordes, Epatant, etc.

Foram distribuídos pelas ruas folhetos anônimos com versinhos parodiando o samba e criticando intensamente o chefe da polícia:

O chefe da polícia

Pelo telefone
Mandou-me avisar
Que na Carioca
Tem uma roleta
Para se jogar. . .
Ai, ai, ai,
O chefe gosta da roleta,
Ó maninha
Ai, ai, ai,
Ninguém mais fica forreta,
Ô maninha.

Chefe Aurelino,
 Sinhô, sinhô,
Ê bom menino,
 Sinhô, sinhô,
Faz o convite,
 Sinhô, sinhô,
Pra se jogar,
 Sinhô, sinhô,
De todo jeito,
 Sinhô, sinhô,
O bacará,
 Sinhô, sinhô,
O pinguelim,
 Sinhô, sinhô,
Tudo é assim

Com as dúvidas sobre a autoria do samba, ferviam debates nos

cafés, nas esquinas e nas lojas de músicas. A esse respeito, a 4 de fevereiro de 1917, o Jornal do Brasil publicou este tópico em que criticava o violonista e os versos encaixados na melodia, considerada como tango, e citava os nomes dos legítimos criadores, classificando Ernesto dos Santos como falso autor e rotulando-o como "caradura":

Do Grêmio Fala Gente recebemos a seguinte nota:

Será cantado domingo, na Av. Rio Branco, o verdadeiro tango 'Pelo Telefone', dos inspirados carnavalescos, o imortal João da Mata, o mestre Germano, a nossa velha amiguinha Ciata e o inesquecível bom Hilário; arranjo exclusivamente pelo bom e querido pianista J. Silva (Sinhô), dedicado ao bom e lembrado amigo Mauro, repórter da 'Rua', em 6 de agosto de 1916, dando ele o nome de 'Roceiro':

Pelo telefone
A minha boa gente
Mandou me avisar
Que o meu bom arranjo
Era oferecido para se cantar.

Ai, ai, ai,
Leve a mão à consciência,
Meu bem,
Ai, ai, ai,
Mas porque tanta presença,
Meu bem?

Ô que caradura
De dizer nas rodas

Que este arranjo é teu!
É do bom Hilário
E da velha Ciata
Que o Sinhô escreveu.

Tomara que tu apanhes
Para não tornar a fazer isso,
Escrever o que é dos outros
Sem olhar o compromisso

Donga jamais respondeu e nem se defendeu na imprensa, silenciando-se totalmente, apesar dos severos protestos dos demais companheiros. Com a incerteza da autoria do número, outros compositores aproveitaram-se para editar a mesma melodia e versos, usando diferentes títulos, como "Chefe da Folia no Telefone", de Carlos A. Lima, "Ai, si a Rolinha Sinhô, Sinhô..." de J. Menra, como tango, "No Telefone, Rolinha, Baratinha e Cia", de Maria Carlota da Costa Pereira, também como tango com motivos carnavalescos.

Devido ao sucesso do samba, o Jornal do Brasil (11/02/1917) estampou a sextilha como propaganda:

O chefe da folia
Pelo telefone
Mandou-me dizer
Que há em toda parte
Cerveja Fidalga
Para se beber.

O Grupo de Caxangá, de João Pernambuco, permanecia em foco e o Jornal do Brasil (12/02/1917) imprimiu esta nota, omitindo o nome de Donga:

Grupo de Caxangá

Reaparecerá no próximo carnaval o Grupo de Caxangá, vestido com as características roupas do sertão do Norte. Os conhecidos foliões dão seus ensaios nos salões do Kananga do Japão¹⁶. O grupo sertanejo será assim composto: violões: Raul Palmiéri (Zeca Lima), João Bittencourt (Catolé), Joaquim dos Santos (José Vicente), João Pernambuco (Guajurema), Ovale (Zé Mola) e Henrique Viana (Ignácio Cabuqueira). Cantos: Bonfiglio (Chico Dunga), Alfredo Viana (Chico da Mãe D'Água) e Manoel dos Santos (Zé Porteira). Cavaquinhos: Honório Matos (Flor da Fama), Albertino Garibaldi (Canindé) e Oscar de Moraes (Mané do Riachão). Ganzá: Pedrinho Franco (Buretama). Maraca: José da Silva (Chico Gama). Trombones: Artur Cruz (Mané Francisco) e Henrique Viana (Ignácio da Catingueira). Cantores sertanejos: Oscar de Moraes (Mané do Riachão), João Pernambuco (Guajurema) e Monteiro Lopes (Mané Gozado). João Pernambuco cantará toadas sentimentais do Cariri.

No dia seguinte, o Jornal do Brasil publicou outra nota relacionada com o assunto, sem mencionar o violonista:

Grupo de Caxangá

Recebemos a seguinte comunicação:

Repelindo do grupo os maus elementos, comunicamos ao

grande maestro Vaga-Lume que reaparecerá no próximo carnaval o 'Grupo de Caxangá', que será assim organizado: Flautas: Alfredo Viana e Nola. Pistom: Bonfiglio. Trombone: Tourinho Marinho. Violino: Mesquita. Cavaquinho: Oscar de Moraes. Bandurra: Betinho. Violões: João Laranjeira, João Pernambuco e João Bittencourt. João Pernambuco cantará as suas trovas sertanejas. E Oscar de Moraes cantará as letras do conhecido e popular poeta Catulo Cearense. No primeiro dia de carnaval, o Grupo de Caxangá fará junção com o Ameno Resedá na Avenida e irão cumprimentar no Jornal do Brasil o grande Guimarães, falando, por essa ocasião, um conhecido carnavalesco, que tem sido sempre orador oficial do Caxangá. Já começaram os ensaios com grande entusiasmo e Pixinguinha, o conhecido flautista, já compôs a polca 'Vaga-Lume Sorrindo'.¹⁷

O fato de Donga editar como se fosse o autor exclusivo do "Pelo Telefone" fez com que vários amigos da Velha Guarda dele se afastassem. O cronista carnavalesco Francisco Guimarães (Vaga-Lume), no seu volume raríssimo Na Roda do Samba escreveu sobre a controvertida autoria do samba, usando as gírias pescar e apanhar com o sentido de aproveitar-se. Nas páginas 29 e 30:

"Quem foi o precursor da indústria do samba? O Donga com uma assimilação denominada 'Pelo Telefone'. A letra é um arranjo de Mauro de Almeida (O Peru dos Pés Frios) e a música também um arranjo do Donga de acordo com a letra e o resto foi pescado na casa de Tia Asseata na Rua Visconde de Itaúna, nº 117".

E mais adiante, na página 101:

“Foi na casa da Tia Asseata, num de seus famosos sambas, que o Donga apanhou o ‘Pelo Telefone’ e fez aquele arranjo musical...”

O Jornal do Brasil (15/02/1917) publicou outra estrofe, glosando a campanha policial contra o meretrício:

O chefe da polícia
Com toda carícia
Mandou-me avisar
Que de rendez-vuzes
Todos façam cruces
Pelo carnaval.

E A Noite exibiu, com espírito, a expressiva paródia encaixada no samba:

O chefe dos sherloques
Por meio do cabo
Manda-me avisá
Que vai de reboque
Já, senão acabo
De o desencaminhá.

Pode vir menino
Que uns véio amigo
Cá tu acharás
Temos Airelino
O bicho pelo antigo

E "muchas cosas mas".

12. Dicionário do Folclore Brasileiro, Luís da Câmara Cascudo, Instituto Nacional do Livro, 1954. (N.A.)

13. A Presidente Vargas é uma das ruas mais importantes da cidade do Rio de Janeiro e liga a zona norte ao centro. (N.O.)

14. Samba partido alto e samba raizado: depoimentos pessoais, entre 1929 e 1940, de Pixinguinha, Donga, João da Baiana e Heitor dos Prazeres. (N.A.)

15. À época, a capital do Brasil ainda era o Rio de Janeiro. (N.O.)

16. Sociedade Dançante Carnavalesca Kananga do Japão (1915-1927), célebre local carioca onde se disputavam concursos de variados ritmos (N.O.)

17. Nas Notas de 12 e 13 de fevereiro do Jornal do Brasil devem ser corrigidos ou acrescentados estes nomes: Joaquim Francisco dos Santos (Quincas Laranjeiras), Jayme Ovale, Bonfiglio de Oliveira, não Oscar de Moraes e sim José Luís de Moraes (Caninha), Manoel da Costa Nola e José Correia Mesquita. (N.A.)

PELO TELEFONE

Mmo Sr. Director da Bibliotheca Nacional.

Registrada em 20 de Novembro de 1916.

M. Manuel Cascaes



Reg. 27. 11. 16.

Gracate guardado.

João, brasileiro, músico, nada conhecido, fez de que se se designe de registrar a música intitulada a "Pelo Telefone" (rumba Camarade) e, da qual o Sr. Sr. é o autor, para os devidos efeitos. A referida música foi recitada por única audição oferecida a Imprensa, em 2 de Novembro de 1916 corrente anno e 2002. (Doc.º Justo).

Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1916

Ernesto



Ernesto

Em tempo: declarar que reside neste Capital e uso o pseudonymo: "Donga".
Rio de Janeiro, 20 de Novembro de 1916
Ernesto dos Santos

Declaro ainda que a musica a que se refere foi executada em publico.

Documento E. "Pelo telefone". Registro de Donga na Biblioteca Nacional.

DOCUMENTO E - Registro de "Pelo Telefone" feito por Donga na Biblioteca Nacional

3275
Reg. 27-11-716

Nos abaixo assignados declaramos que assistimos a execução, no Cinema Theatro Velô, em 25 de Outubro ultimos, da peça musical "Samba Barnaveles pelo Telefone" da autoria do sr. Humberto Parito e que foi ali executada pela primeira vez.

D. PONSECA REBELO
TABELIÃO DE REGISTROS
144 N.º 11, F.º 11, C.º 11
CAMPUS FEDERAL

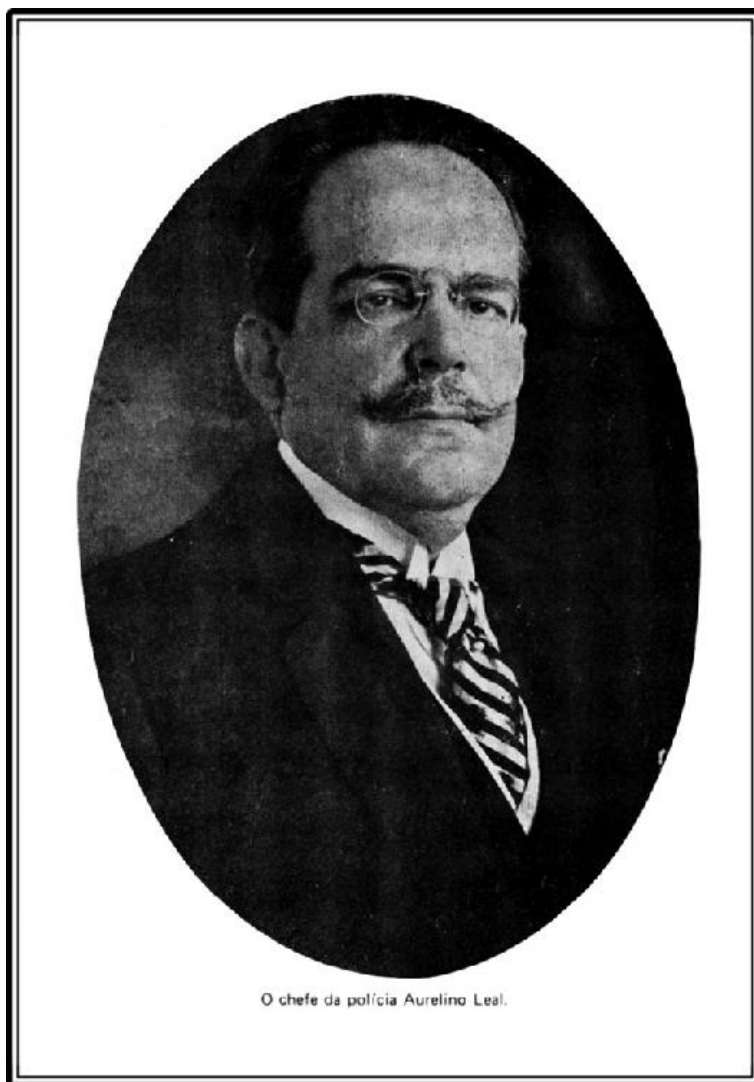
Rua de Jacuizang 16 de Hon. Alameda,
Cidade de Curitiba
44.156
Richmond
Juliano de Fomina

Documento F. "Pelo telefone". Registro de Donga em tabelião.

DOCUMENTO F - Registro de "Pelo Telefone" feito por Donga em tabelião



Capa da partitura de "Ai, si a rolinha, sinhô, sinhô", de J. Menra.



O chefe da polícia Aurelino Leal.

Chefe da polícia Aurelino Leal



**PELO
TELEPHONE**

Samba Carnavalesco
DE
GRANDE SUCESSO

por
ERNESTO DOS SANTOS
(DONGA)

R\$ 15500

REGISTRADA NA BIBLIOTECA NACIONAL
N.º 10.111-1/1946

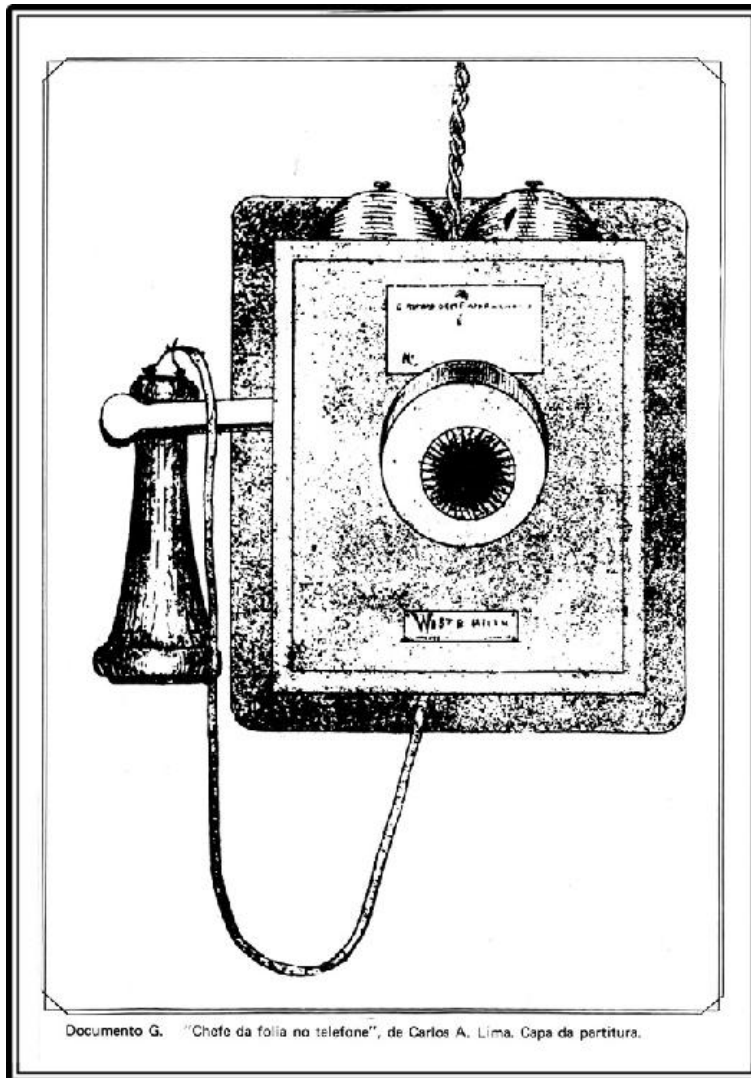
NOVIDADES DO SISTEMA APOSTOLAR		ESTA MÚSICA
ARRANJO PARA VIOLÃO	Talsa Janta	VIOLÃO
VIOLÃO	Rg - Tím	VIOLÃO
Vários outros arranjos	Samba	VIOLÃO

IMPRESA MÚSICA
LAFAYETTE RECORDS
LAFAYETTE RECORDS
LAFAYETTE RECORDS

Editor de Amor Gregório - 1946

"Pelo telefone", de Donga. Capa da partitura.

Capa da partitura de "Pelo Telefone", de Donga.



Capa da partitura de "Chefe da folia no telefone", de Carlos A. Lima.

Capítulo 3

OS OITO BATUTAS

Carnaval de 1919.

O Tenentes do Diabo¹⁸ tinha sua sede no primeiro andar da Rua Uruguaiana, 9. Quinho (Manoel Muratori Barreiras), diretor da Sociedade, armou um coreto no Largo da Carioca e nele exibiu-se, durante três dias, o Grupo de Caxangá, conjunto que se tornara tradicional no Rio.

Desaparecendo a “espanhola”, os cinemas ficaram com o problema da falta de músicos, tantos os que a terrível gripe havia levado. Anteriormente os cinemas possuíam ótimas orquestras acompanhando os filmes mudos. Apresentavam-se trios, quartetos ou quintetos nas salas de espera onde o público aguardava o início das películas. Sem tantos músicos, resumidas as orquestras, nas salas dos cinemas tocavam somente pianistas como Ernesto Nazareth, Augusto Vasseur, Aldo Taranto, J. Rondon, Arnold Glückmann, Mário Azevedo, etc. As músicas eram as da moda: tangos argentinos, valsas de vários países, operetas vienenses, trechos de óperas, foxtrots¹⁹ americanos, maxixes e polcas nacionais.



Os Oito Batutas animando uma festa de sábado no Palmeiras A. Club (1920)

Isaac Frankel, gerente do Cinema Palais, na Avenida Rio Branco, 147, observara a atuação do Grupo de Caxangá, constituído de vários elementos. Lembrou-se de Pixinguinha, um dos componentes do regional e também instrumentista do cinema, tocando flautim, e indagou-lhe se seria possível apresentar um grupo típico menor. Pixinguinha entrou em entendimentos com alguns companheiros seus, levando-os ao escritório de Frankel. Aceita a proposta, ficou-se em dúvida apenas quanto ao nome a ser dado ao novo conjunto. Isaac Frankel resolveu o problema de maneira simples, enumerando os instrumentistas:

— Bem... Flauta, bandolim, cavaquinho, três violões, ganzá e pandeiro?... Está resolvido: Os Oito Batutas!

O conjunto se tornou célebre em todo o mundo e seus componentes foram: Alfredo da Rocha Viana Filho (Pixinguinha) e seu irmão Oswaldo Viana (China), Ernesto dos Santos (Donga), Raul e Jacob Palmiéri, Nelson Alves (Boina), Luís Silva e José Alves (Zezé).

A primeira exibição de Os Oito Batutas ocorreu a 7 de abril de 1919, na sala de espera do Cinema Palais, sob a designação de Orquestra Típica. Repertório: maxixes, lundus, canções sertanejas, corta-jacas²⁰, batuques, cateretês²¹, etc... Nos anúncios dos programas a palavra samba não fora citada, prova de que o gênero ainda não se havia fixado de maneira perfeita. Como título de grupo, simplesmente “Os Batutas”.

Semanas depois o novo conjunto apresentou-se pela primeira vez em palcos, no Cinema América, da Praça Saens Peña, na Tijuca. Logo em seguida rumou para São Paulo, depois para Minas Gerais, onde sua fama despertara enorme curiosidade.

Os Oito Batutas tornaram-se, realmente, um dos maiores e mais originais conjuntos do Brasil. Em setembro de 1920, participaram de um piquenique na Tijuca em honra aos reis da Bélgica. E nos préstitos do carnaval de 1921, a 8 de fevereiro, o cenógrafo Jaime Silva armou num caminhão uma pitoresca casinha de sapé com um barril de chope ao lado e Os Oito Batutas executando números sertanejos. No mesmo ano realizaram excursões à Bahia e Pernambuco e, em seguida, ao Sul, sempre com marcante sucesso.

Nas proximidades do carnaval de 1922, Duque — o dentista baiano Antônio Lopes de Amorim Diniz, que se transformou em bailarino exímio —, por iniciativa do Dr. Arnaldo Guinle, forneceu ao grupo

passagens a fim de que se exibisse na França. E, a 29 de janeiro, o vapor Massilia zarpava com Pixinguinha, Donga, China, Nelson Alves, José Monteiro e Feniano, apresentando-se no Sherazade, um dos mais luxuosos cabarés de Paris na época. Houve, porém, um contratempo: já com as passagens de todos na mão, J. Tomás adoeceu e não pôde seguir. Por essa razão, em Paris, não puderam se apresentar com o nome original. Duque e Pixinguinha compuseram o maxixe rebolado “Les Batutas” com versos franceses:

Nous sommes batutas,
Batutas, batutas,
Viens de Brésil
Ici tout droit
Nous sommes batutas,
Batutas, batutas
Faisons tout le monde
Danser le samba.

Le samba se danse
Toujours en cadence
Petit pas par ci
Petit pas par là

Il faut de l'essence
Beaucoup d'élégance
Le corp se balance
Dansant le samba.

La musique est simple
Mais très rythmique

Nous sommes certains
Quiça vous plairait
Quiça sommes batutas
Batutas uniques
Pour faire tout le monde
Danser le samba²².

Regressando ao Rio, Os Oito Batutas participaram dos espetáculos da Companhia Bataclan, na peça V'la Paris, estreada a 24 de agosto.



Os Turunas Pernambucanos. Em pé: Ratinho, Cobrinha, Preá, Jandaia. Sentados: Bronzeado, Sapequinha, Jararaca e Pirauá (1922)

18.A Agremiação Sociedade Carnavalesca Tenentes do Diabo foi criada no início do século XX.(N.O.)

19.O foxtrot foi um tipo de dança muito popular nos anos de 1930. (N.O.)

20.Movimento de dança do samba popular, caracterizado pela movimentação dos pés juntos e quase nenhuma flexão das pernas (N.O.)

21.O cateretê é um tipo de dança rural em que os participantes formam duas filas , uma de homens e outra de mulheres. (N.O.)

22.Tradução: "Nós somos Batutas/Batutas, Batutas/ Viemos do Brasil/Direto para cá/ Nós somos Batutas/Batutas, Batutas/ Fazendo todo mundo/ Dançar o Samba // O Samba se dança/ Sempre com Harmonia/ Um passinho para cá/ Um passinho para lá // É necessário ter essência / Muita Elegância / Os corpos se Balançam / Dançando o Samba // A música é

simples/Mas bem cadenciada/ Temos certeza/ De que vocês vão gostar/ Porque Somos
Batutas/ Batutas únicos / Fazendo o mundo todo / Dançar o Samba.” (N.O.)

Capítulo 4

OS TURUNAS PERNAMBUCANOS

Em 1922, na visita a Recife, Os Oito Batutas deram motivo ao surgimento de um novo conjunto regional. Do entusiasmo provocado pelo famoso grupo resultou o nascimento dos Turunas Pernambucanos, composto por Severino Rangel (Ratinho), saxofone; José Calazans (Jararaca), violão e canto; Cipriano Silva (Cipoal), violão; Robson Florence (Sapequinha), cavaquinho; Ademar Adour (Dedé Adu ou Cobrinha), pandeiro-ganzá; Artur Costa (Sabiá), reco-reco e canto; e Romualdo Miranda (Bronzeado), violão.

Em abril, os Turunas Pernambucanos vieram para o Rio, exibindo-se também no Cine Palais, anunciados como "músicas do Norte", "caboclos brasileiros", "cantigas do sertão", "emboladas e desafios", estreando no dia 20. Em breves dias outros componentes uniram-se aos Turunas Pernambucanos: Felinto de Moraes (Caxangá), violão; Jacob Palmiéri (Jandaia), pandeiro; e João Guimarães (João Pernambuco), violão.

Várias emboladas tiveram estrondoso sucesso, como "Vamo Apanhá Limão, ó João", "Óia o Sapo Dentro do Saco, o Saco com o Sapo Dentro", "Espingarda pá, pá, pá, Faca de Ponta, tá, tá, tá", etc.

O interesse pelas músicas populares de sabor sertanejo não cessava. Já antes, em pesquisas folclóricas, Villa-Lobos visitara

vários pontos do Nordeste, e João Pernambuco, financiado por Arnaldo Guinle, perambulava por diversas regiões, com o intuito de colher material musical.

Entre 1923 e 1926, o movimento melódico sofreu intensa modificação no Brasil. Vários ritmos americanos — shimmy, charleston, blues, black-botton dominaram em épocas distintas. Surgiu o jazz-band, orquestras exóticas de instrumentos estrambóticos, como trombones extensos e trompetes com varas de quase dois metros; banjos metálicos; grotescos violínofones ou violinos-de-campana e, finalmente, suas baterias com bombos-de-pedais, absoluta novidade, com os mais esquisitos apetrechos: panelas, frigideiras, latas, apitos, buzinas, sirenes, etc....

Capítulo 5

TURUNAS DA MAURICÉA

O Correio da Manhã, interessado sempre pelos assuntos populares, especialmente os de origem sertaneja, lançou, aos domingos, a seção “O que é nosso”, que se iniciou a 19 de setembro de 1926, publicando contos, sonetos, poesias e músicas, algumas inteiramente originais, e meses depois anunciava um concurso carnavalesco, com prêmios atraentes.

Em janeiro de 1927 chegou ao Rio, depois de apresentar-se meses antes no Recife, um novo grupo sertanejo, denominado Turunas da Mauricéa. Compunha-se de: Augusto Calheiros, cantor; João Miranda, bandolim; Romualdo Miranda, João Frazão e Manoel de Lima, violões. O cego Manoel de Lima já estivera em 1908 na Exposição da Praia Vermelha, tendo-se exibido no Café Mourisco - esquina da Avenida Central e Rua do Rosário — de maneira sui generis: deitado sobre as pernas, tocava violão, dedilhando-o como piano e solando gaitinha com a boca. Sob o patrocínio do Correio da Manhã, num sábado, 22 de janeiro, no Teatro Lírico, o conjunto apresentou-se, ora de smoking, ora com vestimentas típicas, de chapéus de abas largas, com seus nomes de guerra estampados nas palas: Patativa do Norte, Riachão, Guajurema, Periquito e Bronzeado.

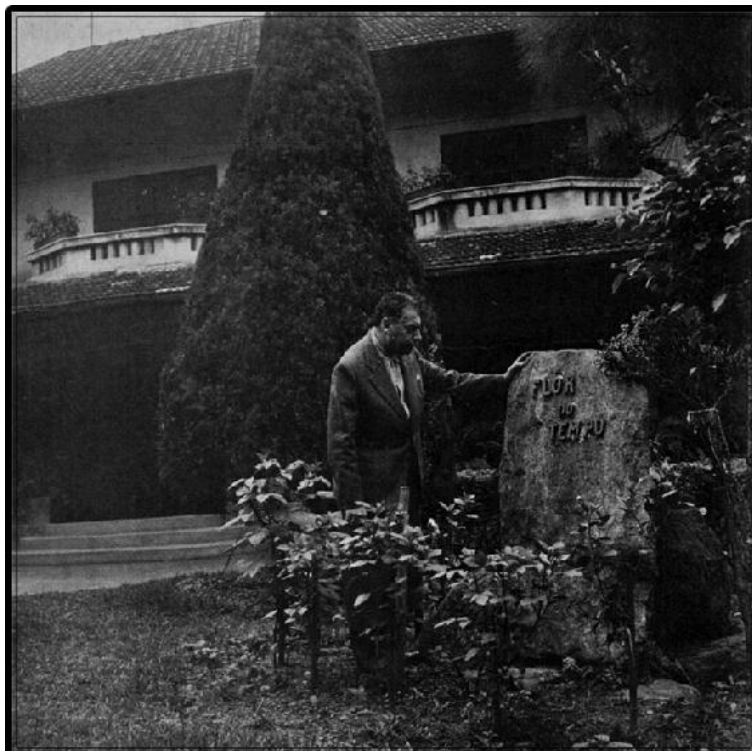
Ninguém seria capaz de descrever a emoção com que o nosso

público ouviu, naquela noite encantadora, sambas de rara beleza como "Samba de Caná":

Eu perguntei a meu mestre
Aonde era o Caná,
Ele me arrespondeu
Que era do lado de lá...



Os Turunas da Mauricéa. Augusto Calheiros, João Miranda, Manoel de Lima, João Frazão e Romualdo Miranda.



Almirante no jardim da residência de Eduardo Dale, no Trapicheiro , Tijuca. Alí nasceu o conjunto de amadores Flor do Tempo, do qual se originou, por sua vez, o Bando de Tangarás.

Números como "Helena":

Ai, Helena,
Ai, Helena,
Helena, meu bem,
Você não vá que eu tenho pena,
Helena.

Compadre Maninho te prepara
Para cantá com Zé Sereno
Eu inda não vi um cantado
Que ele não tirasse do empeno, Helena.

O incomparável "Indurinha do Coqueiro":

Indurinha do coqueiro
Ou roxa, meu bem.
Vamos avoá, meu bem,
Vamos avoá, meu bem,
Vamos avoá.. .

Se tu fosse um pé de pau,
Eu queria ser cipó.
Vivia em ti enroscado
Em teu corpo dando nó.. .

O irrequieto "Pandeiro Furado":

Vamos sambá no limoeiro
Cada quá com seu pandeiro . . .

Ou ainda o extravagante "Pequeno Tururu":

Oi balança o pequeno tururu.
Oi balança o pequeno de iaiá.
Balança o pequeno tururu
Ôi balança o Benedito no Ganzá.
Duro não me dá
Me chamo Mané Vicente;
Caio a casa pela frente
Pode vim, pode chegá,

Duro não me dá,
Aqui dentro do salão
Bate palma, alegre o povo
Rebate Sebastião
Õ balança . . .

Lindíssimas canções como "Na Praia" (uma lenda do Norte), de Raul C. de Moraes:

Na praia a vi sentada um dia,
Bem tristemente a meditar. . .

E "Único Amor", a extraordinária valsa de Alfredo Medeiros e Armando Gayoso:

Quero te dizer, querida,
Nesta hora da partida,
Toda imensa dor,
Que me vai n'alma dorida,
De pobre trovador,
Eu quero recordar

Ai, a luz deste luar,
Na minha voz o teu amor. . .

Um mês depois (sábado, 19/02/1927), realizou-se, então, o Grande Concurso Carnavalesco de Sambas e Maxixes, que se iniciou com ligeira palestra de Luís Edmundo. Apresentaram-se vários intérpretes, como Américo Jacomino (Canhoto), com seu "Abismo de Rosas"; a menina Ivone Rebelo, filha do Zé Cavaquinho; Sinhô, executando ao piano "Ora Vejam Só", e outros. E nova apresentação dos Turunas da Mauricéa, com números bisados com estrondosas palmas.

No dia seguinte, num palanque armado no Largo da Carioca, defronte do Correio da Manhã, às 2 e meia da tarde, novamente apareceram os Turunas da Mauricéa, quando então o povo, em massa, pôde apreciar o seu ótimo repertório.

Em todo o ano houve intenso interesse pelas canções folclóricas apresentadas por esse conjunto e, no carnaval de 1928, registrou-se como seu maior sucesso a embolada "Pinião", do grupo pernambucano:

Pinião, pinião, pinião
Ôi, pinto correu com medo do gavião
Por isso mesmo sabiá cantou
Bateu asa e voou e foi comer melão.

Um dia desses um sabiá do outeiro
Chegou lá no meu terreiro
Pinicando pelo chão
E um pintinho que tava junto da galinha

Foi correndo pra cozinha
Com medo do gavião.

A 28 de julho desse ano fundou-se também, no Rio, um novo e pequeno conjunto regional de amadores, o Flor do Tempo.

E em março de 1929 nasceu o Bando de Tangarás, com cinco elementos: Carlos Alberto Ferreira Braga (João de Barro); Henrique Brito (Violão); Álvaro Miranda Ribeiro (Alvinho); Henrique Foréis Domingues (Almirante) e Noel Rosa.

Capítulo 6

FLOR DO TEMPO

Em Vila Isabel, vim a saber da existência de um grupo de amadores, rapazes e moças, alunos do Colégio Batista, que se reuniam num elegante bangalô no Trapicheiro²³, de Eduardo Dale, diretor da Casa Pratt²⁴. O conjunto recebera a mesma denominação da residência em que se formara: Flor do Tempo.

Festas memoráveis, a que assistiram as figuras mais representativas da política, da sociedade de gente de bem e do alto comércio do Rio, com verdadeiras pompas, realizadas no atraente palacete do Trapicheiro.

Com o crescimento da responsabilidade de suas exhibições, os rapazes do Flor do Tempo procuravam maior esmero em seus números, entregando-se a exaustivos ensaios, que nem sempre se efetivavam em sua "sede" oficial e sim na residência de um dos colegas do Colégio Batista, o Carlos Braga (Braguinha), filho de Jerônimo José Ferreira Braga Neto, então diretor da Fábrica Confiança Industrial²⁵, em Vila Isabel, uma das mais antigas do Rio, que ostentava no seu pórtico um dístico esculpido por Bernardelli, com as palavras "Amai-vos uns aos outros".

Ao saber da minha inclinação para a música, Braguinha levou-me a assistir a um dos ensaios do Flor do Tempo, em sua residência. Fui e

não me entusiasmei com a exibição. Os componentes do conjunto eram então vários violonistas, um bandolim, um cavaquinho, um pandeiro e alguns cantores, todos amadores.

O pandeirista do conjunto não era, positivamente, uma vocação para o instrumento: atravessava o compasso, quebrando o ritmo dos demais ao tentar manter o andamento, num esforço aflitivo. Num dado momento, afastando-se para beber água, o pandeirista deixou o instrumento na cadeira e, sem demora, o empunhei, “dando uma canja” aos rapazes do ensaio.

Com vaidade notei em todas as fisionomias o entusiasmo que provocara, martelando o couro do pandeiro. E foi aquele “virtuosismo” a única credencial para o meu ingresso no Flor do Tempo. Incontinênti, meu nome foi levado a Eduardo Dale, cujas indagações revelavam sua intenção de não alterar as tradições do conjunto:

— Mas esse “Almirante” é ou foi aluno do Colégio Batista? ...

— Não, mas canta e toca pandeiro que é um colosso — declarou Braguinha.

Tal habilidade, proclamada com tanta veemência, venceu qualquer resistência de Eduardo Dale e eu fui, imediatamente, admitido nas hostes do seleta agrupamento.

A primeira festa oficial realizou-se a 28 de julho de 1928, em homenagem a Eduardo Dale, data do seu aniversário. No luxuoso salão, num pequeno palco, o desenhista Raul Deveza pintara cenários especiais. Convidados recebiam programas humorísticos que esclareciam o intuito da festa denominada Madrugada de Samba, com seus intérpretes: Erasmo Vollmer, Henrique Brito, Carlos

Braga, Edmundo Vidal, Oscar Ribeiro, Álvaro Miranda, Henrique Foréis (Almirante) e Alfredo Vidal Jr.

O Flor do Tempo apresentou-se em várias festas e, em junho de 1929, viajou a Vitória, Espírito Santo, atuando em benefício da Igreja de São Gonçalo, na Escola Normal, por oferecimento do então governador do Estado, Aristeu Aguiar.

A 12 de julho daquele ano, em homenagem às diretorias do Rotary Club do Brasil, no Cassino Beira-Mar²⁶, o Flor do Tempo exibiu-se pela derradeira vez ...

23.O Trapicheiro é um rio que corta o bairro da Tijuca. (N.O.)

24.Loja que vendia e alugava máquinas registradoras importadas. (N.O.)

25.A Companhia de Fiação e Tecidos Confiança Industrial foi fundada em 1885. Atualmente, nas instalações da Fábrica funciona um supermercado. (N.O.)

26. Inaugurado em 1926 e demolido em 1937. (N.O.)

Capítulo 7

CONCURSOS CARNAVALESCOS

Por iniciativa de João Pernambuco, criador do Grupo de Caxangá, o carnaval de 1913 teve como atração inúmeros instrumentistas executando e cantando emboladas, toadas, xotes e choros na Avenida Rio Branco. E durante anos o Grupo de Caxangá aumentou o interesse pelas canções sertanejas com temas folclóricos. O paulista Fernando Lobo, sob o pseudônimo de Marcelo Tupinambá, com versos de Cândido Costa, lançou o cateretê “Canção Cearense”, dedicado à Troupe Sertaneja de João Pernambuco, e “O Matuto”, extraordinário sucesso no carnaval de 1918.

Quando foi da meia-noite para o dia
Que eu deixei com cortesia
Minha terra, o Ceará.
As foias véias já caia pela estrada,
Vim marchando na picada
Só na seca a matutá, ai.. .

Pro sertão do Ceará,
Tomara eu já vortá
Tomara eu já vortá.. .

Entusiasmado com a produção sertaneja de Marcelo Tupinambá,

Ernesto Nazareth compôs dois tangos brasileiros, "Matuto" e "Tupinambá", homenagens ao vitorioso compositor paulista.

A crescente animação pelas músicas do mesmo tema, nesta época, deu margem ao aparecimento de várias composições, como "Matuto Alegre", "Chão Parado", "Tapera", "Tristezas de Caboclo", "Coração Sertanejo", "Sertanejinha", etc.

Devido à guerra na Europa, com o rompimento do Brasil com a Alemanha²⁷, houve, quase se pode dizer, um intervalo musical nos assuntos populares. Em 6 de outubro de 1918 irrompeu a terrível gripe espanhola. Felizmente, no mês seguinte voltou a paz e a vida se normalizou.

Nos meios musicais havia intensa animação com uma novidade sensacional: o 1º concurso de sambas e maxixes carnavalescos. Coube a iniciativa ao Dr. Eduardo França, médico e farmacêutico, produtor da bebida Vermutin. Verdadeiro inovador da propaganda, Eduardo França, a 19 de janeiro de 1918, dirigindo seu próprio automóvel, entrou buzinando pela Avenida Rio Branco, seguiu pela Rua do Ouvidor e terminou no Largo de São Francisco de Paula, pagando espontaneamente a multa regulamentar "no valor de cento e um mil réis"... Que escândalo!

Notícias na imprensa e convites especiais resultaram na presença de distinto público, da maior elegância do Rio, ao espetáculo realizado no Teatro Lírico²⁸ (16/02/1919), iniciado com uma conferência de Eduardo França sobre música popular. Os seis números foram executados pela Banda do Batalhão Naval, saindo vencedor o maxixe "Prove e Beba Vermutin", de Abdon Lyra, que recebeu a fortuna de dois mil contos de réis:

Sou matuto andadô
Meu prazê é passeiá.
Vim ao Rio de Janero
Só pra Vermutin tomá.

Ai! Ai!
Vermutin!
Que prazê . . . que dá
Ai! Ai!
Vem pra cá. . .
Dá-mo assim... as... sim. ..

Lá na serra onde moro,
Onde sou bem conhecido,
Todos dizem com orgulho:
Vermutin é o preferido!
A Zouzoca já me disse
Que queria se casá,
Porém antes do casório,
Vermutin há de prová.

Parabéns seu dotô França
Vou dizê no botequim
Que a bebida é preciosa
“Prove e beba. .. Vermutin”.

Durante dez anos, em várias ocasiões e até 1929, na imprensa, em teatros, clubes e dancings realizavam-se concursos carnavalescos sem a menor importância. Em 1930 a Casa Edison, representante dos discos Odeon, promoveu movimentado concurso carnavalesco

no Teatro Lírico, a 18 de janeiro, com entrada grátis e prêmios num total de dez contos de réis. Como era de praxe, precedeu-o uma conferência de Oswaldo Santiago, intitulada "A arte das artes". A marcha "Dá Nela", de Ary Barroso, na voz de Francisco Alves, obteve o primeiro lugar. No mesmo mês a revista O Cruzeiro, com um júri de maestros, escritores e jornalistas, premiou outras músicas.

No ano seguinte, a Casa Edison patrocinou novo concurso, em que as canções foram julgadas por empregados da empresa. Como as obras apresentadas não possuíam qualidade, na Casa Edison "fabricaram-se" às pressas outros números para evitar o fracasso do concurso, medida que não surtiu efeito.

QUANTAS CANÇÕES CARNAVALESCAS NOEL ROSA COMPÔS?

1931 — Durante o ano de 30 Noel Rosa compôs canções próprias para o carnaval seguinte: "Com que Roupa?", "Dona Araci", "Eu Vou pra Vila", "Malandro Medroso" e "Por Essa Vez Passa". Com parceiros: "A. B. Surdo", "Dona Emília" e o animado samba "Nega":

Nega,

Nega,

Já te dei de tudo

Agora chega.

Chega pro cordão
Que eu sopro nos metá
Pois eu sou da banda
do Batalhão Navá.

Tu é nega prosa
Tu é palpiteira
Não vai à macumba
Não dança em gafeira.

Podes vir chegando
Meu bem para o cordão
Mas traz a bandeja
Pra recolher tostão.

1932 — Oficializou-se o concurso carnavalesco no Rio, iniciativa do Dr. Pedro Ernesto, que se realizou no Teatro João Caetano²⁹ sob os auspícios do Touring Club³⁰. Para o movimento das festas de Momo, Noel criou, com parceiros:

“A E I O U”, “Esquecer e Perdoar”, “Eu Agora Fiquei Mal”, “Gosto Mas Não É Muito”, “Já Não Posso Mais”, “Não Há Castigo”, “Palpite”, “Que se Dane”, “Sem Tostão”, “Só pra Contrariar”, “Tenentes do Diabo” e “Você Foi o Meu Azar”.

Obras exclusivamente suas: “É Preciso Discutir”, “Mentira de Mulher”, “Mulher Indigesta”, “Nunca Jamais”, “Picilone”, “Por Causa da Hora”, “Pulo da Hora”, “São Coisas Nossas” e o samba “Vou te Ripá”, que obteve popularidade nas ruas:

Toma cuidado que eu te ripo
Porque tu não és meu tipo
E contigo não fiz fé
E o banzé eu sempre evito
Pois não me fica bonito
"Exemplá" uma mulhé.

Quem avisa teu amigo é
Tudo acaba nesta vida
Até mesmo a paciência
E quando qualquer mulher
Fica sendo oferecida
É pela "conviniência".

Nada tu possuis para me dar
Tu nasceste muito pobre
Nem podes gastar pintura
Nada tens para mostrar
Não herdaste sangue nobre
E abusaste da feiúra.

1933 — Crescia o movimento do carnaval. A 27 de janeiro iniciou-se o pomposo baile no Teatro Municipal e, três dias depois, realizou-se novo concurso de canções no Teatro João Caetano. Noel compôs treze números com vários parceiros: "Ando Cismado", "Assim, Sim", "Eu Agora Fiquei Mal", "Fico Louco", "Mas Como...?", "Nem com Uma Flor", "Para me Livrar do Mal", "Prato Fundo", "Primeiro Amor", "A Razão Dá-se a Quem Tem", "Uma Jura que Fiz", "Vai Haver Barulho no Chatô". Exclusivamente de sua criação: "Até Amanhã", "Estamos

Esperando”, “Mentir”, “Mulato Bambo”, “Quem não Dança”, “Seu Jacinto”, “Tudo que Você Diz” e, com versos satíricos e macabros de grande êxito, o samba “Fita Amarela”.

Quando eu morrer.
Não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela
Gravada com nome dela.

Se existe alma
Se há outra encarnação
Eu queria que a mulata
Sapateasse no meu caixão.

Não quero flores
Nem coroa com espinho,
Só quero choro de flauta,
Violão e cavaquinho.

Estou contente,
Consolado por saber,
Que as morenas tão formosas
A terra um dia vai comer.

Não tenho herdeiros
Não possuo um só vintém
Eu vivi devendo a todos
Mas não paguei nada a ninguém.

Meus inimigos

Que hoje falam mal de mim,
Vão dizer que nunca viram
Uma pessoa tão boa assim.

1934 — Exagerando-se nas atividades artísticas, constantemente viajando para cumprir obrigações contratuais, sem alimentar-se regularmente, permanecendo pelas madrugadas e com a vida amorosa em tumulto, Noel Rosa reduziu as produções musicais, compondo de parceria: “Estrela da Manhã”, “Eu Queria um Retratinho de Você”, “Feitio de Oração”, “O Orvalho Vem Caindo” e “Quem Não Quer Sou Eu”. Unicamente de sua autoria criou, nesse ano, a marcha “Você Por Exemplo”:

Há muita gente que apesar do pince-nez
Passa por nós... dá esbarrão e não nos vê...
Anda depressa, mas vai sempre com atraso,
Você, por exemplo... Você, por exemplo,
Está neste caso!

Há muitas santas no mundo
Que vivem fora do templo
Santas de olhar tão profundo
Você, por exemplo...
Você, por exemplo!

Quanto barbado que não paga engraxate...
Muda de casa e deixa mudo o alfaiate,
Quanto barbado que jejua mais que o Ghandi,
Você, por exemplo... você, por exemplo,
Não tem barba grande!

Há muita gente que só sabe dar palpite...
Pois tem cabeça, mas já teve meningite...
E muita gente que vive bem sem um pulmão...
Você, por exemplo... Você, por exemplo,
Não tem coração!

1935 — O carnaval ocorreu nos dias 3, 4 e 5 de março e um concurso foi realizado com longa antecedência, a 17 de fevereiro. Agravava-se a enfermidade de Noel, que compôs três canções com parceiro: "Boa Viagem", o extraordinário "Feitiço da Vila" e "Retiro da Saudade".

1936 — Obtendo uma leve melhora de sua doença, naquele carnaval Noel Rosa produziu intensamente, ligado a vários colaboradores: "Amor de Parceria", "É Bom Parar", "Este Meio Não Serve", "Linda Pequena", "Menina dos Meus Olhos", "Não Resta a Menor Dúvida", "Pela Primeira Vez", "Pierrô Apaixonado", "O Que É Que Você Fazia?" e "Que Baixo!". Exclusivamente de sua autoria o genial "Palpite Infeliz".

1937 — Para o ano seguinte, duas produções com parceiros: "Provei" e "Quantos Beijos". Com melodias e versos somente de Noel Rosa: "Quem Ri Melhor", "Você Vai se Quiser" e o notável "X do Problema", que teve origem em 1935. Naquele ano começou a atuar, no Teatro João Caetano, sob a direção de Jardel Bôscoli, a consagrada artista Ema d'Ávila. Entre várias revistas anunciava-se a peça Rio Follies, com quadros exaltando bairros do Rio de Janeiro. Amiga de Noel Rosa, Ema d'Ávila pediu-lhe, com urgência, que lhe entregasse um número a respeito do bairro do Estácio de Sá³¹. No dia seguinte Noel exibiu o "X do Problema", cantando-a ao violão e

declarando:

— Ema, desculpe, pois somente lhe mostro um samba de encomenda.

A peça estreou a 2 de agosto e a música durante anos foi cantada nas emissoras de rádio, sendo lançada com êxito no carnaval de 1937:

Nasci no Estácio...

E fui educada na roda de bamba...

E fui diplomada na escola de samba,

Sou independente, como se vê...

Nasci no Estácio...

O samba é a corda e eu sou a caçamba

E não acredito que haja muamba

Que possa fazer eu gostar de você.

Eu sou diretora da Escola do Estácio de Sá

E felicidade maior neste mundo não há;

Já fui convidada

Para ser estrela do nosso cinema

Ser estrela é bem fácil

Sair do Estácio é que é

O "X" do problema.

Você tem vontade

Que eu abandone o Largo do Estácio

Pra ser rainha de um grande palácio...

Pra dar um banquete uma vez por semana...

Nasci no Estácio

Não posso mudar minha massa do sangue,
Você pode crer que palmeira do Mangue
Não vive na areia de Copacabana.

1938 — Ao ter desaparecido Noel Rosa, seu parceiro João de Barro teve a iniciativa de reviver a marcha “Linda Pequena”, prejudicada por sua primeira gravação em discos. A 8 de dezembro de 1934 ambos compuseram a marcha para o carnaval seguinte, gravada por João Petra de Barros, na Odeon, sob o número 11.281, e que não obteve o menor êxito, apesar da indiscutível beleza da melodia e dos versos. Como homenagem ao saudoso companheiro, João de Barro batizou-a de “Pastorinhas”, somente alterando pouquíssimas palavras e entregando-a ao cantor Sílvio Caldas, que a gravou em disco sob o número 11.567, recebendo o primeiro prêmio da Prefeitura do Distrito Federal. Até hoje essa canção, executada em todos os carnavais, faz lembrar a figura de Noel Rosa.

A estrela d'alva
No céu desponta
E a lua anda tonta
Com tamanho esplendor,
E as pastorinhas
Pra consolo da lua
Vão cantando na rua,
Lindos versos de amor.

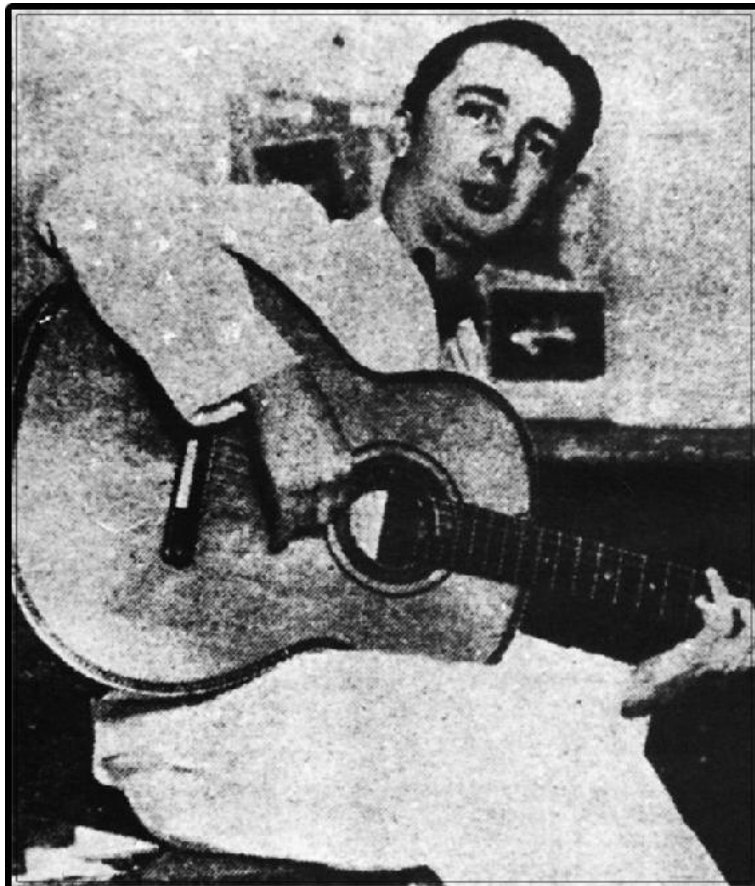
Linda pastora,
Morena, da cor de Madalena,
Tu não tens pena

De mim
Que vivo tanto com o teu olhar.

Linda criança,
Tu não me saís da lembrança,
Meu coração não se cansa
De sempre e sempre te amar.

1939 — O belo samba “Pra Que Mentir”, composto em 1936, foi lançado pela Victor, 34.413, na voz de Sílvio Caldas, com dedicatória ao querido Capitão Floriano Machado, hoje destacado marechal.

No total, Noel Rosa compôs 76 marchas e sambas para os carnavais.



27. Em 1917, o Brasil rompeu relações diplomáticas com a Alemanha e seus aliados durante a 1ª Guerra Mundial (1914-1918). (N.O.)

28. Inicialmente chamado de Teatro D. Pedro II, passou a se chamar Teatro Lírico após a proclamação da República. Foi inaugurado em 1871 e demolido entre 1933 e 1934. (N.O.)

29. O João Caetano foi inaugurado por Dom João VI em 1813, sob o nome de Real Theatro de São João. (N.O.)

30. O Touring Club do Brasil foi fundado em 1923 e fomentava diversas atividades artísticas e turísticas. (N.O.)

31. O bairro do Estácio fica na zona central da cidade do Rio de Janeiro. (N.O.)

II

FORMAÇÃO DE NOEL ROSA

Capítulo 08

ENCONTRO COM NOEL

Foi em 1923 que conheci Noel Rosa. Eu fora aluno do Liceu Rio Branco, à Rua Conde de Bonfim, 186, na Tijuca, onde depois se instalou e ainda existe o Instituto La-Fayette³² para meninas. Ali, um dia, ganhei do meu colega Paulo Guerreiro um pequeno rolo de filme natural, colorido, sobre o bicho-da-seda. Minha família morava no então Boulevard, hoje Avenida 28 de Setembro³³, nº 287, Vila Fontan, casa 4. Na ansiedade de ver o minúsculo filme, tentei obter um projetor e disso falei a todos os meus conhecidos. Eis que meu irmão mais moço, Guido, lembrou-se de um colega que desejava desfazer-se de um aparelho manual, baratíssimo. Fiquei aos pulos e apressei meu irmão para que trouxesse o tal companheiro à minha presença o mais breve possível.

No dia seguinte, um domingo, à tardinha, fui procurado em minha casa por um garoto mirrado, franzino, quase sem queixo, com fardamento do Colégio São Bento, conduzindo, embrulhado num jornal, um pequeno projetor de cinema. Era Noel Rosa.

Não se fechou o negócio. Por vinte mil réis Noel Rosa venderia o projetor, no entanto, nem rachado poderia pagar essa fortuna. Basta se avaliar a situação da casa: o aluguel era de 80 mil réis por mês e, nessa altura, eu já trabalhava na Casa Cruz, na Travessa de São Francisco de Paula³⁴, defronte do Parc Royal³⁵, recebendo por mês

90 mil réis. A firma constituía-se de duas lojas, uma de vidros e imagens de santos, e a outra, uma papelaria. Aos domingos de manhã, comparecia para a limpeza dos espelhos, vitrines e arrumações. Daí em diante, em Vila Isabel, de noite, encontrava Noel Rosa, mas pouco nos ligávamos.

Os tempos iam correndo. Crescia o rádio rapidamente como “radiomania”. Anteriormente, em outubro de 1915, meu pai, Eduardo Foréis Domingues, e minha mãe, Maria José Foréis, com quatro filhos — Haydéa, Eduardo, eu (Henrique) e Guido — fomos para Friburgo. Meu pai, diretor da Fábrica Ypu³⁶, anos depois, enfermo, voltou com a família para o Rio, para Vila Isabel, indo morar na avenida. A 1º de março de 1924, meu pai morreu, às 8 horas da noite, no sábado de carnaval, e ali, eu, rapazola de 16 anos, tive o primeiro choque emotivo. Como nossa casa era afastada do Boulevard, mal se percebia o bulício do carnaval na rua. Na pequena sala, chorosos, velávamos o morto, a cada instante chegando parentes, amigos e a vizinhança. Totalmente entregues à nossa dor, eis que, em local próximo, se iniciaram os sons de violões e vozes cantando um samba do tempo:

Ó Rosa,
Meu bem.
Tu choras, meu amor,
Não sei por quem,
Ó Rosa,
Se chorares, vou chorar
Por tua causa
Vou morrer, vou me acabar.

Ó cúmulo da irreverência! O quintal da nossa casa unia-se com o da família Ripper. Com frequência Catulo da Paixão Cearense visitava o comandante Ripper, que também tocava violão e cantava. Naquela noite, os dois, até a madrugada, repetiam o coro do samba, com sua melodia de versos tristonhos, afrontando de forma sonora o nosso sofrimento.

32. Durante quatro décadas, o Instituto La-Fayette foi uma das mais tradicionais escolas do Rio de Janeiro. À época em que Almirante escreveu este livro, o Instituto ainda existia, mas nos anos 70 um incêndio destruiu o prédio. (N.O.)

33. Principal rua do bairro de Vila Isabel. (N.O.)

34. A Travessa São Francisco de Paula, localizada no centro do Rio de Janeiro, atualmente se chama Rua Ramalho Ortigão. (N.O.)

35. O Parc Royal foi uma importante loja de tecidos inaugurada no início do século XX. (N.O.)

36. A Fábrica Ypu, fundada em 1912, produzia artigos como bolsas, cintos e sapatos. Impulsionou a economia da cidade de Nova Friburgo no século XX, mas atualmente está inativa. (N.O.)

Capítulo 09

PAI E MÃE DE NOEL

Manoel de Medeiros Rosa, pai de Noel, natural de Leopoldina, Minas Gerais, nasceu a 24 de maio de 1880. Filho único de Manuel Garcia Rosa e Belarmina de Medeiros Rosa deixou sua cidade natal aos 13 anos de idade, rumando para Juiz de Fora, no propósito de ganhar a vida e prover o sustento de sua mãe, já viúva, pois seu pai falecera um ano após o casamento.

De Juiz de Fora veio para o Rio, morando à Rua da Prainha³⁷, 65, onde contraiu a febre amarela, da qual escapou milagrosamente.

Ocupando humildes empregos, a 26 de agosto de 1897 matriculou-se na Associação dos Empregados do Comércio, onde completou seu curso primário. Inteligente e dotado de invulgar disposição, aprendeu sozinho a ler e a falar corretamente francês e inglês.

Desde a infância revelou queda especial para as ciências dos números, chegando a estudar álgebra superior, levado por sua vocação inata de calculista exímio. Mais tarde trabalhou em casa comissária de café, como guarda-livros, até que se viu atraído para a gerência de uma camisaria na Rua do Ouvidor, com a promessa de sociedade, caso promovesse o equilíbrio das vacilantes finanças da firma. Com a orientação que imprimiu aos negócios, salvou a casa da falência, mas a promessa de torná-lo sócio jamais foi cumprida.

Desgostoso, Medeiros Rosa aliou-se a um antigo companheiro de comércio e empregou todas as suas economias, fundando, na Rua Gonçalves Dias, um novo negócio de camisaria e roupas para homens, sob a firma Rodrigues, Medeiros & Cia. Era, porém, época ingrata para o comércio e o empreendimento fracassou, terminando em inevitável falência.

O esforçado homem prometeu a si mesmo limpar seu nome e resgatar integralmente todas as dívidas. Para isso, corajosamente, afastou-se da esposa, Dona Marta de Medeiros Rosa, com quem se casara em 1909, indo prestar serviços como agrimensor em Araçatuba.

Viveu ali segregado vários anos, trabalhando sozinho, tudo economizando com imenso sacrifício. Quando voltou ao Rio vitoriosamente, saldou os débitos, reabilitando seu nome honrado. Não descansou ainda, porém. Pagas todas as contas, ficou novamente sem tostão, e viu-se forçado, mais uma vez, a voltar ao interior paulista, com o intuito de reunir seu pecúlio a fim de promover o bem-estar dos seus. Infeliz desta vez, contraiu impaludismo de forma grave, que o obrigou a recolher-se à casa de seu cunhado, Eduardo Corrêa de Azevedo, na cidade de Jaú.

Retornando ao Rio, Manoel de Medeiros Rosa associou-se a um português, Anibal de tal, que inventara um tipo de brinquedo aquático com pedais. Com a indústria já em pleno andamento, não lhe concederam a patente, pois havia, em Miami, invento semelhante.

Conseguimos ver o aparelho em 1929, num domingo à tarde, quando o Bando de Tangarás realizava seus ensaios musicais.

Manoel de Medeiros Rosa solicitou que Jerônimo Braga, diretor-gerente da Confiança Industrial, permitisse uma experiência no açude da fábrica e que emprestasse seu motor de barco de pesca. Obtida a licença, momentos depois nossa atenção foi chamada por uma enorme algazarra vinda da Rua Souza Franco. Era um espetáculo divertido: um grupo de garotos caminhava em charola conduzindo verdadeira almanjarra exótica, formada por três imensos charutos de madeira ou cortiça, de forma triangular, com hastes de ferro. Na parte superior, um assento para seu único tripulante.

Tratava-se de aparelho sem a menor originalidade, proporcionou, nas rodinhas dos cafés do Boulevard, as mais gaiatas piadas sobre as "descobertas". E a rapaziada citava outras invenções de Anibal e "seu" Manoel: "máquina" de fazer vinco nas meias" e "tamancos luminosos para os maridos retardatários entrarem em suas casas, altas horas, em silêncio"...

Excelente acompanhador de violão na juventude, possuía Manoel de Medeiros Rosa natural intuição musical, fazendo serenatas acompanhando-se no pinho e cantando com afinada voz de tenor as mais populares modinhas da época.

Funcionário público municipal em São Diogo, classificou-se na categoria de magarefe. Esgotado por incontáveis fadigas, o cérebro de Medeiros Rosa baqueou. Passava dos cinquenta anos de idade já revelando sinais de anormalidade mental. Pouco falava e seus gestos eram de extrema mansidão. Mal se ouviam as palavras que dizia e cercava tudo com tons e olhares misteriosos. Fora-se para sempre aquela prodigiosa memória que lhe permitia repetir integralmente trechos de livros, artigos de jornais, poesias famosas que lera uma

única vez, anos atrás.

Recolhido à Casa de Saúde, na Estrada da Gávea, da forma mais estranha, sozinho, enforcou-se debaixo da própria cama, a 3 de maio de 1935.

Sua mãe, Dona Bela, também se suicidara, numa goiabeira, com sessenta e quatro anos de idade, a 15 de outubro de 1927, no quintal da casa em que residia, na Rua Teodoro da Silva³⁸, então nº 195.

Antecedentes maternos de Noel Rosa: Eduardo Corrêa de Azevedo, médico, natural de Cantagalo, Estado do Rio, e Rita de Cássia Freitas Pacheco, professora prendada. Com pronunciada vocação para as letras, Eduardo Corrêa de Azevedo publicou nos meios intelectuais mineiros dois livros de versos: *Rimas sem Arte* e *Catecismo*. Transferindo-se para o Rio, o casal residiu na Rua Teodoro da Silva, nº 30, depois 130 e, finalmente, 392. Tiveram três filhos: Carmem, Eduardo (médico) e Marta, mãe de Noel, que nasceu a 4 de julho de 1889, falecendo a 26 de julho de 1940, com 51 anos de idade, no Hospital Evangélico, à Rua Bom Pastor.



Casa em que nasceu e morreu Noel Rosa, na Rua Teodoro da Silva, em Vila Isabel.



Primeiro Retrato de Noel Rosa (1911).



Noel com dois anos.

37. Atual Rua do Acre, próxima à praça Mauá, no centro da cidade do Rio de Janeiro. (N.O.)

38. Uma das principais ruas de Vila Isabel. (N.O.)

Capítulo 10

DO NASCIMENTO À ADOLESCÊNCIA

A 11 de dezembro de 1910, o pequeno chalé da Rua Teodoro da Silva achava-se em rebuliço. Dona Marta sofria nas aflições do parto. Seu médico-assistente, Dr. José Rodrigues da Graça Mello, velho amigo da família, tinha a seu cargo uma parturiente mignon, casada com homenzarrão de quase dois metros de altura. Tudo, porém, correu mais ou menos bem, tendo o menino sido, entretanto, extraído a fórceps. Nada de anormal se lhe notava, a não ser ligeira paralisia facial do lado direito, atribuído à compressão de nervos, anomalia que, acreditavam, cederia ao fim de pouco tempo.

Passaram-se dias, meses, anos e Noel, o primogênito do casal, conservava quase imobilizado seu maxilar inferior. Aos seis anos o mal se mantinha com o desvio do queixo. Foi tentada a primeira operação visando a corrigir o defeito. A bisonha ortopedia do tempo não encontrou solução para o caso e mais seis anos se passaram até que nova tentativa se levasse a efeito. Já, então, a consolidação da fatura era absoluta e de nada valeram os esforços dos pais. E Noel, por isso, atravessou sua existência sob a pressão do estigma que tanto o magoava, impiedosamente realçado pelos companheiros de colégio que o apelidaram de “Queixinho”.

Na espera do filho, Dona Marta e Manoel Medeiros Rosa, assim como os familiares e o médico, acreditavam piamente que ele seria homem e nasceria na data máxima da Cristandade. Por isso escolheram para o pimpolho o nome de Noel. Com um parto imprevisto, o menino veio à luz 14 dias antes do aguardado nascimento, sendo mantido o nome de Noel pela preferência da mãe.



Noel com cinco anos



Com os pais, Marta e Manuel de Medeiros Rosa, e o irmão Hélio.



Com oito Anos

As primeiras letras, recebeu de sua mãe, e depois ingressou no Colégio Maisonette. A 28 de dezembro de 1923 efetuou sua matrícula, sob o nº 175, no Colégio São Bento, permanecendo até o 5º ano, que cursou em 1928, onde foi companheiro de Lamartine Babo e Augusto Frederico Schmidt.

Em fins de 1930, decerto para seguir a tradição da família materna, matriculou-se na Faculdade de Medicina, cujas aulas frequentou por dois anos, em 1931 e 1932.

Não será perfeitamente real declarar-se que Noel “frequentou” as

aulas da Faculdade. Segundo depoimentos de vários familiares mais chegados, nunca se tornou ótimo aluno de qualquer colégio. Bom aluno, na expressão exata da palavra, foi seu único irmão, Hélio, quatro anos mais moço, nascido a 29 de dezembro de 1914 e que se dedicou desde cedo inteiramente aos estudos.

Na meninice Noel Rosa escreveu seus primeiros versos, ingênuos e imperfeitos, mas registrando as mágoas e sofrimentos que o acompanharam passo a passo em sua curta existência de 26 anos e poucos meses:

Desilusão

Quando começou
A nossa amizade
Eu só te pedia
Sinceridade.

Poderás me esquecer
Do meu sofrer?
Pra fugir ao tormento
Eu prefiro morrer.

Agora, tudo desfeito
Pela ingratidão,
Somente guardo no peito
Mais uma desilusão.

Se meu padecer
Te trouxe desventuras
Serei venturoso

Entre amarguras.

Em 1930, a música e a poesia popular representavam sua maior preocupação, conforme evidencia seu primeiro soneto:

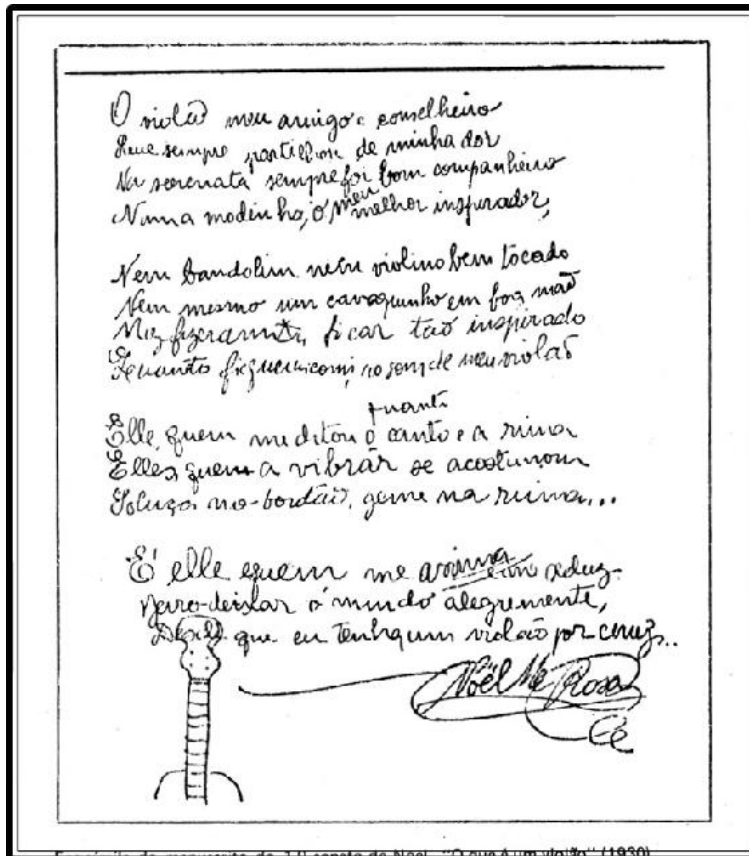
O que é um violão

O violão, meu amigo e conselheiro,
Que sempre partilhou da minha dor,
Na serenata sempre foi bom companheiro
Numa modinha o meu melhor inspirador.

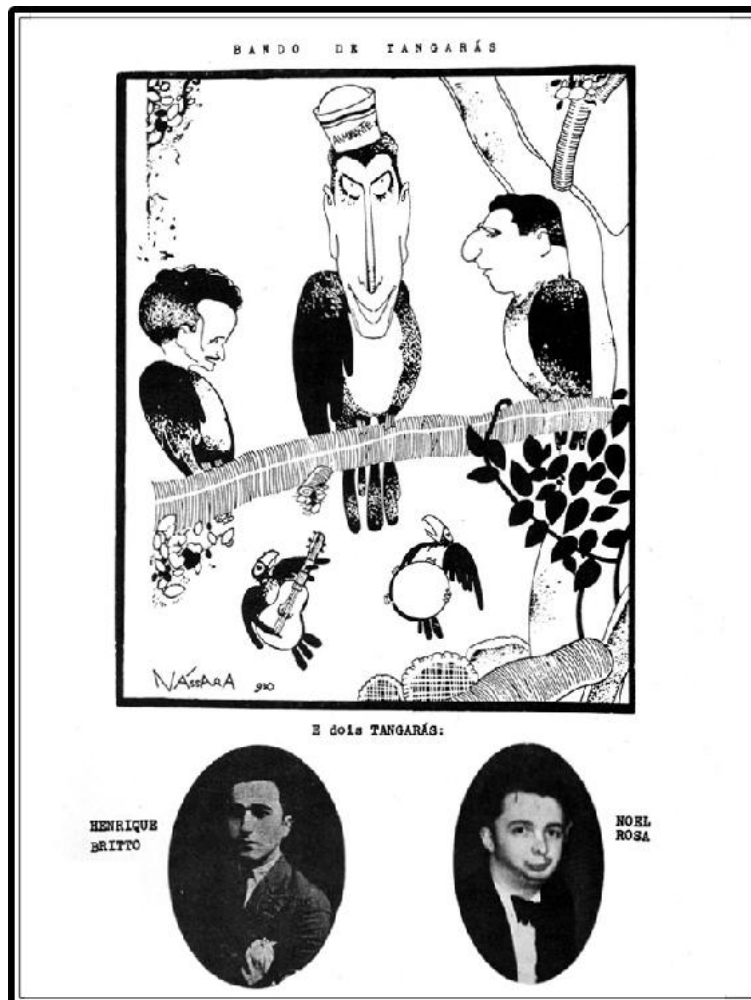
Nem bandolim, nem violino bem tocado,
Nem mesmo um cavaquinho em boa mão,
Me fizeram ficar tão inspirado
Quanto fiquei com o som de meu violão.

Ele quem me ditou o canto e a rima
Ele quem a vibrar se acostumou,
Soluça no bordão, geme na prima...

E ele quem me anima e me seduz.
Juro deixar o mundo alegremente,
Desde que eu tenha um violão por cruz.



Fac-símile do manuscrito do 1º soneto de Noel, "O que é um violão" (1930)



Bando de Tangarás. Na Caricatura de Nássara: João de Barros, Almirante e Alvinho. Nas fotos: Henrique Brito e Noel Rosa.

Capítulo 11

BANDO DE TANGARÁS

Entre 1926 e 1928, houve no Rio de Janeiro uma temporada de recepções sociais com seus five o'clock tea ou chás-dançantes. Daí em diante, o assunto mudou, chegando a fase do interesse pelas músicas regionais, devido à iniciativa do Correio da Manhã, que criou a seção dominical "O que é nosso", onde eram citados os cultores de números sertanejos acompanhados por violões. Assim, caiu de moda o americanismo ou anglicismo e surgiu o império das tardes ou noites de artes. Pelos salões plangiam violões e vozes rústicas que encantavam as mais exigentes plateias, não havendo clubes no Rio que não apresentassem frequentemente conjuntos regionais com seus cantores típicos, que se tornaram célebres.

Em 1929, com o crescimento dos movimentos elétricos, recebemos convite para gravar discos. Em Vila Isabel, com maior frequência encontrávamos Noel Rosa cantando e tocando violão. Em entendimento com a Parlophon³⁹, com o saudoso amigo Carlos Campeão, Henrique Brito começou a gravar solos de violão e assim nasceu a lembrança da organização de um novo conjunto típico. Carlos Braga sugeriu o original título de Bando de Tangarás, grupo de pássaros que dançam e cantam formando roda com um deles no centro. Assim, nasceu o Bando de Tangarás, tendo como fundadores Carlos Braga, Alvinho, Henrique Brito, Almirante e Noel Rosa.

Imediatamente Carlos Braga compôs como prefixo a valsa "A Lenda dos Tangarás" (Parlophon, 13.178, solo de violão com Henrique Brito), com a participação dos fundadores imitando trinados de pássaros.

No entusiasmo do novo conjunto, criamos o número (Parlophon, 13.010) "Vamos Falar do Norte" com seu estribilho:

Deixa a viola afinada
E canta se tu és capaz
Acompanhando a toada
Do Bando de Tangarás.

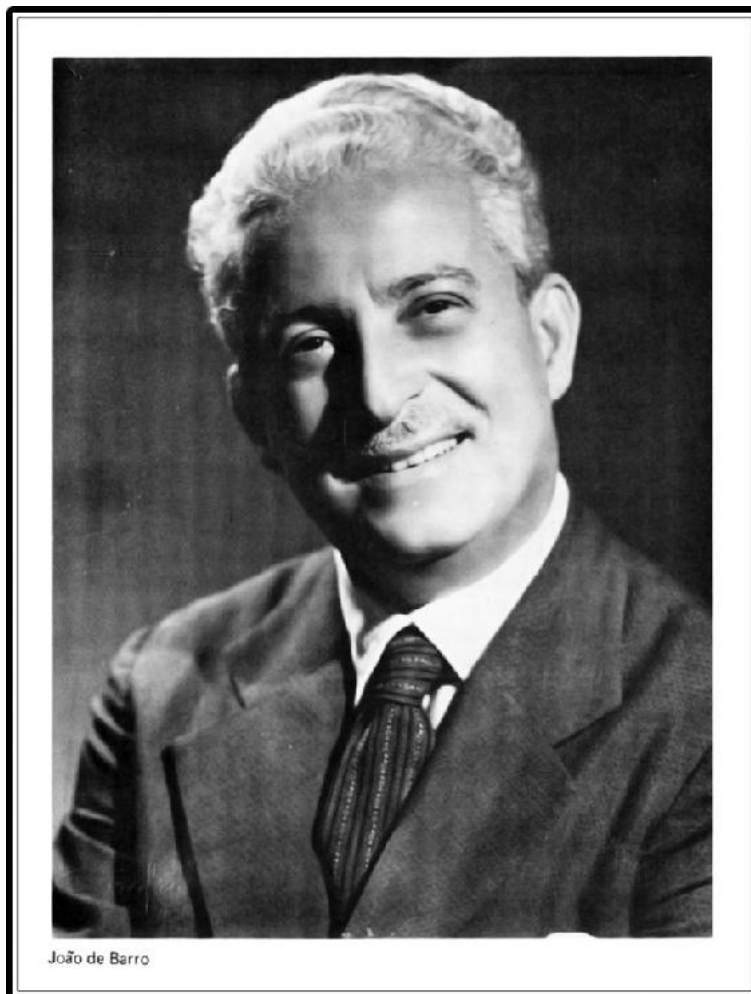
Em seguida (Parlophon, 13.212), o samba "Façanha do Bando":

Quando nós saímos do Norte
Foi pra no mundo mostrá
Como canta aqui nesta terra
Um bando de tangará.

A originalidade do regional consistia em que os cinco participantes deveriam usar nomes de pássaros como pseudônimos, o que não ocorreu por razões particulares.

Carlos Alberto Ferreira Braga, o popular Braguinha (Gávea, 29/03/1907)⁴⁰, pertencia a uma família tradicional. Não querendo arrastar seu nome para o campo ainda malvisto da música popular brasileira, foi o único a usar o pseudônimo de João de Barro, um tipo de pássaro. Compositor e poeta fecundo, criou, sozinho ou com parceiros, incontáveis canções célebres, como: "Copacabana", "Fim de Semana em Paquetá", "Chiquita Bacana", "Touradas em Madri",

"Pastorinhas", "Tem Gato na Tuba", "A Mulatinha é a Tal", "Garimpeiro do Rio das Garças", "Yes, Nós Temos Bananas", "Linda Lourinha", "Moreninha da Praia", "Pirata da Perna de Pau", "Trem Blindado", "Cadê Mimi", "Carinhoso", "Seu Libório" e inúmeras outras.



João de Barro

Álvaro de Miranda Ribeiro — Alvinho - (São Cristóvão, 05/12/1909 - 08/10/1972), excelente violonista e cantor de voz aveludada, gravou inúmeros discos em companhia do Bando de Tangarás. Detalhe importante de fato inteiramente esquecido: a morte de João Pessoa (26/07/1930) provocou intenso movimento, tendo sido criado o Hino

a João Pessoa, melodia de Eduardo Souto e versos de Oswaldo Santiago, gravado em 22 de agosto. Devido à rapidez do lançamento do hino, a Casa Edison, não obtendo outro número para combinação do disco, aproveitou a chapa denominada "Canção", com a voz de Alvinho, o violão de Henrique Brito e versos de Carlos Braga, cujo nome, na azáfama da vendagem do disco, foi omitido na etiqueta. O disco Odeon, gravado por Francisco Alves, teve o número 10.700. Dias depois, a Casa Edison, desinteressada da posição dos dois números, retirou do suplemento a "Canção", substituindo-a por "A Roseira da Estrada", de Eduardo Souto, mantendo a mesma numeração do disco, 10.700.

A cançoneta "Bangalô", de Oswaldo Santiago com versos de Orestes Barbosa, foi outro sucesso lançado por Alvinho.

Henrique Brito (Natal, 15/07/1908-11/12/1935) jamais utilizou qualquer nome de guerra ligado a pássaros, pois no Colégio Batista os companheiros, ao vê-lo permanentemente ligado ao seu instrumento, não conseguiam outro apelido senão Violão.

Almirante — Henrique Foréis Domingues — (Engenho Novo, 19/02/1908)⁴¹ Em 1926 ingressei na Reserva Naval a fim de obter a carteira da Marinha. Na chegada do avião Jaú⁴² (05/07/1927), como orador da turma, fui chamado de Almirante pelo público. E a alcunha pegou. Compus várias canções e, em 1938, criei o primeiro programa de montagens do rádio, seguindo-se inúmeros outros que se mantiveram durante muitos anos.

39.A Parlophon foi uma gravadora alemã, adquirida em 1927 pela Columbia Records, que posteriormente tornou-se EMI. No Brasil, a Parlophon funcionou como uma divisão da EMI-Odeon. (N.O.)

40.Morto em 24 de dezembro de 2006. (N.O.)

41.Morto em 22 de dezembro de 1980. (N.O.)

42.O avião Jaú foi um hidroavião com o qual aviadores brasileiros fizeram a terceira travessia aérea do Atlântico, em 1927. (N.O.)

Capítulo 12

CANÇÕES SERTANEJAS

A primeira produção musical de Noel Rosa foi uma embolada. O “filósofo do samba” até então não se interessara por motivos e ritmos cariocas. Mantinha-se ainda com a ideia voltada para os sucessos das canções sertanejas. O Bando de Tangarás lançara os tipos mais diversos: lundus, canções, toadas, cateretês, sambas e marchas e, no entanto, o maior reforço eram as emboladas do Norte. Com o entusiasmo gerado com nossas criações, Noel compôs também um número de aspecto folclórico, gravando em discos somente um ano depois. Registremos, pois, esta importante data: 27 de julho de 1929. No Tijuca Tênis Clube⁴³, uma “Noite Regional Brasileira” estampava no seu programa o nome completo de Noel de Medeiros Rosa como autor da embolada “Minha Viola”:

Minha viola
Tá chorando com razão
Com saudade de uma marvada
Que roubou meu coração.

Eu não respeito
Cantadô que é respeitado
Que no samba improvisado
Me quisé desafiá.

Inda outro dia
Fui cantá no galinheiro
E o galo a noite inteira
Sem vontade de cantá.

Nesta cidade
Todo mundo se acautela
Vem a tal febre amarela
Que não cansa de matá,
E a dona Chica
Que anda atrás de mau conselho
Pinta o corpo de vermelho
Pra amarela não pegá.

Eu já jurei
Não jogá com seu Saldanha
Que diz sempre que me ganha
No tal jogo de bilhá,
Sapeca o taco
Nas bolas de tal maneira
Que eu espero a noite inteira
Pras bolas carambolá.

Conheço um velho
Que tem a grande mania
De fazê economia
Pra modelo de seus fio,
Não usa prato
Nem moringa, nem caneca,

Quando senta é de cueca
Pra não gastá os fundio.

Eu tive um sogro
Cansado dos regabofe
Que procurou o Voronoff,

Doutô muito creditado
E andam dizendo
Que o enxerto foi de gato
Pois ele pula de fato
Miando pelos teiado.

Adonde eu moro
Tem o bloco dos filante
Que quase a todo instante
Um cigarro vem filá
E os danado
Vem bancando inteligente
Diz que tão com dô de dente
Que o cigarro faz passá.

Meses depois Noel compôs a toada "Festa do Céu", baseada no conhecido conto folclórico sobre os bichos, em que empregava um humorismo repleto de imprevistos:

O leão ia casá
Com sua noiva leoa
E São Pedro, pra agradá,
Preparou uma festa boa.

Mandou logo um telegrama
Convidando os bicho macho
Que levasse todas dama
Que existisse cá por baixo.

Pois tinha uma bela mesa
E um piano no salão.
Findo o baile, por surpresa,
No banquete do leão.
Os bicho todo avisado
Tavam esperando o dia.
Tudo tava preparado
Pra entrá, enfim, na orgia.

E no tal dia marcado
Os bicho tomaram banho;
Foram pro céu alinhado
Tudo em ordem por tamanho:
O mosquito entrou na sala
Com um charuto na boca,
Percevejo de bengala
E a barata entrou de touca.

Zunindo qual uma seta
Foi o pinguim do Pólo;
O peixe de bicicleta
Com o tamanduá no colo;
O siri chegou atrasado
No bico de um passarinho,

Pois muito tinha custado
Pra botá seu colarinho.

E o gato foi de luva
Para assisti o casório;
Jacaré de guarda-chuva
E a cobra de suspensório;
O porco de terno branco
Com um sapato de sola
E o tigre de tamanco
De casaco e de cartola.

De lacinho à borboleta
Foi o cabrito faceiro
E o burro de luneta
Montado num carroceiro;
O macaco com a macaca
Com rouge pelo focinho
Estava engraçada a vaca
De porta-seio e corpinho.

Vou breviá o discurso
Pra não dizê tanto nome:
Lá foi a mulhé do urso
De cabeleira A la home;
Quando o leão foi entrando,
São Pedro muito se riu
E por bicho foi gritando:
"Caiu 1º de abril".

Na mesma época duas composições suas, de aspecto sertanejo: "Mardade de Cabocla", jamais gravada em disco⁴⁴, e "Sinhá Ritinha", da Parlophon, 13.311, na interpretação de Paulo Netto de Freitas:

No mês de maio,
No tempo das ladainha,
Foi que eu vi Sinhá Ritinha,
Sobrinha do Nhô Vigário.
Pra Zé Sampaio
Ela olhou desconfiada
Tava tão encabulada,
Que caiu o seu rosário.

Ele apanhou
O rosário da caboca
Mas a coragem era pouca
Pra falá com a muié,
Depois pensou
E pra não perder a vaza
Guardou o rosário em casa
Pra dá quando Deus quisé.

Já fez dois anos
Que ele não vai à capela,
Mas leva o rosário dela
Pra todo lugá que fô.
Não foi engano,
O que disse toda gente
Que a saudade, de repente,

Tinha virado amô.

E o Zé Sampaio
Foi-se embora lá do Norte
Pois teve a pió das sorte
Que se pode imaginá...
No mês de maio
Quando vortô à capela
Pra entregá o rosário dela
Ela não quis aceitá.

43.O Tijuca Tênis Clube é um clube carioca fundado em 1915. (N.O.)

44. "Mardade da Cabocla" foi recuperada de transmissões radiofônicas e incluída na coletânea organizada por Omar Jubran.(N.O.)

Capítulo 13

CONSAGRAÇÃO DOS BAIRROS CARIOCAS

"Na Pavuna" foi o germe da intensa movimentação que levou Noel Rosa a produzir sambas em louvor a Vila Isabel. Até o nascimento de "Na Pavuna", os bairros e subúrbios não constituíam assunto que interessasse aos compositores. O êxito do nosso samba despertou a atenção para um novo rumo poético-musical.

Semanas após ter sido lançado, o "Na Pavuna" via-se às voltas com vários concorrentes sonoros, que porfiavam em levar para outros bairros as glórias da popularidade maior. Assim surgiu o "No Sarguero", de Benedito Lacerda e Ildefonso Norat:

Tava no samba
Lá no Sarguero
Veio a polícia
Me levou no tintureiro.

Outro, de Euclides Silveira, parodiava o "Na Pavuna", sob o título de "N'Aldeia" (Aldeia Campista):

N'Aldeia, n 'Aldeia
Tem gente feia,
Mas decide bem no pé...

O povo da Aldeia
De macumba não receia
Porque conhece o candomblé.

Em seguida, o pianista José Francisco de Freitas e seu parceiro Dan Malio Carneiro lançaram o excelente samba "No Grajaú, Iaiá":

No Grajaú, Iaiá
No Grajaú
Turma do samba
Lá é bamba pra chuchu.

De todos, entretanto, o mais lamentável carbono foi o ridículo "Na Gamboa", cópia da melodia, do ritmo e do estribilho de "Na Pavuna" e que utilizava na sua gravação os mesmos recursos lançados por nós, inclusive o característico **bum-bum-bum**. Isto sem falar nos versos em que semelhanças gerais podem ser avaliadas pelo estribilho, imitado até nas próprias imperfeições gramaticais:

Na Gamboa,
Na Gamboa,
Tem macumba
Que só entra gente boa.⁴⁵

Nas proximidades de 1930, um grupo de elementos da Mangueira desfilou, em Vila Isabel, com um desafio musical, naturalmente espicaçando o sucesso do "Na Pavuna":

Tem bateria,
Tem harmonia,

O nosso time,

Não há quem possa,
Salve o Estácio de Sá,
Oswaldo Cruz,
Em Mangueira tem cabrocha⁴⁶.

A expressão batucada — uma das variações do samba — foi usada inicialmente no “Na Pavuna”, e ligada ao repertório do Bando de Tangarás, e depois empregada nas composições “Batente”, “Eu Vou pra Vila”, “Madureira”, etc.

Daí em diante fixou-se definitivamente o gênero musical como batucada.

45.O Malho (15/02/1930), seção “Música e discos”, final do comentário de Tom Reo: “Não é preciso dizer mais nada para identificar o plágio descarado, mas é preciso acrescentar que até o efeito de um batuque de tamborim que se encontra no disco de “Na Pavuna” foi transportado, também, para o disco de “Na Gamboa”. Não. Decididamente a polícia precisa intervir nesse negócio de músicas e letras...” (N.A.)

46.Rimas conforme o original. (N.A.)

Capítulo 14

MEDICINA

Descendente de médicos, a fim de manter a tradição honrosa da família, Noel matriculou-se na Faculdade de Medicina. Porém, cursou apenas dois anos, 1931 e 32. Como aluno, jamais se destacou. Mas a despeito de sua fraca assiduidade às aulas práticas, Noel obtinha notas satisfatórias e reveladoras da acuidade de sua inteligência.

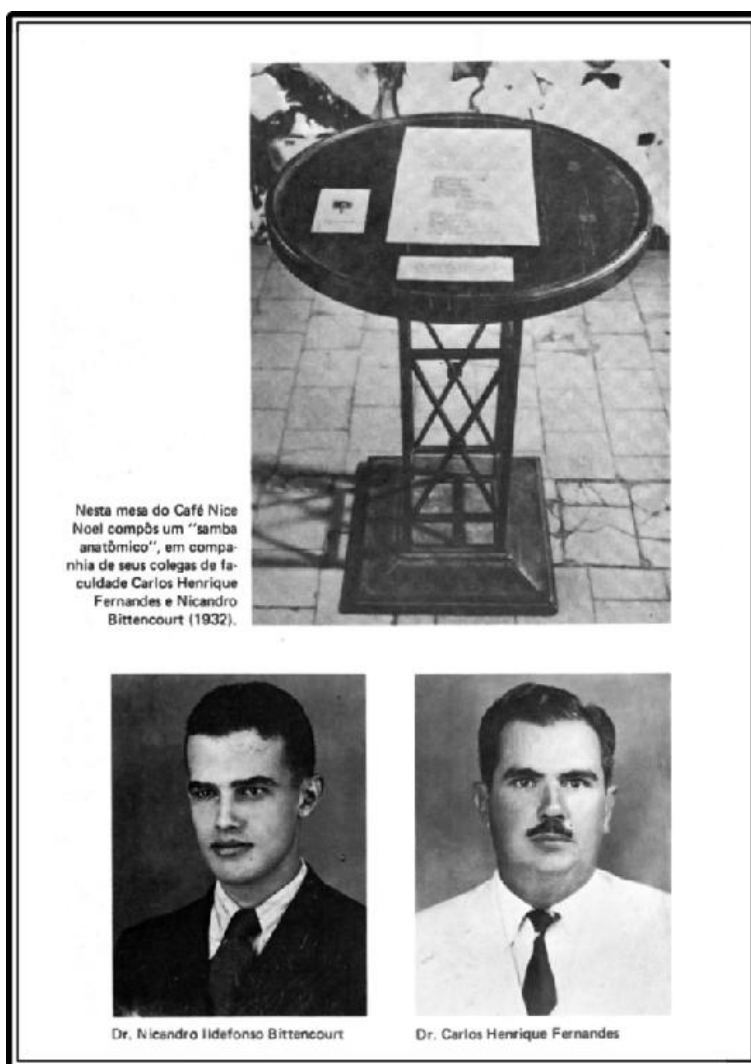
Permaneceu na memória de vários colegas a posição peculiar como assistia às aulas, com seu cotovelo apoiado na cadeira, a mão sustentando o queixo. Vale recordar também outra atitude de Noel: sua maneira curiosa de caminhar meio enviesado, com um lado do corpo mais avançado que o outro. Assim, nas rodas do Café Nice, vários pilheriavam:

— Noel anda de quina...

Quando convidava para tomar alguma bebida, não usava o gesto costumeiro de todos, semifechando a mão e aproximando da boca com o polegar espetado. Ele, com o indicador e o polegar, fazia a mímica de “coisa pequena” e, em movimentos curtos e rápidos, aproximava a mão da boca armada em bico, enquanto a cabeça se curvava para trás em breves arrancos sincronizados.

O defeito do maxilar, o desencontro das arcadas dentárias e a

articulação insuficiente do queixo faziam Noel desprezar alimentos sólidos, preferindo líquidos ou nutrientes sem consistência e que não exigissem mastigação forte. Ao alimentar-se, era obrigado instintivamente a inclinar a cabeça para trás, a fim de engolir.



Nesta mesa do Café Nice, Noel compôs o "samba anatómico", em companhia de seus colegas de faculdade Carlos Henrique Fernandes e Nicandro Bittencourt (1932)

Na Faculdade de Medicina, raros reconheciam nele o sambista já de renome; era um estudante como outro qualquer. Entretanto, os que vislumbrassem seus cadernos de apontamentos de aulas

observariam que nos maços de papéis havia invariavelmente letras de sambas.

Em 1932, após uma aula de anatomia do coração ministrada pelo Dr. Bastos D'Avali, assistente do Professor Fróes da Fonseca, Noel e dois colegas – hoje ilustres médicos, Carlos Henrique Fernandes e Nicandro Bittencourt – tomaram assento a uma das mesas do Café Nice na Avenida Rio Branco, ponto de convergência de músicos, compositores, artistas e jornalistas. Horas depois regressariam à Praia Vermelha⁴⁷ para a aula de histologia.

No Nice, conhecido como a esquina do pecado, os companheiros trocavam ideias sobre as matérias de estudo, enquanto Noel rabiscava num papel. Por fim, batendo ritmo no vidro da mesa, apresentou-lhes uma composição que a preleção do professor lhe inspirara e que o compositor classificou como samba anatômico, sob o título de “Coração”:

Coração
Grande órgão propulsor,
Transformador do sangue
Venoso em arterial;

Coração,
Não és sentimental,
Mar, entretanto, dizem
Que és o cofre da paixão.

Coração,
Não estás do lado esquerdo,
Nem tampouco do direito,

Ficas no centro do peito,
- Eis a verdade -
Tu és pro bem-estar do nosso povo
O que a Casa de Correção
E para o bem da humanidade.

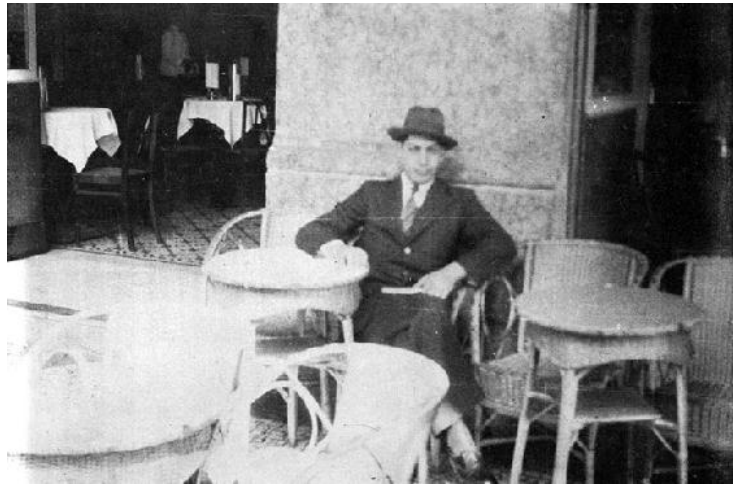
Coração
De sambista brasileiro
Quando bate no pulmão
Faz a batida do pandeiro.

Eu afirmo,
Sem nenhuma pretensão,
Que a paixão faz dor no crânio
Mas não ataca o coração.

Conheci
Um sujeito convencido
Com mania de grandeza
E instinto de nobreza,
Que por saber
Que o sangue azul é nobre

Gastou todo o seu cobre
Sem pensar no seu futuro.
Não achando
Quem lhe arrancasse as veias
Onde corre o sangue impuro,
Viajou a procurar
De norte a sul

Alguém que conseguisse encher-lhe as veias
Com azul de metileno
Pra ficar com o sangue azul.



Almirante sentado numa das mesas do Café Nice

Uma única lição, evidentemente, não daria para que o aluno dissertasse com absoluta segurança sobre o assunto. Quando o advertiram da impropriedade fisiológica de se atribuir ao coração faculdade que o órgão não possuía, era tarde. O samba rapidamente fora gravado em disco a 2 de julho e somente nas publicações impressas pôde Noel fazer a correção:

Coração
Grande órgão propulsor,
Distribuidor do sangue
Venoso em arterial...

A medicina, positivamente, não fora sua vocação. Procurava formar-se unicamente para corresponder aos desejos dos pais.

O Dr. Nicandro Bittencourt recorda a manifestação de desprezo do compositor, referindo-se ao samba "Coração":

— Este é o primeiro partido que estou tirando da desgraça de ser obrigado a estudar medicina.

E o boêmio Noel Rosa justificava sua deserção da escola antes de completar o 2º ano, de forma absolutamente sincera:

— Prefiro ser um bom sambista a ser um mau médico.

47.A Praia Vermelha é um pequeno bairro da zona sul carioca, onde funcionava a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 1973, a faculdade foi transferida para o Campus da Cidade Universitária, na Ilha do Fundão, onde se encontra atualmente. (N.O.)

Capítulo 15

NOEL PICADO DE TSÉ-TSÉ⁴⁸

O sono de Noel era dos mais extraordinários do mundo: duro, pesado, impenetrável.

Certa vez, João de Barro, tendo emprestado seu violão a Noel, necessitou buscá-lo no chalé da Teodoro da Silva. Às voltas com sua escolinha, Dona Marta, dada a intimidade dos dois, indicou:

— Pode apanhar seu violão que está no quarto. E pode acordar Noel.

Noel ressonava e o amigo pensou que pudesse despertá-lo facilmente. Primeiro, tocou levemente no seu ombro. Nenhum resultado. Em seguida balançou-o, dando-lhe sacudidelas, fortes a princípio e fortíssimas no final. E Noel não acordou de maneira alguma.

Arnaldo e Oswaldo Araújo, alfaiates, velhos amigos da família, noutra ocasião receberam encomenda de um terno que Noel necessitava com pressa. A primeira prova pôde ser feita na alfaiataria, à Rua Uruguaiana, mas a última forçosamente se realizou na casa de Noel, que não pôde ser despertado. Com a ajuda de Dona Marta, ele foi colocado de pé, à força, sem tomar conhecimento de si próprio. Assim ocorreu aquela estranha prova de calça e paletó.

Sabedor de que Noel, em abril de 1932, viajaria para o sul, o ator e diretor teatral Graça Melo compareceu ao chalé, para as despedidas, no dia do embarque. Visita providencial, pois Noel ainda não se levantara e seu despertar representava uma tragédia doméstica.

Noel reconhecia a própria resistência para abandonar o leito. Quando necessitava acordar em horas prefixadas a fim de cumprir obrigações importantes, ao chegar em casa alta madrugada, distribuía por todos os cantos — sobre a mesa, em cordas estiradas pelos corredores, pendurados nas lâmpadas, pelo chão, à porta do quarto, à vista do fogão, à entrada do banheiro — avisos alertadores, em letras garrafais, com abundância de exclamações, deixando clara sua preocupação em não faltar ao compromisso assumido:

ATENÇÃO!!!
MUITO IMPORTANTE!!
NÃO SE ESQUEÇAM!!!

PRECISO ACORDAR CEDO!!
CEDÍSSIMO!!!
GRAVAÇÃO ÀS 10 DA MANHÃ!!!

É IMPORTANTÍSSIMO!!!
NÃO ACREDITEM EM DESCULPAS!!!

Ele próprio advertia a família contra suas possíveis invencionices, sob a pressão do sono intenso, quando tentassem despertá-lo.

Dona Marta, em ocasiões mais prementes, costumava valer-se de certo amigo da família, apelidado Calulá, mulato bronzeado, gordote,

muito prestimoso, entregador de roupas de uma tinturaria no Boulevard. Para despertar Noel, Calulá sentava-se à beira da cama e, com infinita pachorra, mansamente, sem alarde, levantava uma ponta de coberta com que o sambista cobria a cabeça, repetindo em voz fanhosa, monótona, alongando seu nome:

— Noeeel... Noeeel... Noeeel...

Os efeitos do legítimo realejo-despertador não tardavam. Ao fim de uma dezena de zumbidos iguais, Noel, com um muxoxo, mudava de posição, repuxando novamente a coberta sobre a cabeça. Calulá, porém, não se deixava abater. Buscava outra ponta do lençol e prosseguia na cantilena:

— Noeeel... Noeeel...

Nova mudança de posição, novo muxoxo, nova tentativa para se ocultar, mas:

— Noeeel... Noeeel... — insistia o realejo. Mais uma coleção de enfadonhos zumbidos e Noel não resistia:

— Já sei, Calulá. Já vou me levantar. Pode ir embora.

Mas o paciente amigo não se deixava enganar. Sabia perfeitamente que se virasse as costas Noel cairia outra vez no sono. Então seguia inalterado:

— Noeeel... Noeeel... Noeeel...

E não desligava sua "chateola" senão quando via Noel despertado, de pé, a caminho do chuveiro, onde o banho dissiparia sua última atração pelos lençóis.

Na manhã do embarque de Noel para o sul, Dona Marta viu-se em

apuros. Por felicidade, Graça Melo surgiu. Pouco faltava para o Itaquera zarpar e Noel na cama, insensível aos berros, aos solavancos, à retirada violenta de todas as roupas. Na véspera, pretextando despedir-se de amigos, ficara a noite inteira pelas ruas em adeuses excessivamente lubrificadas com “óleos” generosos.

Não havia porém tempo para o Calulá pôr em prática seu método infalível. Noel foi posto de pé, a muque; enfiaram-lhe as calças, a camisa, o paletó. Atabalhoadamente, Dona Marta completava a mala. À porta, o carro que deveria conduzi-lo ao cais buzina aflito. E Noel, meio carregado por Graça Melo, Dona Marta e pelo Calulá, foi atirado dentro do táxi, como um trapo, semi-inconsciente. No trajeto, ia completando suas roupas à medida que os solavancos do automóvel em disparada permitiam.

Os companheiros — Chico Alves, Mário Reis, Nonô e Peri Cunha — o aguardavam, já sem esperanças. E ele subiu a bordo, sobraçando a mala entreaberta, desganhado, camisa fora das calças, olhos empapuçados, mas feliz.

48. A mosca tsé-tsé é conhecida por transmitir a “doença do sono”. (N.O.)

Capítulo 16

AUTOMÓVEIS

Até 1931, Noel Rosa não tivera maiores contatos com Francisco Alves. Unicamente este gravara para o carnaval de 1932 a marcha “Palpite”, do maestro Eduardo Souto, com versos de Noel:

Palpite! Palpite!
Nasceu no crânio
De quem teve meningite.
Foste linchado lá num samba em Catumbi
Porque tocaste no pandeiro o Guarani.

Num dia destes perguntastes ao condutor
Se os bondes passam pela Rua do Ouvidor.

Ser palpiteiro neste mundo é uma sina;
Vendeste o carro pra comprar a gasolina

Francisco Alves nasceu a 19 de agosto de 1898 e produziu incontáveis canções dos mais diferentes gêneros, falecendo a 27 de setembro de 1952.

Ismael Silva⁴⁹ nasceu em Niterói a 14 de setembro de 1905. Aos 3 anos passou a residir no Estácio e depois viveu em Catumbi, voltando mais tarde ao Estácio.

Nilton Bastos⁵⁰ nasceu na Ladeira de São Januário, nº 9, a 12 de julho de 1899. Mecânico no Arsenal de Guerra, mesmo sem ter estudado música, desde cedo produziu inúmeras melodias, tocando piano de ouvido. Em 1931, acometido de fulminante tuberculose pulmonar, veio a falecer, na Rua Dona Zulmira, no dia 8 de setembro.

Francisco Alves, Ismael Silva e Nilton Bastos formaram o trio Bambas do Estácio, unicamente para as gravações da Odeon, não se exibindo nunca em espetáculos ou teatros.

Em 1932, regressando do Sul, Francisco Alves preparava-se para realizar excursões a outros Estados, possivelmente ao Norte, ligado a Mário Reis, Noel Rosa e demais figuras radiofônicas. Mas a 9 de julho de 1932 estourou a Revolução Constitucionalista de São Paulo e seus projetos se alteraram.

Nessa altura, com o trio de compositores desfalcado, Chico propôs a Noel integrá-lo. Dessa forma surgiram novos títulos nas gravações da Odeon: Batutas do Estácio, Gente Boa e Turma da Vila.

Em agosto o Cine Broadway⁵¹, sob a direção de Ponce & Irmão, iniciava uma série de tela-palco⁵² sob a designação de Broadway Cocktail.

O segundo show realizou-se no dia 15, com os seguintes elementos: Francisco Alves, Carmen Miranda, Noel Rosa e eu como cantores; Josué de Barros, seu filho Betinho, Carlos Lentini e Jaci Pereira (Gorgulho), violonistas; e João Martins, bandolinista. Ali, com interpretação de Chico, foi lançado um dos mais belos sambas de Noel, "Nuvem que Passou", logo em seguida gravado em disco:

A nossa imensa felicidade
Foi uma nuvem que já passou...
O teu amor que traz saudade
Foi estrela que brilhou,
Para sempre se apagou.

A mulher mente brincando
E às vezes brinca mentindo
Quando ri está chorando
E quando chora está sorrindo.
Quero lembrar o passado
Por um prazer, uma dor,
O amor é um pecado
Mas quem não ama é pecador.

Meu ideal foi desfeito,
Não quero mais amizade
Para não trazer no peito
O atroz veneno da saudade,
No céu do amor a saudade
Brilhando sempre ficou
E a nossa felicidade
Foi uma nuvem que passou.

Desde então Noel aliou-se a Francisco Alves e deu origem às suas transações automobilísticas. Francisco Alves adquiria carros velhos em São Paulo, transportados para o Rio pela velha estrada e dirigidos por Léo Benzaquen e Germano Augusto. Noel tinha comprado um Chandler, verdadeiro abacaxi, que ele mesmo

apelidara de Viramundo. Naqueles entendimentos, Chico lhe propôs controlar todas as suas atividades em shows, cinemas, teatros, clubes, etc., e seus direitos autorais nas gravadoras Odeon, Victor e Columbia:

— De tais rendas, Noel, você receberá somente 50%. Os restantes 50% serão destinados à liquidação do débito do carro.

Além do 2º Broadway Cocktail a 29 de agosto, exibiu-se Noel uma semana no Cinema Eldorado, com Chico Alves, Almirante e mais alguns; a 7 de setembro participou de um réveillon no Luar, centro de diversões que existia na Praia do Flamengo, 182, com a mesma turma; a 3 de outubro, outra semana de apresentações no Cine Eldorado, com o grupo de sempre, mais Vicente Celestino.

Para atender aos pagamentos da compra do carro, Noel esgotou-se extraordinariamente, exaurindo-se de todos os modos, produzindo nada menos de quarenta e tantas composições entre meados de 1932 e 1933.

Tópico pitoresco do nº 17, de 27/09/1934, da revista semanal Sintonia, a respeito de automóveis e Noel:

Cama de Gato

A alma das coisas...

Eu tive uma radiola nacionalista que só pegava estações do Brasil. Noel tem, além de um rádio espírita (válvulas na sala de jantar e cometa na cozinha), um automóvel cruz-vermelha.

É um Chevrolet.

Para que Noel não faça desastres, ele desde que o comprou não sai da garagem.

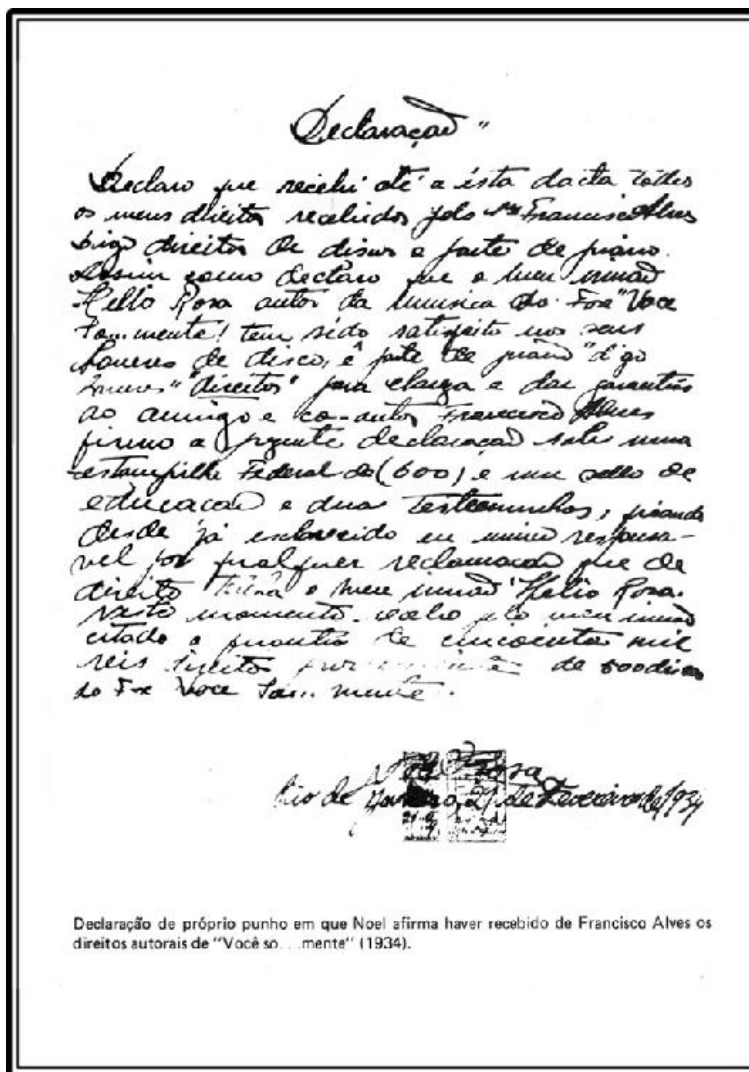
Tomara que o carro que o Ary Barroso adquirir tenha o mesmo modo de pensar.

No Jornal do Brasil de 12 de setembro de 1973, conta Cartola suas ligações com Francisco Alves e Noel Rosa:

“Certa vez, ele e Noel Rosa, sem tostão, foram esperar Francisco Alves junto ao chafariz do Largo do Maracanã, para arranjar algum dinheiro. O cantor exigiu: ‘Só dou dinheiro se cada um fizer um samba, agora’.

— Eu e o Noel tivemos que fazer, cada um de nós, um samba ali mesmo.

Certa vez, quando Cartola estava doente, Noel fez uma segunda parte para um samba seu. O samba ficaria apenas no nome de Cartola. Noel não quis a parceria.



Declaração de próprio punho em que Noel Rosa afirma haver recebido de Francisco Alves os direitos autorais de "Você so..... mente" (1934)

Cartola entregou o samba "Qual Foi o Mal Que Eu Te Fiz?", que Francisco Alves e Mário Reis gravaram na Odeon, 10.955; na mesma ocasião, Noel compôs "Estamos Esperando", gravado pelos mesmos cantores, a 17 de novembro de 1933, na Odeon, nº 10.956.

Estamos esperando,
 Vem logo escutar,
 O samba que fizemos pra te dar;
 A rua adormeceu,

E nós vamos cantar
Aquilo que é só teu
Que nos faz penar...

Da tua voz tirei a melodia
E a harmonia,
Eu fiz com teu olhar
Já estava perdendo a paciência
Quando roubei a cadência,
Do teu modo de guiar...
(Chega à janela...)

E este samba que fiz de parceria
Depois de feito
Não é dele nem é meu;
Escuta o violão que está gemendo,
Suas cordas vão dizendo
Que este samba é só teu.
(Até amanhã...)

49.Morto em 14 de março de 1978. (N.O.)

50.Nilton Bastos – e não Newton ou Milton, como inúmeros publicam. (N.A.)

51.O Cine-Teatro Broadway localizava-se na Cinelândia, centro do Rio de Janeiro. (N.O.)

52.Refere-se a um tipo de espetáculo que misturava exibições de filmes com apresentações no palco. (N.O.)

Capítulo 17

FAGULHAS DO ESPÍRITO DE NOEL ROSA

Noel, sempre pacato e com mansidão peculiar, era incapaz de qualquer grosseria, tendo condescendência até com as criaturas mais paulificantes do mundo. Ouvia, com extraordinária paciência, as questiúnculas particulares dos demais, sem a menor importância para ele. Entretanto, usava recursos inesperados e infalíveis para livrar-se de indivíduos incômodos e maçantes. Durante a palestra, quando o narrador se estendia em detalhes miúdos, sem interromper suas palavras, Noel gesticulava para um invisível amigo, no meio da multidão, e dizia em voz alta:

— Ué, ele ficou doente? ... Coitado ... Eu vou já aí....

E sem dar tempo para qualquer indagação, liquidava o assunto de modo urgente e definitivo ... e desaparecia pela rua.

A 16 de junho de 1931, o Governo Provisório⁵³ decretou o falado Acordo Ortográfico⁵⁴.

Era Noel grande amigo de Tião, cuja irmãzinha Yvone morava com a família na Rua Barão de Cotegipe, nº 218. Lá existia um enorme

pé de jamelão e, em certo dia, tentando colher um fruto com um bambu, involuntariamente Noel feriu a cabeça da menina. Como consolo, para que não chorasse mais, prometeu compor um samba com o seu nome. Estando em moda as questões fonéticas, criou o samba carnavalesco "Yvone", também chamado "Picilone".

Yvonel Yvone!

Eu ando roxo

Pra te dizê

Um picilone!

Já reparei, outro dia,

Que o teu nome, Yvone,

Na nova ortografia

Já perdeu o picilone.

Cansei de andá só de tanga,

Já perdi a paciência,

Fui te encontrar na Cananga

Mas não me deste audiência.

Tem uma vida folgada,

Não faz mais nada a Yvone,

Até já tem empregada

Para atender telefone.

E pra ganhar simpatia

Que todo mundo se abaixa,

Pra te fazer cortesia

Com os olhos fora da caixa.

A 3 de outubro de 1931, exatamente às 11 horas, todos os relógios foram adiantados 60 minutos. Com sua fertilidade, Noel Rosa compôs dois sambas sobre a novidade da “hora de verão”⁵⁵. Na Parlophon, 13.350, tendo como abertura a pergunta “Que horas são?”, gravou o samba “O Pulo da Hora”.

Eu venho agora
Saber a hora
Que o ponteiro está marcando
No relógio da senhora

Minha mulher
Sempre quer me dar pancada
Quando eu olho o mostrador
Do relógio da criada.

E eu danado
Com intriga e com trancinha
Arranquei hoje o cabelo
Do relógio da vizinha.

Fiquem sabendo
Os senhores e as senhoras
Que o pai da minha pequena
Me manda embora às dez horas
Mas a pequena
Que é sabida e muito sonsa
Com este pulo da hora

Já deu o pulo da onça.

Há muito tempo
Fiquei com um batedor
Troquei de mal com as horas,
Quebrei o despertador.
O meu relógio
Anda agora desviado
Tá faltando no meu bolso
Ele anda sempre atrasado.

Com a facilidade de criar versos, escreveu novas estrofes, que não foram gravadas:

O meu relógio
É de ouro brasileiro
Trabalha bem com a corda
Sem ter vidro nem ponteiro.
Em minha casa
Surgiu hoje uma briga
Meu credor usa a moderna
E eu adoto a hora antiga.

O carioca
Perdeu a calma e a paz,
A hora pulou pra frente
E a nota pulou pra trás.
Mas eu agora
Já gostei desse brinquedo
Para me vingar da hora

Janto três horas mais cedo.

Com o mesmo tema, na Victor, 33.478, Noel lançou o samba "Por Causa da Hora":

Meu bem,
Veja quanto sou sincero,
No poste sempre eu espero,
Procuro bonde por bonde
E você nunca que vem,
Olho: ninguém me responde,
Chamo: não vejo ninguém.

Talvez seja por causa dos relógios
Que estão adiantados uma hora
Que eu triste vou-me embora
Sempre a pensar por que
Não encontro mais você.

Terei que dar um beijo adiantado
Com o adiamento de uma hora,
Como vou pagar agora
Tudo o que comprei a prazo
Se ando com um mês de atraso.

Eu que sempre dormi durante o dia
Ganhei mais uma hora a descansar
Agradeço ao avanço
De uma hora no ponteiro,
Viva o dia brasileiro!

Em 1931, dirigia eu a fábrica Parlophon, com escritório à Rua Sachet, quando certo dia ali apareceu Noel Rosa, com uma capa de chuva de lona marrom, tipo oleado, lustrosa, muito usada e cheia de rachaduras. Desejava que eu a comprasse e me fez uma proposta absurda:

— Você me dá 20 mil réis e eu lhe vendo a capa — dizia o Poeta da Vila.

Era baratíssimo, pois mesmo velha, a capa devia valer bem mais. Não estava interessado no negócio, além do mais, a capa nem serviria para o meu corpo. Argumentei de todas as formas possíveis, mas ele teimava:

— Quero vendê-la a você ... e só por 20 mil réis.

— Naturalmente que você está precisando de dinheiro, Noel. Pois bem, posso dar-lhe um vale. Você tem vários direitos autorais a receber, portanto é fácilimo.

— Muito obrigado, mas eu não desejo. Eu quero é vender a capa. Se você não quiser comprá-la, vendo-a a algum outro...

Não acreditei, absolutamente, que tal transação se fizesse. Imaginei que se tratasse de simples pilhéria. Poucos dias depois, surgiu no meu escritório o conhecido pianista Kalua (José Antônio Lopes Filho), que envergava a capa e que confirmou o negócio:

— Eu a comprei ontem ao Noel. Apesar de ter dito que ela valeria muito mais, só quis que eu pagasse 20 mil réis.

Certo dia apareceu no chalé de Dona Marta uma senhora muito amiga, que residia na Praça 7 de Março⁵⁶, pedindo encarecidamente que Noel a livrasse de uma vizinha impertinente, faladeira, língua-de-trapo. No Programa Casé, tive a incumbência de interpretar aquele tipo de choro intitulado “Disse-me-Disse”, jamais gravado em disco:

Você me disse
Que a vizinha disse
Que eu sempre disse
Que você é louca;
Esta vizinha
Que só faz trancinha
De falar sozinha
Vive sempre rouca.

Eu tenho pena
Dessa infeliz
Que sem motivo diz
Que eu seria capaz
De sustentar
Aquilo que você não disse
Deixa de tolice
Não leva e traz.

Eu encontrei
Alguém que garantisse

Que a vizinha disse
Que eu falei demais;
E esse alguém
Que fala mal de todo mundo
Creio que no fundo
Não é mau rapaz.

Que bom seria
Se eu, face a face
Hoje declarasse
À vizinha rouca
Que ela deve
Se chamar língua-de-trapo
Quanto bate-papo
Quanto bate-boca.

Noel Rosa tirou uma fotografia no famoso Studio Nicolas⁵⁷. Envergava um terno claro, quase branco. Usava camisa preta e gravata branca. Nicolas sugeriu que ele colocasse no bolsinho um lenço escuro, para realçar o paletó. Noel, porém, não possuía lenço que servisse e resolveu o problema de maneira prática e rápida: sacou uma das suas meias pretas, colocou-a no bolsinho, e assim deixou-se fotografar...

Por coincidência, ao ser aceso um cigarro, o braço esquerdo de Noel encobriu o lenço-meia. Trata-se, aliás, de uma das fotos mais populares do compositor.

Uma noite, foi levado por amigos à residência de uma família, cuja dona da casa desejava conhecê-lo de perto. No instante da apresentação, a senhora não pôde esconder a surpresa diante de Noel. Certamente imaginara uma guapa figura e se decepcionava com a realidade.

A Noel não escapou o quase imperceptível tique da mulher no seu desapontamento e, com uma insolência ferina, indagou:

— A senhora está passando mal?...

— Não, não! Senti uma pontada... já passou...

A caridosa inverdade atçou a musa do poeta, e dias depois compôs "Mentira Necessária", posteriormente denominada "Mentir":

Mentir, mentir, somente pra esconder
A mágoa que ninguém deve saber...
Mentir, mentir, em vez de demonstrar
A nossa dor num gesto ou num olhar.
Saber mentir é prova de nobreza
Pra não ferir alguém com a franqueza
Mentira não é crime
E é bem sublime
O que se diz
Mentindo pra fazer alguém feliz.

É com a mentira que a gente se sente
Se sente mais contente,
Por não pensar na verdade,

O próprio mundo nos mente e ensina a mentir
Chorando ou rindo sem ter vontade.
E se não fosse a mentira

Ninguém mais viveria
Por não poder ser feliz,
E os homens
Com as mulheres na terra
Então viveriam em guerra
Pois no campo do amor
A mulher que não mente
Não tem valor.

Três horas da manhã. Noite fria. Junho. O Boulevard 28 de Setembro inteiramente deserto. Paulo Netto e seu velho amigo Renato Freitas, despachante aduaneiro, possuidor de um Chrysler 27, dirigiam-se para a Avenida Rio Branco.

Defronte da Rua Jorge Rudge, num trecho onde não existia qualquer parada de bondes, Paulo Netto viu Noel sozinho. Renato Freitas freou rapidamente a pedido de Paulo Netto, que indagou:

— Que é que você está fazendo a esta altura?

— Estava esperando que passasse por aqui um botequim...

Simple comentário de Noel ao reconhecer o carro munido de geladeira, copos e bebidas.

A Voz do Rádio (19/12/1935, Ano I, nº 36, p. 4) publicou uma série de indagações aos radialistas, sob o título "Que faria você com a televisão?": "Já Noel Rosa, o filósofo do samba, é um descrente. — Com a televisão eu não faria nada. Porque quando ela chegar eu não existo".

Previsão ou piada de boêmio? ... A TV no Brasil iniciou-se em 1951.

Além de musicista, poeta, acompanhador, cantor e solista de violão, Noel possuía declarada queda para o desenho, especialmente para caricaturas. Desenhou capas para músicas, algumas publicadas na imprensa, porém nunca utilizadas pelos editores:

Carioca (08/05/1937): Noel ao microfone da PRA-9⁵⁸, cantando com seu violão.

A Noite Ilustrada (11/06/1937): Noel defronte de um monte de música, vendo-se seus títulos mais populares; e outra capa em que o compositor, com seu violão, empunhava também uma garrafa com o rótulo "Cascatinha", indicando o título "Eu Sei Sofrer".

Diretrizes (04/12/1941): Noel com o seu pinho em frente a uma casa de esquina. Numa das janelas, vê-se um homem de cara feroz e uma placa: "Dr. Leão Leal — Médico". Noutra, uma jovem.

Revista da Semana (25/10/1952): num bloco de papel, Noel Rosa desenhava sua autocaricatura.

Piraí, 25/04/1937: Na sua derradeira carta, escrita para sua mãe, Dona Marta, não há assinatura mas apenas o rabisco do seu perfil.



Autocaricatura (O Carioca 08/05/1937)

53.Primeiro período do governo Vargas (1930-1934). (N.O.)

54.Em 1931, as academias brasileira e portuguesa de letras assinaram um acordo preliminar com objetivo de diminuir as diferenças ortográficas existentes entre o português escrito nos dois países. No entanto, apenas em 1943 a ABL estabeleceu a nova ortografia do português do Brasil e, entre as alterações, estava o banimento do "y" do alfabeto. O Acordo Ortográfico de 1990 reincorporou essa letra ao alfabeto do português.(N.O.)

55.O horário de verão foi adotado pela primeira vez no Brasil em 1931, ficando vigente de 03/10/1931 a 31/03/1932 em todo o território nacional. (N.O.)

56.Localizada no bairro da Tijuca, atualmente possui o nome de praça Barão de Drummond. (N.O.)

57.O Studio Nicolas foi um dos mais famosos estúdios fotográficos do Rio de Janeiro. (N.O.)

58.Prefixo da rádio Mayrink Veiga. (N.O.)

III

GRAVAÇÕES E TRANSMISSÕES



Gravação do Samba "Vaca Maiáda", no estúdio Odeon, na cúpula do Teatro Fênix.
Atrás: João de Barro, Manoel Lino, Almirante, Luperce Miranda e Noel Rosa. À
frente, os "adendos" do Bando: Sergio Brito, Daniel Simões e Abelardo Braga
(1930)

Capítulo 18

GRAVAÇÕES ELÉTRICAS

Fundado o Bando de Tangarás, e recebendo convites para gravações de discos, cuidamos imediatamente do nosso repertório.

Um estúdio de gravações era, ainda para nós, um segredo, verdadeiro tabu. O da Odeon-Parlophon localizava-se na cúpula do Teatro Fênix. Como ali os elevadores da galeria do teatro não funcionavam durante o dia, os artistas, músicos e demais participantes das gravações eram forçados a subir pelas extensas escadas, chegando exaustos, o que dava motivo a blagues, como justificativa para um defeito muito comum nos discos daquele tempo: o andamento das melodias, executadas depressa no início e lentamente no final:

— São as escadas. Com o cansaço, os músicos começam a executar com rapidez e depois mais lentamente...

A grande constelação de discos na época era encabeçada por Francisco Alves. A seu lado brilhava Mário Reis. Stefana de Macedo, por longo tempo, ocupou lugar de destaque com suas felizes gravações de Hekel Tavares, o compositor da moda. Grande sucesso alcançavam também Alda Verona e Gastão Formenti, este levando para os discos a credencial de seu nome como pintor. Vicente Celestino causava admiração pelo ecletismo com que figurava nos

suplementos, intercalando canções brejeiras e árias de óperas, sempre com êxito em ambos os gêneros. Araci Cortes, com suas gravações valorizadas pelo excelente repertório, era a imperatriz absoluta das revistas teatrais da Praça Tiradentes. Raul Roulien, especializado em tangos argentinos, mantinha nos discos a popularidade do teatro e do cinema. Artur Castro, Alfredo Albuquerque, Patrício Teixeira, com sua voz popularíssima, Pinto Filho (que sucesso o seu monólogo da Guerra ao mosquito!), Américo Jacomino (Canhoto), Rogério Guimarães (outro Canhoto) eram figuras queridas nas gravações do tempo.

Acima de tudo, porém, brilhava de modo incomparável Francisco Alves, bem justificadamente chamado mais tarde de O Rei da Voz.

Naqueles bons tempos, o Bando de Tangarás engatinhava e tive o meu primeiro contato com o famoso seresteiro, o que jamais pude esquecer.

Na Odeon⁵⁹, há anos, os discos de Francisco Alves ostentavam seu verdadeiro nome, enquanto nos suplementos da Parlophon, publicados a partir de 1928, o cantor aparece com o pseudônimo de Chico Viola.

A duplicidade de nomes para a mesma voz dava motivo a uma acesa controvérsia, da qual participavam até antigos comerciantes do ramo e que jamais deveriam incorrer em tal erro. Formavam-se, então, duas correntes, com opiniões que se chocavam acirradamente:

— Pra mim, Chico Viola é muito melhor que o Francisco Alves — afirmava um.

— Nada disso. Francisco Alves é superior. Chico Viola é um reles imitador — declarava outro.

Uma tarde, estávamos ao lado de nossos companheiros a ouvir, numa das salas da Casa Edison, na Rua 7 de Setembro, a prova de um dos primeiros discos do Bando de Tangarás, quando percebemos que alguém, silenciosamente, se acercava do grupo, e eu, emocionado, reconheci Francisco Alves.

Ficou ali algum tempo, risonho, cabeça de lado, coisa muito de seu hábito e, antes de qualquer manifestação de alguém, ele deu sua opinião sobre o que ouvia. E o fez usando a maneira peculiar com que demonstrava seu agrado pelas músicas alheias, isto é, cantando também. E sua voz juntou-se à nossa, cantarolando o estribilho, repetindo a gravação do samba “Mulher Exigente”, incluído anteriormente na revista Manda Quem Pode, no Teatro Recreio, a 14 de março de 1929:

Tem carinho que eu faço,
Tem dinheiro, meu bem,
Tem minh’alma e meu braço,
Querendo amor, também tem

Nada no mundo me poderia ser mais grato do que verificar que aquela celebridade conhecia minha melodia, pois sabia de cor meus modestos versos.

Com o que Francisco Alves declarou a seguir espontaneamente, diante dos membros da gravadora ali presentes, teve o Bando de Tangarás vencidas todas as resistências que poderiam entravar sua carreira nos discos.

Mais tarde, em diferentes momentos, vi repetir-se aquele traço da personalidade de Francisco Alves, com a certeza de que o renomado artista jamais invejou a vitória dos concorrentes e que, pelo contrário, os incentivava e aplaudia. Em inúmeras ocasiões Chico Viola deu demonstrações de que acompanhava, passo a passo, satisfeito e feliz, o êxito de colegas de profissão.

O Bando de Tangarás gravou vários discos como a embolada "Galo Garnisé" e o cateretê "Anedotas". Daí em diante a sorte bafejou o nosso conjunto e as gravações sucederam-se com regularidade.

A participação de Noel Rosa nesses discos deu-se apenas como acompanhador de violão.



Festa no Grajaú Tênis Clube. Sentados em cadeiras, da esquerda para a direita: Henrique

Festa no Grajaú Tênis Clube. Sentados em cadeiras, da esquerda para a direita: Henrique Brito, João de Barro, Alvinho, Antônio Neves e Joaquim Laranjeira Formiga. Sentados no palco: Almirante (empunhando a violata), Formiguinha e Homero Dornellas (executando o arranholino) (1930)

59.A gravadora Odeon funcionou no Brasil como uma subsidiária da EMI e foi extinta na década de 90. (N.O.)

Capítulo 19

EXPERIÊNCIAS SONORAS

O Bando de Tangarás andava numa febre de originalidade com suas gravações. Em nossas últimas exhibições no rádio, em festas, teatros, clubes, usávamos como prefixo uma linda valsa de autoria de João de Barro, intitulada sugestivamente “A Lenda dos Tangarás”. Durante as execuções, cada participante trilava, buscando imitar sons dos pássaros mais populares do Brasil.

Em várias apresentações, Henrique Brito executava um exótico instrumento feito com uma lata de querosene, com extenso braço de violino e uma só corda que, por isso mesmo, recebeu o nome de violata. Além do mais, no intuito de outra novidade sonora, concebemos certa música exclusivamente com acompanhamento de folhas de caixas estampadas de todos os feitios, vasilhas de diversos tamanhos, recipientes caseiros dos tipos mais variados. Com direito adquirido pelos sucessos anteriores, num certo dia de novembro de 1930, o estúdio da Odeon se viu invadido por uma batelada de latas de goiabada, marmelada, biscoitos, querosene e tudo mais. Para início da gravação, como justificativa, fizemos um rápido esquetes pitoresco, em que, aliás, o maestro Souto participou numa das falas:

Almirante - Como é, pessoá, vamo fazê uma batucada?

João de Barro - Vambora. Mas que pandeiro?

Eduardo Souto - Pandeiro, nada! Lata véia taí à beça ...

João de Barro - Isto mesmo! Vamos fazê a batucada de lata
véia!

A marcha foi gravada pelos elementos do Bando de Tangarás,
exceto Henrique Brito, que não conseguiu, de maneira alguma,
cantarolar sua quadrinha, devido a um acesso de riso que nos fez
destruir várias provas. A parceria teve o título de "Latária", e o grupo
cantava em coro com o estribilho:

Já que não temos pandeiro
Para fazer nossa batucada
Todo mundo vai batendo
Na lata velha e toda enferrujada.

Inicialmente eu entoava a minha parte:

Para poder formar no samba,
Para entrar na batucada,
Fabriquei o meu pandeiro
De lata de goiabada.

Noel cantou outra quadrinha:

Sai do meio do brinquedo,
Não se meta, dona Irene,
Porque fiz o meu pandeiro
De lata de querosene.

Desempenhou-se Alvinho:

Ando bem desinfetado

Só porque, minha menina,
Fabriquei o meu pandeiro
De lata de creolina.

A João de Barro coube o detalhe mais pitoresco da gravação. A quadrinha prestou-se para uma verdadeira charada, com seu “instrumento” jamais citado, apesar de sua fácil identificação pelo som daquele objeto caseiro, sonoro, vasilhame popular nos banheiros e nos quartos:

Escuta bem, minha gente,
Escuta bem, pelo som,
E depois vocês me digam
Se o instrumento é bom...

Nossas experiências sonoras prosseguiram. Noel Rosa apresentou o “Eu Vou pra Vila”, composição em que glorificava nosso bairro. Gravamos o samba de forma inusitada, com acompanhamentos de pandeiros com “batinelas” (neologismo criado em escolas de sambas: chapinhas de cerveja furadas que se fixavam nos instrumentos, para aumentar-lhes os sons vibrantes e claros).

Não tenho medo de bamba,
Na roda de samba
Eu sou bacharel...
Sou bacharel...
Andando pela batucada
Onde eu vi gente levada
Foi lá em Vila Isabel.

“Na Pavuna tem turuna...”
“Na Gamboa gente boa...”
Eu vou pra Vila
Aonde o samba é de coroa.
Já mudei da Piedade,
Já saí de Cascadura,
Eu vou pra Vila
Pois quem é bom não se mistura.

Quando me formei em samba
Recebi uma medalha
Eu vou pra Vila
Pro samba de chapéu de palha.
A polícia em todo canto
Proibiu a batucada,
Eu vou pra Vila
Onde a polícia é camarada.

Capítulo 20

A PRIMEIRA GRAVAÇÃO COM PERCUSSÕES

Em fins de 1929, compareci à residência de Homero Dornellas, excelente artista que, por vezes, usando o pseudônimo de Candoca da Anunciação, exibia-se em festas particulares, executando músicas de classe num instrumento exótico feito de uma simples caixa de charutos, à qual aplicara um longo braço com uma corda de violoncelo. Era, pois, um monocórdio que, devido ao som peculiar, recebera o apelido de “arranholino”. Dornellas havia composto o estribilho e a melodia da segunda parte de um samba e desejava que eu escrevesse os versos. Em sua casa na Rua Torres Homem (Vila Isabel) mostrou-me sua composição, executando ao piano e cantarolando a melodia, repetindo seus compassos:

Na Pavuna,
Na Pavuna
Tem um samba
Que só dá gente reúna.

Não me tomei de grande entusiasmo pela parceria. A construção do versinho final, com a falta gritante da preposição, mesmo explorando uma forma indiscutivelmente popular — a expressão reúna, desconhecida para mim até então —, e a melodia pobre,

ingênua e estranha eram motivos justificáveis de recusa. Pouco a pouco, entretanto, fui cedendo à argumentação do compositor e, quando me informou do curioso significado da gíria, ligada a soldados e usada no subúrbio citado no estribilho, já estava inteiramente convertido. E os versos, mesmo sem mérito e sem veia poética, surgiram-me fáceis, acomodados à melodia e ao ritmo:

Na Pavuna tem escola para o samba
Quem não passa pela escola não é bamba
Na Pavuna tem
Cangerê também
Tem macumba, tem mandinga e candomblé
Gente da Pavuna
Só nasce turuna
É por isso que lá não nasce "mulhé".⁶⁰

Concluído o samba e apresentado aos companheiros do Bando de Tangarás, surgiu a ideia de levá-lo para o disco de maneira sui generis, até então jamais tentada na história das gravações no Brasil, pois "Na Pavuna" seria gravada com a batucada própria das escolas de samba. Arrebanhamos alguns tocadores de tamborins, cuícas, surdos e pandeiros entre os adeptos e mestres da matéria. Um deles, um preto forte de apelido Andaraí, era tão compenetrado em seu instrumento, que tocava tamborim de olhos fechados, como em êxtase. Outro se tornou conhecido como Canuto, preto magro, alto, calmo, afinadíssimo, cantando baixinho, com "sentimento profundo", segundo ele mesmo declarava. Era lustrador de móveis e nascera com um sobrenome pomposo: Deocleciano da Silva Paranhos⁶¹. Tratava a todos e a ele mesmo de "mano". Em certa

ocasião enviou um bilhete ao nosso amigo Lauro Boamorte, pedindo-lhe uma pequena ajuda monetária:

“Mano Lauro
Manda uma ‘água’ \ que eu ‘tou duro, duro
Mano Canuto”.

Naturalmente, numa suspeita de que o bilhete não fosse bem convincente, acrescentou um genial post scriptum:

“Mas manda mesmo!”

O surdo, instrumento improvisado às vezes numa simples barrica, e que praticamente se tratava de “centro” - o pedal do ritmo - tinha como exímio executante o Curuca, que também tocava reco-reco. Dois pandeiros completavam a percussão. Além dos violões e de um cavaquinho, buscamos o bandolim de Luperce Miranda e o piano de Carolina Cardoso de Menezes para reforçar a afinação do disco.

Posto à venda nas vésperas do Natal, correram as mais pitorescas interpretações sobre o samba. Composição de título ainda desconhecido, seus versos eram ouvidos com clareza nas eletrolas das ruas, mas, devido à barulheira das percussões, os estribilhos não conseguiam ser compreendidos com a necessária nitidez. Vários traduziam o coro como “Caradura, bum-bum-bum”, outros, “Engenho Novo, bum-bum-bum”, e outros como “Lá vai uma, bum-bum-bum”. A mais exótica das imaginações ocorreu com um freguês compenetrado que numa casa de discos, a Loja dos Sons (esquina da Avenida com 7 de Setembro, instalada nos escombros do jornal O Paiz), aproximou-se e indagou:

— O senhor tem aí “Amapola”?

Solícito, o empregado localizou rapidamente a gravação de Tito Schipa, um dos maiores sucessos do tempo, e colocou o disco na máquina. O interessado manteve-se atento durante alguns instantes, mas sua fisionomia registrou uma decepção e, irritado, exclamou:

— Não! Não é nada disso! É aquele que diz assim: “Amapola, bum-bum-bum, Amapola, bum-bum-bum...”

60.Parlophon - 13.089 (dezembro de 1929) - Almirante e Bando de Tangarás. Pavuna, subúrbio da Central do Brasil. A editora e a gravadora classificaram erradamente o gênero de “choro de rua”. (N.A.)

61.Canuto morreu no Hospital de São Francisco de Assis a 27/11/1932. (N.A.)

Capítulo 21

O RÁDIO E AS GALENAS

O rádio brasileiro dava seus passos iniciais.

A 7 de setembro de 1923, inaugurou-se a primeira emissora, a Rádio Sociedade, e um ano depois, a 1º de outubro de 1924, a Rádio Clube do Brasil.

Com o aparecimento dos dois postos emissores a cidade transformou-se em floresta de antenas. Não havia residência que não ostentasse sobre os telhados ou pelos quintais os mastros altíssimos de antenas, geralmente de bambu, a sustentar os fios horizontais para a captação das ondas hertzianas. Sem a boa extensão de seus vinte metros de fios, ninguém poderia reter com eficiência a rudimentar energia dos 1.500 watts da Rádio Sociedade ou 500 watts da Rádio Clube do Brasil. E ainda havia o enervante problema das ligações das galenas com suas agulhas para se obter um bom contato. A mais ligeira trepidação dos solos — na fase com pisos balançantes, quando não existiam as lajes de apartamentos — aumentava o nervosismo dos abnegados amadores de rádio. Assim nasceu a radiomania, registrada em várias canções, sendo a mais popular o maxixe “Suspira Nega, Suspira”, de Sá Pereira, e que fez sucesso durante anos:

A última descoberta

Que fez sucesso, que fez furor,
Que põe todo o mundo alerta
Para salvar os casos de amor.
Já hoje qualquer marmanjo,

Sem que tal caso o impressione,
Cuidando do seu arranjo
Diz à pequena no alto-fone:

Suspira nega, suspira,
Vai muito por meu conselho,
Suspira nega, suspira,
Ai...
Bem na boca do aparelho.

Nos três primeiros anos funcionavam somente duas estações de rádio, com pouquíssimos horários de audições. Devido aos problemas de contato das galenas⁶², combinou-se a transmissão, com irradiações intercaladas. Uma transmitia somente às segundas, quartas e sextas, e a outra, às terças, quintas e aos sábados. Aos domingos não se ouvia rádio. Depois surgiram outras emissoras e, com a invenção das lâmpadas a pilhas⁶³, facilmente se ouviam, com absoluta pureza, audições em todo o mundo.

Segundo normas da Companhia dos Telégrafos, durante um ano nenhuma emissora podia transmitir anúncios. Seus dirigentes, sem a menor renda, criaram um sistema de associados, com cobradores pelas ruas, que pagavam como colaboração 5 mil réis por mês. O comércio colaborava e suas firmas eram citadas numa extensa lista lida no início e no final das transmissões.

O profissionalismo artístico ainda não tinha sido instituído e somente depois, com o intuito de melhorar suas programações, é que as emissoras convidaram elementos de qualidade para se exibirem nos microfones. Nasceram depois os cachês que variavam de 5 a 30 mil réis, verdadeiras fortunas. Com o tempo, os artistas tornaram-se célebres, denominando-se radialistas.

Esses elementos convidados, recebendo ou não seus cachês, eram citados nas colunas de jornais, de forma elegante, na seção de T.S.F⁶⁴:

“Programa de música leve de que participará gentilmente por.....

..... chefiado pelo apreciado pianista...”

Outros novos intérpretes compareciam diariamente às emissoras, sendo anunciados com frases que se tornaram costumeiras:

“Fulano de tal, de passagem pelos nossos estúdios, cantará a notável canção...”

Instantes depois, em outra emissora, ouvia-se o mesmo elemento, o mesmo número e assim se popularizavam certas músicas e artistas.

Em 1933, era outro o aspecto da radiofonia entre nós. Cinco emissoras disputavam a preferência dos ouvintes, com seus prefixos: Rádio Sociedade (PRAA); Rádio Clube do Brasil (PRAB); Rádio Mayrink Veiga (PRAK); Rádio Philips (PRAX) e Rádio Educadora (PRAC).

Lamartine Babo compôs um curioso cateretê brincando com as denominações das épocas climáticas do ano, com o título “As Cinco

Estações do Ano". Nos versos mencionavam-se as qualidades das emissoras, citando-se seus prefixos e suas leiras em ordem cronológica: Rádio Sociedade, com programações clássicas; Rádio Clube, a emissora que transmitiu o início dos jogos de futebol; Rádio Educadora, pela preferência de Lamartine Babo, ao viajar para Minas na época das suas férias; Rádio Philips, com tipos populares de um programa famoso; e Mayrink Veiga, com os queridos nomes de seus artistas:

Sou conhecida aos 4 cantos da cidade
Sou a Rádio Sociedade
Fico firme, aguento o tranco
Adoro o clássico, odeio a fuzarqueira,
Minha gente, fui parteira
Do Barão do Rio Branco.

Transmite P.R.A.A. A A A A
Transmite P.R.A.A. A A A A A A

Sou Rádio Clube, eu sou homem, minha gente,
Francamente sou do esporte
Futebol me põe doente - Oh!!!
No galinheiro se irradio para o povo
Cada gol que eu anuncio
A galinha bota um ovo!

Transmite P.R.A.B. B B B B
Transmite P.R.A.B. B B B B B

Antigamente eu banquei estação de águas

Hoje guardo as minhas mágoas
Num baú de tampo azul;
Já fui fraquinha mas agora já estou forte
Sou ouvida lá no Norte
Quando o vento está no Sul.

Transmite P.R.A.C. C C C C
Transmite P.R.A.C. C C C C C

Eu sou a Philips do samba e da fuzarca
Anuncio qualquer marca
De trombone ou de café;
Chegada a hora do apito da sirene
Grita logo Dona Irene
- Liga o rádio, vem cá... Zé!

Transmite P.R.A.X. X X X X
Transmite P.R.A.X. X X X X X X

Sou a Mayrink popular e conhecida
Toda gente fica louca,
Sou querida até no Hospício;
E quando chega sexta-feira em Dona Clara
Sai até tapa na cara,
Só por causa do Patrício.

Transmite P.R.A.K. K K K K
Transmite P.R.A.K. K K K K K K

Por volta de 1928, sem perfeita fiscalização da Companhia dos

Telégrafos, instalou-se uma emissora clandestina num sobrado em Ramos, defronte da Estação da Central do Brasil. Denominou-se Rádio Suburbana. Numa sala, seu estúdio e, em outra, seu transmissor. Irradiava anúncios e tocava discos. Por vezes apresentavam-se novos cantores na esperança de se tornarem artistas de fama. Em certa noite, o locutor anunciou que se apresentaria o Sabiá Suburbano. Mal o cantor iniciava alguns acordes, ouviu-se claramente pelo microfone um comentário jocoso, vindo do estúdio:

— Vamos ouvir o famoso “boca de bagre”.

Em protesto contra o apelido, o cantor deu um soco no outro e os dois, em altas vozes, aos gritos e palavrões, puseram-se a brigar, derrubando cadeiras no chão. Zeloso de sua função, o locutor anunciou friamente:

— Cortamos nosso programa porque “estão comendo fogo” no estúdio.



Da esquerda para a direita: Mário Moraes, Ciro de Souza, Henrique Batista, Marília Batista, Fernando Pereira, Renato Batista e Noel Rosa.

62. Aparelho primitivo de rádio que usa o cristal galena como detector e capta apenas estações muito próximas. (N.O.)

63. O autor se refere à válvula eletrônica que revolucionou a radiocomunicação, pois possuía um desempenho sensivelmente superior às tecnologias até então existentes, tornando possível a recepção a maior distância para as emissões radiotelegráficas. (N.O.)

64. Transmissão Sem Fio. (N.O.)

Capítulo 22

PROGRAMA CASÉ

O rádio no Rio evoluiu de maneira vertiginosa.

Um ano bastou para que uma transformação radical se operasse no cenário brasileiro e, em 1932, graças à liberação dos microfones para a publicidade, a iniciativa de vários pioneiros tornou o rádio o mais poderoso veículo de difusão de música, cultura e mensagens comerciais.

A moda dos programas particulares durou vários anos. De épocas diversas, entre muitos outros, devemos recordar os mais populares: O Esplêndido Programa, de Valdo de Abreu, o primeiro a ser lançado na Rádio Mayrink Veiga; o Programa Casé, de Ademar Casé; Horas do Outro Mundo, de Renato Murce; Programa Lamounier, de Gastio Lamounier; Programa Polar, do afamado propagandista das ruas; Horas Portuguesas, de Genaro Gama, tragicamente desaparecido num desastre de avião; Nosso Programa, de Eratostenes Frazzio; Programa Suburbano, de Paulo Netto; Horas Luso-Brasileiras, de Pinto Filho; Original Programa, de Saint-Clair Lopes; Programa da Cidade, de Antonio Filho (Pinóquio); e mais os de André Filho, Francisco Alves, e grande lista de nomes.

Posteriormente, certos programas particulares degeneraram em indústria, explorada por espertalhões adventícios, sem ideal artístico.

Aproveitavam-se da bondade ou ingenuidade de chefes de casas comerciais, solicitando suas verbas. O comércio viu-se assediado por tais elementos, que cobravam adiantadamente seus anúncios, jamais os levando ao ar. Tornavam-se necessárias normas rígidas a fim de que fossem evitados maiores danos às emissoras e ao comércio.

Em certa ocasião, um daqueles “organizadores” anunciou o lançamento de novo programa com a participação de artistas famosos. No dia marcado para a estreia, ao comparecer ao estúdio, ele recebeu a informação taxativa de que a audição somente seria realizada mediante o pagamento adiantado do seu horário. Não possuindo as quantias necessárias, a transmissão não se realizou. Para salvaguardar as responsabilidades da emissora, transmitiu-se um texto delicado, mas sumário:

“Por motivo de força maior, o Programa tal não será inaugurado hoje”.

No dia seguinte, o “organizador” finório visitou as lojas ou firmas e, tom vago, indagava:

— Então, ouviu ontem?... e sem nada dizer, aguardava alguma manifestação.

Numa das hipóteses, o comerciante contestava:

— Ouvi o quê?... O programa não foi irradiado!

Mas o espertalhão, com voz compenetrada, atalhava:

— Pois é... Eu pergunto se o senhor não ouviu a nossa explicação...

De outra forma, o negociante somente lamentava:

— Ora, infelizmente não pude ouvir o programa. Tive que ir ao teatro...

— Pois foi pena, - continuava o sabido - justamente o seu quarto de hora foi o melhor. O telefone não parou um instante com elogios e inúmeros pedidos de bis e parabéns para o senhor... Aliás, a propósito, aqui está o seu recibo...

Um simples capítulo do rádio no Rio.

A venda de rádios a prazo foi no Rio de Janeiro um dos negócios mais lucrativos e Ademar Casé criou um processo inteiramente novo, tomando-se, em pouco tempo, um dos melhores vendedores da praça. Nessa condição mantinha estreitas relações com os dirigentes da Philips do Brasil, que, em março de 1930, inaugurou seu transmissor instalado no 5º andar da Rua Sacadura Cabral, 43, próximo da Praça Mauá. Interessados no progresso da firma, os dirigentes da Philips propuseram a Ademar Casé a criação de um programa radiofônico. Assim nasceu o Programa Casé, estreado num domingo, a 14 de fevereiro de 1932, na semana seguinte ao carnaval daquele ano. Como prefixo, o extenso apito de navio e em seguida o pasodoble⁶⁵ espanhol "Gallito", de Salvador Campello.

Em seu microfone, durante quase vinte anos, exibiram-se as maiores celebridades artísticas do Brasil e várias internacionais.

É de notar que naqueles tempos um programa de rádio necessitava de um indispensável contrarregra. Suas funções consistiam em dosar

todos os números, evitando repetições dos gêneros, entremeando vozes masculinas e femininas, orquestras com cenas humorísticas e solos de instrumentos. Durante muito tempo o próprio Ademar Casé ocupou essa função e depois, admitindo que um artista exerceria melhor o cargo, confiou a Noel Rosa essa missão.

A função era sem dúvida trabalhosa, pois o contrarregra não descansava um segundo sequer. Em febril movimentação, anotava os títulos das músicas, os cantores, os acompanhadores, além de baixar e subir o único microfone do estúdio.

Em tal serviço, Noel desincumbiu-se com precisão e eficiência. Excelente poeta e bom conhecedor de português, inúmeros intérpretes a ele recorriam para a correção de versos e questões de sintaxe. Diversas vezes, desprezando versos incorrigíveis de certos compositores, Noel produzia outros superiores e imaginosos.

No trabalho de contrarregra, Noel deveria comparecer ao estúdio no mínimo dez minutos antes do início do programa. Cumprir horários, entretanto, já representava consumado sacrifício para aquele boêmio. Várias vezes atrasado, Casé via-se compelido a assumir o posto até que Noel chegasse ao estúdio. Minutos depois, quando aparecia com seu sorriso maneiroso a porta do tremelicante elevador do prédio, toda a ira de Casé dissolvia-se numa chocha reclamação:

— Mas...Noel!...

Com uma justificativa sempre nova e ardilosa, Noel desarmava o patrão e amigo:

— Você me desculpe, Casé... mas o “bonde furou o pneu”.

Em outro dia:

— Esqueci onde era a Rádio Philips, Casé. Pensei que era em Cascadura⁶⁶...

Ou ainda:

— Desculpe, Casé, mas hoje não consegui chegar mais tarde...

Em julho de 1932, estourou a Revolução Constitucionalista de São Paulo, a que as emissoras bandeirantes aderiram com patriotismo e decisão. O governo federal estabeleceu severa censura nas emissoras cariocas, com o receio pueril de que daqui se transmitissem mensagens aos irmãos em luta. Sendo a Rádio Philips a emissora de maior cobertura no território paulista e sendo o Programa Casé o mais popular do Rio, sofreram, por parte do DIP - Departamento de Imprensa e Propaganda, - um rigoroso controle, com seu censor Brandão, de atitudes sherloquianas, a exhibir no cinto a coronha do revólver, sempre a fiscalizar os pacatos artistas, na esperança de descobrir nos olhares inclinações comprometedoras.

Noel não deixou passar sem comentários as insólitas atitudes do censor e, com ar protetoral, nos corredores recomendava a cada um dos intérpretes:

— Olhe lá!... Não vá fazer muitos gestos exagerados no microfone enquanto estiver cantando, senão o "meganha" prende você sob o pretexto de estar fazendo sinais enigmáticos para os revoltosos...

É a maior vítima das piadas de Noel, o Moreira da Silva, com suas gesticulações pitorescas.

Na mesma ocasião, nos finais do programa, num daqueles desafios de improviso cantados no "De Babado", samba gravado somente em

1936 e que durou anos, Noel Rosa cantou a quadrinha que Ademar Casé registrou e que o censor ouviu com riso amarelo:

Eu não falo de São Paulo
Sem tomar o meu xerez,
O censor aí do lado
Me levando pro xadrez

E eu não quero ir pro xadrez
de babado sim...

O Programa Casé, de longa existência, foi transmitido, em diferentes épocas, por várias emissoras: Philips, Rio, Transmissora, Mayrink Veiga, Tupi, com vários locutores: Vitoriano Borges; José e seu irmão Murilo de Carvalho; o engenheiro José Maia, falecido tragicamente num dos elevadores da Rádio Nacional; Armando Reis, com o pseudônimo de Cristóvão de Alencar, popularizado como o "Amigo Velho"; Antônio Néssara, caricaturista; José Marques Gomes (Paulo Roberto), médico; Carlos Lacerda, depois governador do estado da Guanabara⁶⁷; Inécio Guimarães, tratado como Ximbuca e, na fase de gravações, como I. G. Loyola; Oduvaldo Cozzi, Alziro Zarur, Erik Cerqueira e Laurentino Saes, o extraordinário humorista criador da "Buzina" e que usava o pseudônimo de Lauro Borges.

Como redatores do Programa Casé, devemos lembrar os renomados radialistas Cristóvão de Alencar e Paulo Roberto, e ilustres figuras da literatura, da poesia e do teatro, como Henrique Pongetti, Orestes Barbosa, Luiz Peixoto...

Sob o prisma publicitário, tive a honra de produzir durante meses o primeiro concurso de palavras cruzadas, no Programa Casé, iniciado

em agosto de 1934.

Atuando como locutor, Antônio Nássara cantava improvisadamente, em ritmo de fado, quadrinha de Luiz Peixoto, possivelmente o primeiro anúncio musicado no estilo dos jingles, hoje tão comuns:

Ai, o padeiro desta rua
Tenha sempre na lembrança,
Não me traga outro pão
Que não seja Pão Bragança.

No tempo da Rádio Transmissora, em 1936, Casé tornou-se vítima de pitorescas astúcias de Noel Rosa. Casé baixou determinação para que todos os artistas, em cada domingo, apresentassem novos números, em vez de reprisarem seu repertório.

Não conseguindo seguir à risca a exigência, Noel pôs em prática um processo ardiloso que teve ótimo resultado durante algumas semanas. Em cada domingo Noel anunciava uma "primeira audição", sempre de nome sugestivo, assim: "Você me Pediu", "Soirée e Tamborim", "Barato pra Cachorro", "Gato do Morro", "Não é tão Caro Assim" e por aí afora. Prosseguiria na sua esperta manobra se Casé não estranhasse certas semelhanças melódicas e poéticas nos números de Noel e descobrisse, por fim, que todos aqueles títulos referiam-se a uma única música, feita em parceria com Vadico, o samba "Cem Mil-Réis", de cujo estribilho eram extraídos fragmentos de versos:

Você me pediu cem mil-réis
Pra comprar um soirée
E um tamborim.

O organdi anda barato pra cachorro
E um gato lá no morro
Não é tão caro assim.

Não custa nada
Preencher formalidade
Tamborim pra batucada,
Soirée pra sociedade
Sou bem sensato,
Seu pedido eu atendi:
Já tem o pelo do gato,
Falta o metro de organdi.

Sei que você
Num dia faz um tamborim,
Mas ninguém faz soirée
Com meio metro de cetim.
De soirée
Você num baile se destaca,
Mas não quero mais você
Porque não sei vestir casaca.

Noel Rosa teve dois dos mais sinceros e dedicados entusiastas de sua obra desde o início do Programa Casé: Oscar Menezes Pamplona e sua filha Jandira. Proprietário da conhecidíssima casa O Dragão⁶⁸, desde a morte de Noel, Oscar Menezes cuidou da sepultura do compositor no cemitério São Francisco Xavier, no Caju sem o menor exibicionismo, evitando que a imprensa comentasse sua atitude.

65.O pasodoble, surgido no século XVI, é um estilo musical e uma dança de origem espanhola.(N.O.)

66.Cascadura é um bairro da Zona Norte do Rio de Janeiro. Os estúdios da Rádio Philips ficavam na Rua Sacadura Cabral, centro do Rio de Janeiro. (N.O.)

67.O atual território do município do Rio de Janeiro foi, entre 1960 e 1975, um estado denominado Guanabara.(N.O.)

68.Uma loja popular da época, situada à rua Marechal Floriano, centro da cidade do Rio de Janeiro. (N.O.)

Capítulo 23

A CASA DO DISCO

Em agosto de 1930 inaugurou-se, à Rua Chile, nº 29, a Casa do Disco, da firma Waddington & Bragante, representante dos discos Parlophon. No 3º andar instalou-se, decorado com muito gosto por Luís Peixoto, um estúdio para gravações de discos e também para transmissões de programas ligados à Rádio Educadora, à Rua Senador Dantas, nº 82.

Convites especiais foram enviados para a inauguração, que teria como maior atração o lançamento de novos números do Bando de Tangarás.

Ocorreu, porém, um fato de que resultou um imprevisto ridículo: à hora da estreia da programação, com a loja repleta de convidados e com rádios moderníssimos ligados a todo volume, os contatos da linha telefônica falharam. Só se ouviam zumbidos, tique-taques, estalos e sons roucos. Os minutos passavam e nada das transmissões. Os técnicos, preocupados e nervosos, esforçavam-se por descobrir a exata ligação dos magnetos:

— Ligue o plug da linha 4, seu idiota — dizia um da emissora.

— Já liguei mil vezes, seu burro... — retrucava o outro no estúdio.

E as discussões pelos telefones de pilha⁶⁹ cresciam. Os rádios continuavam com seus zumbidos e, em certo momento, quando

mais se mimoseavam os dois técnicos com expressões mais duras, berrando:

— Ligue o plug 9, seu.....(censurado).

— Você, sua besta, vá para.....(mais censurado).

A ligação se fez, ouvindo-se claramente pelo rádio o cabeludíssimo diálogo, por força dos caprichos dos contatos da eletricidade.

No estúdio da Casa do Disco, Noel Rosa entregou o samba "Agora", que a grã-finíssima Lucila gravou na Parlophon, nº 13.312:

Agora,
Quem chora,
É quem me fez sofrer.
Eu bem sabia
Que tu ias padecer;
Hoje te vejo
Penando e procurando
Quem queira contigo viver.

Tenho certeza
De que pensas em voltar
Mas que tristeza
Já cansei de perdoar.
Tu foste embora
Amenizaste minha vida,
Só por isso vou agora
Bendizer tua saída.

Sempre vivi

Aturando desaforo,
Já decidi
Não quero saber de choro
Pois sou bem forte
E não lastimo estar a sós,
Cada qual com sua sorte
Deus ajuda a todos nós.



69.Os primeiros telefones possuíam uma fonte de energia local, fornecida por baterias. Somente com o desenvolvimento da tecnologia, começou a ser utilizada a energia proveniente dos cabos de telecomunicações. (N.O.)

IV

**PARÓDIAS E
POLÊMICAS**

Capítulo 24

PARÓDIAS

Desde cedo, Noel teve grande inclinação para obras humorísticas, compondo pitorescas paródias, cantadas nas emissoras.

Em 1931, surgiu, em Buenos Aires, com sucesso, o tango “El Penado 14”, de Magaldi, Noda e Pesce. Noel logo se inspirou, escrevendo a paródia “Pesado 13”, gravada por Paulo Netto de Freitas:

Num quarto solitário
Na rua do Rosário
Com 13 bem na porta
Um turco lá morou
Disse o seu patrício
Que ele morreu no hospício
E cheio de aflição
Porque engoliu um tostão.

O seu nome era Rachid
Abdula ou Farid
Nascido na Turquia
Criado na Bahia
Ele era prestamista e vigarista

Nunca perdeu de vista
O bolso de ninguém
Por causa de um vintém.

Seu quarto todo escrito
Com contas de somar
E de multiplicar
Não tinha dividir
E por economia
Pra não gastar seu sangue
Com as pulgas já famintas,
Ficava sem dormir.

Em uma carta escrita
Deixava como herança
Ao filho inda criança
As contas por cobrar
Ele era precavido
Pro caixão ser pequeno
Morreu bem decidido
De cócoras, encolhido.

E o pesado 13
Em uma sexta-feira
Também num dia 13
Faz hoje quase um ano
Que teve o intestino
Por choque fraturado
Pois foi atropelado

Por um aeroplano.

Num dia em que um amigo

Ao lhe pedir abrigo

Ao ver aberta a porta

Quase morreu de horror

Pois viu por sobre a cama

O terno de Farid

E viu dependurado

Abdula num cabide.

Grande sucesso alcançou em 1933 a valsa "Dona de Minha Vontade", de Francisco Alves e Orestes Barbosa. Noel a parodiou, dando-lhe o nome de "Dono do Meu Nariz".

Miséria ... De vez em quando

Prestamistas recitando

Minhas contas no portão

E a criada, calmamente,

Diz que eu estou ausente,

E não lhe deixei tostão...

Mas, alguém que está "gozando"

Porque vive me manjando

Percebeu que eu não saí...

E aspiro no terreiro

"L Origan" de galinheiro

Meu "L 'Origan " de "galli"...

E no meu ninho de penas

Vejo aves tão serenas
A quem dei milho na mão
O vendeiro por afronta
Suspendeu a minha conta
E eu vou ficar sem feijão...
Dono deste meu nariz
Não paguei porque não quis...
Não sou de todo infeliz
Por consolo vou gritando:
Neste meu nariz, eu mando...
E... galinha não tem nariz.

No mesmo ano registrou-se o sucesso do filme A Voz do Meu Coração (Be mine tonight), que teve como destaque o foxtrot "Diga-me Essa Noite" ("Tell me tonight"), de Spoliansky, vertido por Orestes Barbosa e gravado por Francisco Alves. Noel criou a paródia "Paga-me Esta Noite":

Neste tempo medonho
Canto, tristonho,
Ao microfone este prelúdio
O ouvinte risonho
Nem por sonho
Sabe o que me traz ao "studio".

A ti que és o irmão
Do tal "Pão Duro"...
Meu recibo vai assombrar...
De revólver na mão...

Eu vim aqui... cobrar.

Em 1935, na revista radiofônica Barbeiro de Niterói, Noel alterou os versos iniciais da paródia "Precaução Inútil", mudando-lhe o título para "Seu Zé":

Eu vi num armazém de Cascadura
Seu Zé vendendo a mil e cem
Trezentos réis de rapadura
Lá no Banco do Brasil... etc.

Neste capítulo faltam informações completas sobre a paródia "Negócio de Turco", que corresponde a certo tango:

Seu Jorge turco tem três anos de Brasil
E quando bebe mais de um barril
Encurta o pano de qualquer freguês
Comprou por cento e um mil e cento e vinte réis
Uma "barata" pra passear com a mulata
Que ele roubou de um português.

E a mulata que era torcida do Vasco da Gama
Pra colchão vendeu a cama
E jejuava trinta vezes por mês
E hoje anda chique e é tratada com todo carinho
Já desfalcou a caixa do armarinho
Pra reerguer o Sírio Libanês.

"O seu Manoeli" chamou o Jorge de João Banana
E já marcou um dia na semana

Pra resolver aquele caso a cachações
O Jorge disse que a banana às vezes tem sementes
E pra vender entrada aos assistentes
Só aceita a luta em doze prestações.

Ao ser lançada a marcha "Idem", de Hervê Cordovil, no carnaval de 1935, com rimas rigorosas e pouco comuns, Noel Rosa a parodiou sob o título de "Que a Terra se Abra":

Quero que a terra se abra
Quero assistir uma dança macabra
Quero que todos se comam
E o mundo se acabe
E o resto você sabe.

Quero um dilúvio colosso
Chuva de fogo à hora do almoço
Chuva de pedra ao jantar
Que o teto desabe
E o resto você sabe.

Capítulo 25

REVISTAS RADIOFÔNICAS

A Rádio Clube do Brasil (hoje Mundial⁷⁰) instalou-se na Rua Bettencourt da Silva, nº 21 - 3º andar, no mesmo prédio onde funcionaram por muito tempo o vespertino O Globo e o restaurante Taberna Carioca.

Em julho de 1934, assumiu a direção artística da emissora o maestro húngaro Arnold Glückmann, de indiscutível competência. Meses após, tornei-me funcionário da PRA-3⁷¹, como auxiliar da programação geral, lá trabalhando durante três anos.

Nesse ínterim, Arnold Glückmann realizou a apresentação das mais queridas operetas vienenses e alemãs, resumidas em 30 minutos e com versos brasileiros. O cantor Oscar Gonçalves, sob a orientação musical de Glückmann, traduzia os versos de "Eva", "Mazurca Azul", "O País do Sorriso", "A Geisha", "Rose Marie", "O Vendedor de Pássaros", etc...

Vindo de Belo Horizonte, de regresso ao Rio, Noel Rosa mostrou-se alegre, mais forte, gordo e de aspecto sadio. Assim, conseguimos dar-lhe um posto, que aceitou satisfeito. Sua função era cuidar da pequeníssima discoteca da emissora, redigir pequenas notas sobre os cachês semanais e outras atividades ligadas à programação normal.

Já então eu imaginara criar programas curiosos, com cenas rápidas e humorísticas. Noel foi incumbido de recolher anedotas de revistas semanais e almanaques, armá-las de acordo com os assuntos e dar-lhes forma de esquetes intitulados “Conversa de Esquina”:

— Olá Albuquerque. Você anda sumido. Por onde tem andado?

— Estive na Europa e agora sou colecionar de moedas. A propósito: quais são as moedas mais raras, daqui do Brasil?

— São todas.

— Todas?!

— Sim senhor. Aqui no Brasil as moedas são raras: há três meses que não vejo uma...

— Esta é boa, Bonifácio. E você? Tem clinicado muito?

— Não. Deixei a clínica e agora faço versos.

— Mudou de profissão?

— Não. Faço versos para matar o tempo.

— Não tem mais cliente pra matar?

— Que matar!... Eu ando pedindo a Deus que não me matem.

Ultimamente vivo isolado de tudo e de todos.

— Esse seu isolamento é receita médica?

— Não. É outra receita. Estou fugindo daqueles que me mordem.

— Daqueles que pensam que você é Banco?

— É. Mas não “banco”. Por falar em bobo... Você está noivo?

— Estou.

— E sua noiva tem juízo?

— Se tem. Nunca ninguém teve cara de pedir um beijo à minha noiva.

— Ela é que não tem cara para que alguém lhe peça um beijo...

Em certo dia houve um problema na programação das operetas:

Oscar Gonçalves sentiu-se enfermo e as irradiações seriam interrompidas, mas... Noel, que em várias ocasiões colaborara em trechos ou em versos de algumas peças, assumiu o posto, produzindo poesias perfeitas, de acordo com a métrica, e oferecendo rimas surpreendentes, provas em que demonstrara maestria já em 1930.

Meses antes eu concebera um novo programa humorístico, sob o título quilométrico de "Como se as óperas célebres do mundo houvessem nascido aqui, no Rio...". Noel entusiasmou-se com o tema e, graças à sua proverbial versatilidade, dias depois apresentou (escrita a lápis, nos imprestáveis papéis impressos da Rádio Clube...) a paródia-bufa da ópera O Barbeiro de Sevilha, denominada O Barbeiro de Niterói, calcada nas valsas "Teus Ciúmes" e "Boneca", e no samba "Cordiais Saudações".

O BARBEIRO DE NITERÓI

1º Ato

Dom Bartolo, português rico, dono de uma casa de secos e molhados, quer casar com Rosina (mulata), sua pupila. Rosina foi vista em Niterói, pelo bicheiro Alma Viva, quando era perseguido pela polícia. Para despistar a Central, mudou de cara e de nome. Passou a ser Lindoro, o Empresário. Lindoro, influenciado por Fígaro, canta na porta da Rosina:

Condeno o teu nervoso
Que não tem razão de ser

Sou bom e generoso
E a prova disso hás de ter
No meu torrão natal
Me chamam de herói
Já tenho capital
E brevemente compro Niterói...
Condeno o teu nervoso
Que não tem razão de ser
Sou bom e generoso
E a prova disso hás de ter
Condeno o cinema
Que é mau conselheiro
E não é o meu sistema
Esbanjar dinheiro.

2º Ato

Rosina escreve a Lindoro um bilhete, que será entregue por Fígaro. Fígaro previne Rosina de que Lindoro irá visitá-la. Há uma cena de ciúmes entre Dom Bartolo e Rosina. Dom Basílio, professor de canto de Rosina, avisa a Dom Bartolo que o bicheiro Alma Viva está em Niterói. Alma Viva, disfarçado em Empresário, exhibe sua carteira profissional e consegue falar com Rosina. Dom Bartolo, que é sócio benemérito do Centro Dramático, desconfia da identidade de Lindoro, quando este entrega um bilhete a Rosina. Há barulho, mas Lindoro faz-se reconhecer pelo Diretor do Centro.

Envio estas mal traçadas linhas
Que escrevi a lápis

Por não ter caneta,
Andas perseguido
Para que escapes
Corta o teu cabelo e põe barba preta.

Notícias tuas não encontrei
Em vão te procurei,
Mas ontem te encontrei
Este bilhete no "Fígaro" encontrei.
Sem mais para acabar
Recebe o beijo que eu vou mandar.
Eu amo... Com amor não brinco!
Niterói, 30 de outubro de 35.

3º Ato

O bicheiro Alma Viva, disfarçado em Lindoro, o Empresário, procura Dom Bartolo, dizendo-se enviado de Basílio, professor de canto. Bartolo quer depois cantar a ária "Precaução Inútil". Fígaro chega para fazer a barba de Dom Bartolo e rouba a chave que abre a porta da varanda. Surge Basílio, que não estava doente, conforme Lindoro dissera. Fígaro e Lindoro convencem Basílio de que ele está febril e despacham-no depressa. Dom Bartolo surpreende os projetos de rapto entre Alma Viva e Rosina.

Eu vi num armazém de Niterói
Um velho que se julga herói
E treina em ser conquistador
Lá no Banco do Brasil

Depositou mais e três mil
Botando água no vinho do barril
Seus lábios só se abriram pra falar,
Duas velhas contas a cobrar
Dos que morreram sem pagar...
Eram lábios agressores,
Dois grandes cobradores
Dos seus devedores.

Seu cabelo tinha a cor
De burro quando foge
Do amansador
Seus olhos eram circunflexos,
Perplexos e desconexos,
Mãos de usuário
Braços de sicário,
Corpo de macaca chimpanzé maduro
Enfim eu vi nesse velhote
Um mortal Pão Duro.

4º Ato

O rapto está marcado para meia-noite. Tempestade. Basílio vai buscar o Padre para casar Rosina com Dom Bartolo. Bartolo faz uma trancinha entre Rosina e Lindoro. Rosina iludida aceita Bartolo como esposo. Fígaro e Alma Viva entram pela janela; acalmam Rosina e provam que Lindoro, o Empresário, é o bicheiro Alma Viva. Chega Basílio com o Padre, que casa Rosina com Alma Viva. Fígaro, vendo Bartolo desanimado, diz filosofando:

— Quando a juventude e o amor estão de acordo para enganar um velho, tudo que este fizer para impedir, deve-se chamar “Precaução Inútil”.

Logo em seguida, Noel escreveu Ladrão de Galinha, revista radiofônica, sobre assunto original, com paródias de músicas populares da época, como “Marchinha do Grande Galo” e “Ganhou, mas não Leva”, e as marchas “Foi Ela” e “Palpite Infeliz”.

LADRÃO DE GALINHA

1º Ato

A cena se passa no Méier⁷², entre dois namorados: Diogo, ladrão de galinha, e Josefina, cozinheira de Madame Genoveva. Josefina, depois de muita insistência com Diogo, promete a este deixar o portão aberto. Diogo penetra à meia-noite no galinheiro de Madame Genoveva e consegue agarrar um galo, por meio de bomba de gás lacrimogêneo. Na volta, porém, ele tropeça na lata de lixo... O galo canta uma “Canção do Galo Capão”, e Madame Genoveva apita:

Có... có... có... có... có... có... ró

Có... có... có... có... có... có... ró

Eu hoje estou com gogo

Não aperte meu gogó.

Você é ladrão de galinha

Quem me informou

Foi a minha vizinha

Sou galo e... se você me roubar
O papagaio hoje vai
Me desmoralizar.

Diogo levanta com o galo e corre vertiginosamente... Mas, ao virar a esquina, é atropelado por uma carrocinha de leite. Madame Genoveva, que vem correndo de camisola, efetua a prisão de Diogo. Chega o comissário, que leva ambos para o Distrito. Madame Genoveva diz que o ladrão de galinha é namorado de sua cozinheira. O Comissário intima Madame Genoveva a voltar no dia seguinte com a cozinheira Josefina. O Comissário canta para Diogo a marcha "Roubou, mas não Leva":

Você roubou... roubou mas não leva
O galo é de Genoveva.

Você entrou... agarrou o galo e se "pirou"
"Pirou", mas tropeçou
Esse capão vagabundo quem nem raça tem
É dela e de mais ninguém.

2º Ato

A cena se passa no Distrito entre o Comissário, Madame Genoveva, Diogo e Josefina. Madame Genoveva acusa Diogo, cantando o samba "Foi Ele":

Quem roubou o meu capão de estimação?
Foi ele...
Quem abriu o meu portão para o ladrão?

Foi ela.. .
Depois ele tropeçou ... ô ... ô,
Mas meu galo não se machucou,
Quem parou porque a carroça atropelou,
Foi ele...

Foi um galo que cantou ... ô ... ô
Um cachorro que acordou ... ô... ô
Quem comeu sempre galinha
Na cozinha?
Foi ela!

Diogo se defende da acusação de Madame Genoveva, cantando o samba "A Genoveva não Sabe o que Diz".

A Genoveva não sabe o que diz
E nunca soube onde tem o nariz,
Salve as aves, os ovos, as ovas
E as cozinheiras bem novas
Às quais sempre quis um grande bem
O Méier encontrou enfim alguém
Que amasse os galos e os pintos também
Pegar um galo lá no Méier é brinquedo,
Bomba de gás lacrimojante é meu segredo
Mas na saída a gente cai e o galo faz
"Cocorocó"
E o cão rasga nosso paletó.

O Comissário vai aos poucos quebrando a sua severidade para com Diogo, que acaba dominando o ambiente com a sua conversa macia. Madame Genoveva, irritada, acaba agredindo o Comissário. Diogo e

Josefina aproveitam esse momento para fugir. Chega o Prontidão, que socorre o Comissário. Madame Genoveva é recolhida ao xadrez em companhia do galo.

70. A Rádio Clube do Brasil, fundada em 1924, foi a segunda emissora de rádio do Brasil. Em 1948, após mudança de proprietário, teve seu nome alterado para Rádio Mundial. (N.O.)

71. Antigo prefixo da Rádio Clube do Brasil (N.O.)

72. O Méier é um tradicional bairro de classe média, localizado na zona norte do Rio de Janeiro. (N.O.)

Capítulo 26

POLÊMICAS

Em 1929, Wilson Batista de Oliveira, filho de Campos, com 16 anos de idade, chegou ao Rio de Janeiro.

Embrenhando-se nos meios musicais, foi imediatamente influenciado pelo tema da ralé então em grande moda. Pouco importava que os críticos da imprensa apontassem a inconveniência do rumo que tomava a música popular. Composições com êxito citavam as expressões de maior sucesso nos sambas, como malandragem, vadiagem, orgia, gandaia, situações ligadas às delícias do não trabalhar, dos desocupados. Os temas não repugnavam os artistas nos teatros, nas emissoras e gravadoras. Por essa razão, usando o pseudônimo de Mário Santoro, Wilson Batista lançou o samba "Lenço no Pescoço", gravado por Sílvio Caldas, na Victor, nº 33.712, a 18/07/1933:

Meu chapéu de lado,
Tamanco arrastando,
Lenço no pescoço,
Navalha no bolso.
Eu passo gingango,
Provoco desafio,
Eu tenho orgulho de ser vadio.

Sei que eles falam desse meu proceder,
Eu vejo quem trabalha andando no miserê
Se sou vadio porque tive inclinação,
Eu lembro, era criança fazia samba-canção.

Nessa ocasião, Noel Rosa não conhecia pessoalmente Wilson Batista. Movido por louvável interesse pela regeneração dos temas poéticos da música popular, produziu uma composição intitulada "Rapaz Folgado", cantada nas emissoras:

Deixa de arrastar o seu tamanco,
Pois tamanco nunca foi sandália,
Tira do pescoço o lenço branco,
Compra sapato e gravata
Joga fora esta navalha
Que te atrapalha.
Com o chapéu do lado deste rata,
Na polícia quero que te escapes
Fazendo um samba-canção
Já te dei papel e lápis
Arranja um amor e violão.

Malandro é palavra derrotista
Que só serve pra tirar
Todo o valor do sambista.
Proponho ao povo civilizado
Não te chamarem de malandro
E sim de rapaz folgado.

Ao ouvir o samba de Noel, como revidé, Wilson Batista compôs "O

Mocinho da Vila”, criticando o compositor e seu bairro:

Você que é mocinho da Vila
Fala muito em violão,
Barracão e outras coisas mais,
Se não quiser perder o nome
Cuide do seu microfone,
Deixe quem é malandro em paz.
Injusto é seu comentário,
Fala de malandro quem é otário
Mas falando não se faz
Eu de lenço no pescoço
Desacato também tenho o meu cartaz.

Nas rodas musicais o caso não teve maior relevo e dias depois o assunto caiu no esquecimento.

Passou-se um ano. Estávamos na época do interesse pelas eleições das belezas dos bairros, com suas rainhas da primavera. Saindo vitoriosa a linda Lêla Casatle, o povo da Vila exultou e Noel Rosa compôs o samba “Feitiço da Vila”, com melodia do pianista Vadico:

Quem nasce lá na Vila
Nem sequer vacila
Ao abraçar o samba
Que faz dançar
Os galhos do arvoredado
E faz a lua nascer mais cedo.
O sol na Vila é triste
O samba não assiste

Porque a gente implora:
Sol, pelo amor de Deus
Não venha agora
Que as morenas vão logo embora.

A Vila tem
Um feitiço sem farofa.
Sem vela e sem vintém
Que nos faz bem;
Tendo o nome de princesa
Transformou o samba
Num feitiço decente
Que prende a gente.
Lá em Vila Isabel
Quem é bacharel
Não tem medo de bamba:
São Paulo dá café,
Minas dá leite
E a Vila Isabel dá samba.
Eu sei tudo que faço,
Sei por onde passo,
Paixão não me aniquila
Mas, tenho que dizer,
Modéstia à parte,
Meus senhores, eu sou da Vila!

O samba, inicialmente, recebera o título de "Feitiço sem Farofa"; tendo já os versos editados nos jornais de modinhas, era apresentado nas emissoras de rádio, com outra estrofe que Noel

acrescentara:

A zona mais tranquila
É a nossa Vila
O berço dos folgados;
Não há nenhum cadeado no portão
Porque na Vila não há ladrão.

A imensa receptividade de "Feitiço da Vila" deu motivo a que Wilson Batista, por sua vez, o contradissesse como desforra, o que já ocorrera com "Rapaz Folgado" sobre o "Lenço no Pescoço". E, assim, lançou no rádio o samba "Conversa Fiada", entregue aos intérpretes Luís Barbosa, Mário Morais e Léo Vilar, dos Anjos do Inferno:

É conversa fiada
Dizerem que os sambas
Na Vila têm feitiço;
Eu fui ver pra crer
E não vi nada disso.

A Vila é tranquila
Porém é preciso cuidado:
Antes de irem dormir
Deem duas voltas no cadeado.

Eu fui na Vila ver o arvoredado se mexer
E conhecer o berço dos folgados ...
A luz nessa noite demorou tanto,
Me assassinaram um samba,

Veio daí o meu pranto.

Como simples resposta, Noel Rosa compôs o extraordinário "Palpite Infeliz", com versos de elegância de mestre, num cumprimento dignificante, respeitando o valor dos demais recantos do Rio, mas sempre puxando mais "a brasa para sua sardinha", frisando a qualidade do seu amado bairro:

Quem é você que não sabe o que diz,
Meu Deus do céu,
Que palpite infeliz.
Salve Estácio, Salgueiro, Mangueira,
Oswaldo Cruz e Matriz
Que sempre souberam muito bem
Que a Vila não quer abafar ninguém,
Só quer mostrar que faz samba também

Fazer poemas lá na Vila é um brinquedo;
Ao som do samba dança até o arvoredado.
Eu já chamei você pra ver
Você não viu porque não quis!?
Quem é você que não sabe o que diz?

A Vila é uma cidade independente
Que tira samba, mas não quer tirar patente,
Pra que ligar a quem não sabe
Aonde tem o seu nariz?
Quem é você que não sabe o que diz?

No Café Nice, os compositores comentavam que Noel Rosa

preparava uma série de canções contra Wilson Batista, mas o poeta da Vila nem deu importância a essas notícias. Na realidade, sem controle e sem ter compreendido perfeitamente a grafia e a pronúncia do nome Frankenstein, o monstro da película nos cinemas, Wilson Batista compôs o desprimoroso samba "Frankstein da Vila", executado nas emissoras com o conjunto Os Quatro Diabos:

Boa impressão nunca se tem
Quando se encontra um certo alguém...
Que até parece o "Frankstein"
Mas como diz o rifão
Por uma cara feia
Perde-se um bom coração

Entre os feios
Estás na primeira fila;
Eu te batizo
Fantasma da Vila.
Esta indireta é contigo
E depois não vás dizer
Que eu não sei o que digo,
Sou teu amigo...

Com insistência cansativa e sem o menor efeito, Wilson criou outro samba, "Terra de Cego":

Perde a mania de bamba,
Todos sabem qual é
O teu diploma no samba.
És o abafa da Vila, eu bem sei,

Mas na terra de cego
Quem tem um olho é rei.

Para terminar a discussão
Não debes apelar
Para um barulho à mão.
Em versos podes bem desabafar
Pois não fica bonito
Um bacharel brigar.

Num encontro casual num café à Rua Evaristo da Veiga, os dois conversaram sobre as quizilas dos sambas e Noel Rosa, completamente desinteressado do assunto, atirou sua "pá de cal", rabiscando na mesa estes versos, batizados de "Deixa de Ser Convencido", com a mesma melodia do "Terra de Cego". Por ter sido injuriado gratuitamente durante três anos, Noel, sarcástico e com ironias, liquidou o assunto das polémicas:

Deixa de ser convencido
Todos sabem qual é
Teu velho modo de vida.
És um perfeito artista, eu bem sei,
Também já fui do trapézio,
Até salto mortal
No arame eu já dei.
(Muita medalha eu ganhei!)

E no picadeiro desta vida
Serei o domador,
Serás a fera abatida.

Conheço muito bem acrobacia
Por isso não faço fé
Em amor de parceria.

COM QUE ROUPA?

1140

HOMENAGEM AO "DIÁRIO DA NOITE"SM

COM QUE ROUPA?

• O ADUJO DAS
• ASPIRAÇÕES
• CARIOCAS •

. SAMBA.

DE

NOËL ROÇA



Preço 2\$000

"A MELODIA"

ESTEBAN S. MANGIONE
R. LARANJEIROS, 47 - 11.º ANDAR - 01.000 - SÃO PAULO - SP

N. Cat. 24

"Com que roupa?". Capa da partitura.

Capa da Partitura de "Com que Roupas?"

Capítulo 27

“COM QUE ROUPA?”

Desde 1927 crescia no Rio de Janeiro o uso da nova expressão “com que roupa”. Noel Rosa, em julho de 1930, compôs o samba com o título da gíria, com versos perfeitos e com suas rimas curiosas e mal lembradas pelos demais compositores. Mesmo pertencendo ao Bando de Tangará, a 30 de setembro Noel Rosa gravou na Parlophon, 12.245, com o Bando Regional:

Agora vou mudar minha conduta,
Eu vou pra luta
Pois eu quero me aprumar
Vou tratar você com força bruta
Pra poder me reabilitar,
Pois esta vida não está sopa
E eu pergunto: Com que roupa?
Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?

Eu hoje estou pulando como sapo
Pra ver se escapo
Desta praga de urubu.
Já estou coberto de farrapo,
Eu vou acabar ficando nu:

Meu paletó virou estopa
E já nem sei mais com que roupa.
Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?

Agora eu não ando mais fagueiro
Pois o dinheiro
Não é fácil de ganhar
Mas eu sendo um cabra trapaceiro
Não consigo ter nem pra ganhar,
Eu já corri de vento em popa
Mas agora com que roupa?
Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?

No final da gravação o maestro Eduardo Souto, de improviso e um tanto distante do microfone, proferiu a frase que os ouvintes do disco acreditaram tratar-se de palavras inconvenientes: “Vai de roupa velha e tutu, seu trouxa!”

No verso do disco, Noel Rosa gravou o seu samba “Malandro Medroso”:

Eu devo; não quero negar
Mas te pagarei quando puder
Se o jogo permitir
Se a polícia consentir
E... se Deus quiser.
Não pense que fui ingrato,
Nem que fiz triste papel,

Hoje vi que o medo é um fato,
Eu não quero pugilato
Com teu velho "Coronel".

A consciência agora me doeu,
Eu detesto a concorrência,
Quem gosta de mim sou eu...
Neste momento saudoso me retiro
Pois teu velho é ciumento
E pode me dar um tiro.

Se um dia ficares no mundo
Sem ter nesta vida mais ninguém,
Hei de te dar meu carinho,
Onde um tem seu cantinho
Dois... vivem também.
Tu podes guardar o que te digo
Contando com a gratidão
E com o braço habilidoso
De um malandro que é medroso
Mas que tem bom coração.

Sem prever o sucesso do "Com que Roupas?", Noel Rosa vendeu os dois sambas pela quantia de 180 cruzeiros aos cantores do Teatro Municipal, o baixo Ignácio Guimarães, que nas gravadoras usava o nome I. G. Loyola e popularizou-se também como Ximbuca, e Paulo Rodrigues, ambos locutores da Rádio Sociedade. Como proprietário do samba, I. G. Loyola gravou com orquestra, ao lado de Noel, dando breques como respostas, repetindo uma estrofe no disco

anterior e gravando uma inteiramente desconhecida:

Seu português agora deu o fora
Já foi-se embora
E levou meu capital,
Abandonou quem tanto amou outrora,
Foi no Adamastor pra Portugal,
Pra se casar com uma cachopa,
E agora com que roupa?

Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?

Pela facilidade de criar versos, Noel cantava outros nos programas de rádio, como:

Você não é nenhum artigo raro
Mas eu declaro
Que você é um bom peixeão.
E hoje que você se vende caro
Creio que você não tem razão:
O peixe caro é a garoupa,
Com que escama e com que roupa?

Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?

Eu nunca sinto falta de trabalho,
Desde pirralho
Que eu embrulho o paspalhão,
Minha boa sorte é o baralho
Mas minha desgraça é o garrafão:

Dinheiro fácil não se poupa

Mas agora com que roupa?

Com que roupa eu vou

Pro samba que você me convidou?

Capítulo 28

O AMOR A VILA ISABEL

Em fins de 1933, gravei um grande sucesso do carnaval de 1934, "O Orvalho Vem Caindo", de Noel Rosa e Kid Pepe:

O orvalho vem caindo
Vai molhar o meu chapéu
E também vão sumindo
As estrelas lá do céu ...
Tenho passado tão mal!
A minha cama é uma folha de jornal.

Meu cortinado é o casto céu de anil
E o meu despertador é o guarda-civil.
(Que o salário ainda não viu)

O meu chapéu vai de mal para pior
E o meu terno pertenceu a um defunto maior
(Dez tostões no belchior)

A minha sopa não tem osso nem tem sal
Se um dia passo bem, dois e três passo mal
(Isto é muito natural)

A minha terra dá banana e aipim

Meu trabalho é achar quem descasque por mim
(Vivo triste mesmo assim)

Kid Pepe, boxeador metido a valentão, pelo êxito de "O Orvalho Vem Caindo", imaginou que Noel seria seu parceiro exclusivo. Noel escrevera o samba "Tenho Raiva de Quem Sabe", de parceria com ele e Zé Pretinho, que o editaram sem citar o autor dos versos:

Não sei nem quero saber
Tenho raiva de quem sabe
O seu modo de viver.
Eu pago pra ninguém me incomodar
E não me perguntar por você.

Depois de tanta briga
Hoje em dia eu suspeito
Que talvez você me diga
Que lhe odeio por despeito
Tanto me sacrificava,
Sem ter ao menos direito,
Juro que não esperava
Levar fama sem proveito.

Rasguei o seu retrato,
Suas cartas eu queimei,
Desta vez briguei de fato
De você já me enjoiei.
Para evitar perigo
Eu imploro a você
Quando encontrar comigo

Simular que não me vê.

Em abril de 1934, nos estúdios da Rádio Cruzeiro do Sul (PRD-2), da Rede Verde-Amarela, à Rua Mariz e Barros, 270, casualmente Noel Rosa encontrou Zé Pretinho e protestou contra o fato. Brutal e inculto, Zé Pretinho deu no franzino Noel uma forte bofetada. Os presentes afastaram os dois.

Noel Rosa jamais usou qualquer arma e nem teve atitudes de valentias — inverídico o fato de haver aprendido capoeira com o estourado Brancura, Sílvio Fernandes, segundo vagas informações na imprensa.

O incidente, entretanto, deu ensejo à criação, no mesmo ano, do samba “Século do Progresso”, publicado em jornais de modinhas, cantado em emissoras de rádio e gravado em 1937, quando não mais vivia Noel Rosa:

A noite estava estrelada
Quando a roda se formou;
A lua veio atrasada
E o samba começou.

Um tiro a pouca distância
No espaço, forte ecoou
Mas ninguém deu importância
E o samba continuou.

Entretanto, ali bem perto
Morria de um tiro certo

Um valente muito sério,
Professor dos desacatos
Que ensinava aos pacatos
O rumo do cemitério.
Chegou alguém apressado,
Naquele samba animado
Que cantando assim dizia:
“No século do progresso
O revólver teve ingresso
Pra acabar com a valentia”.

V



VIAGENS

Capítulo 29

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

No final de 1930, Noel Rosa compôs o samba “Cordiais Saudações” e somente o gravou em julho do ano seguinte. Não tendo apreciado o número com orquestra, preferiu uma nova gravação em companhia do Bando de Tangarás.

Meses depois, em agosto, recebemos um convite para visitar São José dos Campos, São Paulo, a chamado do Dr. Carlos Ribeiro de Melo Leitão, parente de Alvinho Miranda Ribeiro, a fim de que realizássemos, num teatro local, um espetáculo em benefício da Santa Casa da cidade. A 5 de setembro para lá seguimos, com todos os elementos do conjunto e mais os “adendos”: o pianista Kalua e os violonistas Carlos Lentini e Jaci Pereira (Gorgulho). Nas malas levamos a prova de “Cordiais Saudações”, gravação ainda não lançada.

O Dr. Carlos Ribeiro, delegado da cidade, possuía uma loja de discos, rádios e vitrolas, e recebera naqueles dias a primeira máquina de gravações. Ao vê-la, tivemos imediatamente a ideia de tirar proveito das coincidências: a vinda do aparelho, o dia citado nos versos do samba e o espetáculo que se realizaria no histórico dia 7 de setembro.

Na época, o Bando de Tangarás realizava desafios em festinhas e

programas de rádio, e, em São José dos Campos, anunciamos duas particularidades: cenas de improviso com os nomes de figuras da cidade e a gravação de um disco no palco.

Durante o espetáculo, um popular da galeria começou a retrucar aos nossos desafios, cantando mal e sem o menor ritmo; como resposta, João de Barro compôs uma quadrinha que provocou imensas gargalhadas do público. Depois o versinho divulgou-se pela cidade:

Pois se quiser cantar comigo
Vem cá pra baixo primeiro,
Assim pareces galinha
Cantando lá no poleiro.

Prosseguimos o show com a cena da gravação. Colocada a máquina no centro do palco, descrevemos divertidamente como se gravava um disco, citando os estúdios, as agulhas das ceras e os microfones e, como comprovante definitivo, a data que ocorria:

— Que dia é hoje?

— 7 de setembro de 1931, vários responderam na plateia.

— Pois bem. Para que todos fiquem absolutamente certos de que a gravação será realizada agora, vamos usar a data de hoje.

Nada poderia ser mais convincente. Pedimos silêncio absoluto e atacamos o samba, cantado pelo próprio Noel:

Estimo que este mal tragado samba,
Em estilo rude,
Na intimidade,
Vá te encontrar gozando saúde

Na mais completa felicidade,
 (Junto dos teus, confio em Deus.)
Em vão te procurei,
Notícias tuas não encontrei,
Eu hoje sinto saudades
Daqueles dez mil réis que te emprestei.
Beijinhos no cachorrinho,
Muitos abraços ao passarinho,
Um chute na empregada
Porque já se acabou o meu carinho.

O conjunto que ali se exibia era o mesmíssimo que dias antes executara o número, não havendo, portanto, qualquer diferença. E Noel prosseguiu:

A vida cá em casa está horrível.
Ando empenhado
Nas mãos de um judeu.
O meu coração vive angustiado,
Pois minha sogra ainda não morreu...
 (Tomou veneno e quem pagou fui eu.)

Aproximava-se o momento culminante:

Sem mais para acabar
Um grande abraço queira aceitar,
De alguém que está com fome
Atrás de algum convite pra jantar.
Espero que notes bem:

Estou agora sem um vintém,
Podendo, manda-me algum
Rio, 7 de setembro de 31.

Com o suspense, ninguém se moveu nas cadeiras, frisas, camarotes e torrinhas.

Por fim, a gravação foi ouvida através do potente alto-falante da eletrola. A reprodução fiel dos sons produzidos ali instantes antes era como um estupendo milagre que tivéssemos proporcionado. E no final, quando a voz de Noel encerrou com a data, a plateia prorrompeu na mais entusiasmada ovação que qualquer de nós teria recebido até então.

Capítulo 30

NOVA FRIBURGO

Nosso companheiro Paulo Netto, por sugestão de parentes seus que residiam em Nova Friburgo, propôs exibir ali o Bando de Tangarás, num espetáculo no Cine-Teatro Leal. Tudo acertado para o dia 14 de abril de 1932, partimos de automóvel.

Uma viagem de carro do Rio a Friburgo, hoje em dia uma das mais corriqueiras e agradáveis, era, naquela época, uma aventura temerária, de consequências imprevisíveis. Para realizarmos a longa caminhada, recebemos o apoio do amigo Reinaldo Barbosa, motorista de praça (mais tarde alto funcionário da Câmara de Vereadores), que nos animou com entusiasmo.

Daqui partimos às quatro da madrugada, certos de que, pelos nossos cálculos, estaríamos na cidade serrana no máximo pela tarde.

Viajamos num Buick possante, de capota, tratado como “salão”, devido às suas duas cadeirinhas móveis. Paulo Netto, Alvinho, Gorgulho, Helvécio, Henrique Brito, Noel e eu participaríamos do espetáculo. Como maior garantia, resolvemos levar o hábil mecânico Kaká, considerado também conhecedor de estradas. Ao todo, nove pessoas, mais valises e quatro violões, lotação realmente excessiva para um carro.

Em suma: às 15 horas viajávamos em péssimas estradas e sem a

menor orientação. Às 21 horas continuávamos rodando. E o show marcado para as vinte horas! Às 23 horas, para maior tragédia, a barra de direção do carro partiu-se. Lá pela meia-noite, um providencial caminhão rebocou-nos até Friburgo, para uma oficina da cidade.

No dia seguinte, descrevendo a lamentável falha do carro, tentamos justificar nossa ausência da véspera inserindo notícias no periódico local, distribuindo impressos de porta em porta. Todavia, não alcançamos integralmente nossa reabilitação.

Dias depois, o Teatro — na noite anterior repleto — mostrava-se apenas com meia casa. A renda que apuramos não atingiu o bastante para a conta do hotel, menos ainda para o conserto do automóvel.

Anunciamos uma audição a ser realizada no elegante Clube de Xadrez, e ali o Bando de Tangarás teve oportunidade de comprovar o quanto era justa a sua fama. O público, antes ainda não perfeitamente inteirado das razões da nossa ausência no primeiro espetáculo, veio, afinal, a conhecer todas as agruras por que passáramos, graças aos inúmeros improvisos de Noel, versos bem-humorados sobre as peripécias da viagem.

Capítulo 31

RIO GRANDE DO SUL – SANTA CATARINA – PARANÁ

Em março de 1932, Francisco Alves, Mário Reis e Lamartine Babo — Os Ases do Samba — apresentaram-se com sucesso no Teatro Santana de São Paulo. Em vista disto, Francisco Alves decidiu também ir ao Rio Grande do Sul com a mesma equipe. Houve entendimento com o Cine-Teatro Imperial, em Porto Alegre, sendo inclusive marcada a estreia para 8 de abril.

Devido a dificuldades na escolha dos acompanhantes, a data anunciada transcorreu sem a estreia. Superados os problemas, a turma conseguiu ser selecionada e, “finalmente, depois de longas e quase desesperadoras démarches, a 29 de abril desembarcaram do Itaquera, da Costeira, em Porto Alegre, Francisco Alves, Dr. (?), Mário Reis, Noel Rosa (?), Peri Cunha e Nonô”, segundo registro do Correio do Povo. No mesmo dia da chegada, uma sexta-feira, realizou-se o espetáculo.

Dia da estreia. Casa lotada.

Os artistas deveriam trajar-se a rigor, de smoking. Noel, porém, surgiu no teatro com um paletó branco, enorme, estranhíssimo, que de summer⁷³ tinha somente a cor. Intrigado com a origem daquele temo, Chico indagou:

— Quem fez este paletó, Noel?

— O alfaiate não sei, — disse Noel com suas desconcertantes respostas — porque o paletó não é meu. Como eu não tinha summer, aluguei-o de um garçom meu amigo lá no Rio...

Terminada a semana, Os Ases do Samba exibiram-se no Cine-Teatro Carlos Gomes (dias 6, 7 e 8) e em Caxias do Sul, São Leopoldo, Cachoeira do Sul, Pelotas e Rio Grande, sempre com indiscutível êxito. Numa das vindas a Porto Alegre, no dia 24 de maio, realizaram no Imperial o grandioso recital "Noite Brasileira".

Durante a temporada, Noel e Nonô moravam na Pensão Mangache, na Rua Nova, e após os Espetáculos permaneciam no Clube Jocotó, espécie de dancing. Ali Noel apaixonou-se por uma das criaturas do cabaré. Durante a volta de navio, encheu-se de tristeza, o que deu origem a "Até Amanhã", um dos mais melancólicos sambas de sua produção:

Até amanhã, se Deus quiser,
Se não chover eu volto
Pra te ver, oh mulher.
De ti gosto mais que outra qualquer
Não vou por gosto
O destino é quem quer.

Adeus é pra quem deixa a vida
É sempre na certa que eu jogo
Três palavras vou gritar por despedida:
Até amanhã, até já, até logo!

O mundo é um samba que eu danço,
Sem nunca sair do meu trilho;
Vou cantando o teu nome sem descanso,
Pois do meu samba tu és o estribilho.

Depois se apresentaram em Florianópolis num único dia (domingo, 05/06/1932), no Cine Glória, às 14, 16, 19 e 21 horas. Em seguida, no Teatro Palácio de Curitiba, permaneceram três dias, encerrando a excursão.

Francisco Alves, artista permanentemente compenetrado de seus compromissos com o público, em várias oportunidades censurou Noel e Nonô, incorrigíveis boêmios, sempre alheios aos rigores dos horários. Como dirigente do conjunto, quando necessário repreendia severamente os seus dois amigos.

Durante o regresso ao Rio, Nonô e Noel produziram o depreciador "Vitória", cujos versos maledicentes criticavam o famoso cantor. Chico jamais deu grande importância ao assunto, tanto que sabedor do dia em que Sílvio Caldas ia gravar o samba (13/07/1932), espontaneamente compareceu ao estúdio da Odeon e participou no coro, cantando no estribilho:

Antes da vitória
Não se deve cantar glória
Você criou fama,
Deitou-se na cama,
Eu que não estou dormindo,
Vou subindo...
Vou subindo...

Enquanto você vai decaindo.

Quero a minha independência
E com jeito e paciência
Me preparo pro futuro,
Não garanto, não duvido,
Mas você tome sentido
Que entre nós o páreo é duro.
Aguentei muita indireta
Mas andei na linha reta,
Não maldigo a minha sorte,
Vou agindo com cadência
Sei que a minha independência
Há de ser a sua morte.

Vitória.

Sua voz se alguém percebe
Bem humilde lhe recebe,
Sua entrada ninguém veda,
Você goza da ventura
Mas quem voa em grande altura
Leva sempre grande queda.
Não tenho medo do grito,
Sempre fiz papel bonito;
O que eu falo é bem pensado,
Não receio escaramuça
E que aceite a carapuça
Quem se sente melindrado.

Vitória.



Viagem ao Sul. No navio Itaquera, da esquerda para a direita: Peri, Mário Reis, Francisco Alves, Noel Rosa e Nôno (1932)



Noel Rosa, Mário Reis, Nonô, Peri Cunha, Francisco Alves, Célia Zenati, Jurema Magalhães, Evaldo Rui, Ismael Silva, Waldo Meireles, entre outras.



Campos. Na praça São Salvador, da esquerda para a direita: Russo do Pandeiro, Canhoto, Benedito Lacerda, João Cantuária e Noel Rosa

73. Consiste em smoking branco com faixa e gravata borboleta em cores variadas. (N.O.)

Capítulo 32

CAMPOS – MUQUI – VITÓRIA

Em março de 1934, seguiu Noel para Campos com o grupo Gente do Morro, do qual faziam parte Benedito Lacerda, Canhoto, Russo do Pandeiro, Macrino, Bernardo, Doidinho e os humoristas Grijó Sobrinho e Coringa, e duas figuras femininas: Grazy e Itamar de Souza. Como secretário, João Cantuária. Fazendo escala de cidade em cidade, a caravana projetava percorrer todo o Norte do Brasil.

Em Campos, precedidos de regular publicidade, os artistas exibiram-se no Coliseu dos Recreios no dia 17. Da apresentação desincumbia-se o humorista Grijó Sobrinho, citando um a um:

— Benedito Lacerda, o grande sambista!

O povo prorrompia em aplausos.

— Russo, o malabarista do pandeiro!

Novas palmas.

— Coringa, o rei das emboladas!

Palmas a valer. Enfim, cabia a vez do compositor.

— Noel, o filósofo do samba!

Indisfarçável a estranheza da plateia ante a aparência um tanto exótica do artista. Risos à socapa, muxoxos e palmas ralas.

No entanto, mal Noel começava a cantar, a má impressão se dissipava e todo o seu imenso valor era reconhecido pelo público. A despeito de seu corpo desajeitado e de sua voz um tanto fanhosa, tornou-se o maior sucesso daqueles espetáculos. E com palmas vibrantes a plateia desagravava o modesto, mas notável compositor, compensando-o completamente da fria e zombeteira recepção inicial.

Na terra da goiabada, o Gente do Morro exibiu-se no Coliseu durante uma semana; no Clube Tenentes de Plutão, sábado, dia 24, com enorme sucesso, e, posteriormente, três dias no Trianon.

Dali rumou para Muqui. Era uma Quinta-Feira Santa e o espetáculo redundou em total fracasso devido à intervenção do padre da cidade, que recomendou ao povo cristão que não assistisse a tais números irreverentes para aquela noite. Por essa razão o cinema manteve-se completamente vazio.

Em abril, a trupe chegou a Vitória, aboletou-se na pensão São Luís e apresentou-se no Politeama. Mal orientados pelo secretário, cobraram entradas a preços exorbitantes, o que afastou o público, provocando total déficit nas bilheterias. Encerrada a temporada, desalentados e sem possibilidades de pagar as contas da pensão, alguns integrantes do grupo fugiram, alta noite, a tempo de alcançar o trem para o Rio. Todavia, na estação seguinte foram detidos por dois policiais e recambiados para a delegacia da capital.

Contudo, a imprensa da cidade teve compreensão e benevolência para com aqueles boêmios, livrando-os de maiores vexames e patrocinando um honroso espetáculo no Hotel Império, a 18 de abril.

No dia seguinte, Benedito, Canhoto, Macrino, João Cantuária e

Itamar regressaram ao Rio. Noel, Russo do Pandeiro, Grijó e Coringa saíram a tentar a sorte em várias cidades vizinhas, entre elas Colatina e Cachoeiro do Itapemirim. Como suas apresentações não renderam nada, retornaram a Vitória, seguindo para o Rio. Noel, porém, manteve-se na capital do Espírito Santo, interessado por uma morena baixinha de nome Isaura, figura do cabaré Pensão da Badu. Tornou-se necessário que Dona Marta, com grande sacrifício de suas parcas economias, viajasse, a fim de arrastá-lo à força do pernicioso ambiente em que se enquistara.

Curioso episódio ocorreu com Noel em Vitória, segundo informações pessoais de Canhoto do Cavaquinho. Com a incontrolável tendência às más companhias, tornou-se amigo de certo valentão conhecido na terra como Alagoano, cuja fama intimidava até mesmo a polícia. Em certo dia, no principal logradouro da cidade, — Praça da Independência (hoje Praça Costa Pereira) — em companhia do indivíduo, Noel sentiu uma urgente necessidade de um ato fisiológico. Próximo de um guarda da rua, o desordeiro declarou em voz alta a Noel:

— Faça aqui mesmo, como se estivesse em sua casa. — enquanto o policial ouvia. — Quem manda aqui sou eu e ninguém me impede de fazer o que quiser.

Na alegria dessa façanha, Noel pôs-se à vontade, seguindo a recomendação, enquanto o defensor da lei ria bestamente, acovardado.

Poucos meses depois, cumprindo o seu destino de mau elemento, Alagoano tombou, vítima da navalha de algum desafeto mais ágil.

Capítulo 33

BELO HORIZONTE

Dona Marta de Medeiros Rosa desde cedo tentou controlar as indomáveis aventuras do seu filho, vivendo pelas noites e dormindo os dias inteiros, sem se alimentar, emagrecendo, abatido e de olhos fundos. Preocupada com o repentino casamento de Noel, Dona Marta recorreu mais uma vez a seu amigo e médico, Dr. Edgar Graça Melo. Um exame geral no seu consultório indicou a imediata necessidade de mudança de clima, de boa alimentação e de absoluto repouso por vários meses. Sem recursos, viu-se obrigada a apelar para os companheiros do filho no Programa Casé. Além de avisos transmitidos pela emissora, publicou-se na revista semanal Sintonia (20/12/1934) este tópico:

ATENÇÃO, AMIGOS DE NOEL ROSA

Noel, o sambista filósofo, o queridíssimo autor popular, cujas composições falam à alma pela sua expressão de sinceridade e beleza, vai ser homenageado pelos seus inúmeros amigos e admiradores.

Esta prova de carinho que será prestada a Noel Rosa terá cunho altamente significativo e prático.

A lista de adesões está à disposição no escritório do

Programa Casé, à Rua Uruguaiana, 39, 2º andar, tel.: 2-7038, onde serão fornecidos esclarecimentos mais amplos.

Neste momento, em que Noel Rosa atravessa uma fase delicada de convalescença, esta prova coletiva de admiração será certamente para ele um conforto moral, oportuno e bem merecido.

Assim, imediatamente, acompanhado por Lindaura, sua esposa, Noel partiu para Belo Horizonte, onde residia Dona Carmem, sua tia. Na acolhedora residência no bairro da Floresta, Noel permaneceu alguns dias, seguindo as prescrições médicas, cercado dos cuidados e carinhos de seus familiares.

Numa das primeiras visitas ao Conservatório Mineiro de Música, em papel timbrado do Instituto, escreveu ao Dr. Graça Melo uma carta com quadrinhas humorísticas:

CONSERVATÓRIO MINEIRO DE MÚSICA

Belo Horizonte, 27 de janeiro de 1935

Meu dedicado médico e paciente amigo Edgar.

Um abraço.

Se tomo a liberdade de roubar mais uma vez seu precioso tempo, é porque tenho certeza de que você se interessa por mim, muito mais do que eu mereço.

Assim sendo, vou passar a resumir as notícias que se referem à marcha do meu tratamento.

E, para amenizar as agruras que tal leitura oferece, resolvi

fazer uso das quadras, que se seguem:

Já apresento melhoras:
Pois levanto muito cedo
E... deitar às nove horas
Para mim é um brinquedo

A injeção me tortura
E muito medo me mete,
Mas... minha temperatura
Não passa de trinta e sete.

Nessas balanças mineiras
De variados estilos
Trepei de várias maneiras
E... pesei cinquenta quilos.

Deu resultado comum
O meu exame de urina.
Meu sangue: noventa e um
Por cento de hemoglobina.

Creio que fiz muito mal
Em desprezar o cigarro;
Pois não há material
Para meu exame de escarro.

Até agora, só isto.
Para o bem dos meus pulmões
Eu, nem brincando, desisto

De seguir as instruções.

Que meu amigo Edgar
Arranque deste papel
O abraço que vai mandar
O seu amigo,
Noel

Seu temperamento irrequieto, entretanto, não se acomodava a uma vida reunida e, em pouco tempo, já não mais se deitava cedo, ficando pelas noites nos cafés, em conversas infundáveis, regadas a chopes gelados na companhia de novos amigos, seduzidos pelas engraçadíssimas histórias que contava e pelos sambas encantadores que cantava.

Frequentava a Rádio Mineira (PRC-7), apresentando-se em programas extras sem obter proventos lucrativos, somente pelo prazer de cantar ao microfone.

Surgiram, então, inúmeros comentários sobre sua vida particular e artística, em sua maioria apenas produto da imaginação dos narradores. Registremos, porém, o mais conhecido, confirmado por seu amigo Rômulo Pais:

Em certa ocasião, alta madrugada, lá se ia o boêmio para sua residência. Estivera a cantar para amigos, ao relento, na Praça da Liberdade e, esgotado pelo cansaço e pelas libações, incapaz de prosseguir na caminhada, deitou-se sob o viaduto da Floresta, na grama, ao lado de seu inseparável violão. Não tardou em ferrar no sono. Instantes depois se aproximou um guarda-noturno que, após demoradas sacudidelas, conseguiu fazê-lo abrir os olhos:

— Teje preso.

Ao tom da ordem da lei, Noel reagiu:

— Preso por quê? Eu não fiz nada.

— Justamente por isso. É desocupado. Vai preso porque está dormindo na rua.

— Mas, seu guarda — apelou o boêmio —, estou só dando um cochilo. Já vou pra casa.

— Nada disso. Tá preso. Onde estão seus documentos?

Ainda zozzo de sono, Noel rebuscou pelas algibeiras, sacando o primeiro papel que encontrou. O guarda desdobrou o documento, procurou a luz de um lampião próximo e pôs-se a ler, em voz alta:

— João Ninguém ... Não tem ideal na vida ... além de casa e comida ... tem seus amores, também ... Ora essa! — estourou — mas isso é letra de samba!

— É sim — confirmou Noel. — De samba meu, aliás.

— Mas este samba não é o “João Ninguém” do Noel Rosa?!

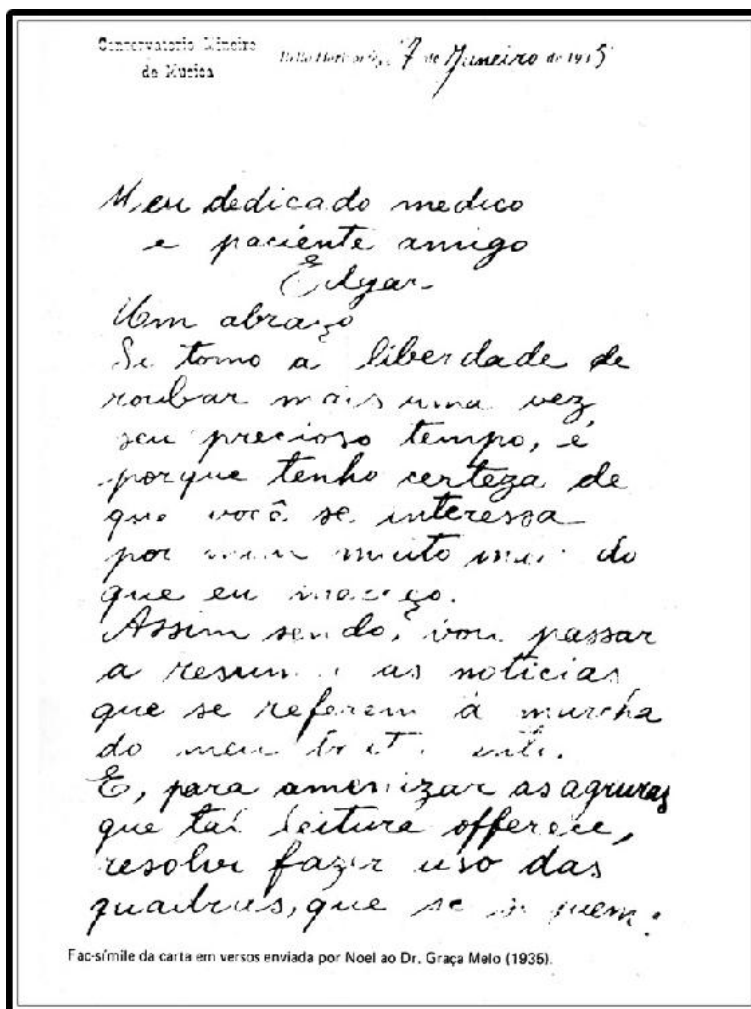
— Justamente. E Noel Rosa sou eu.

A informação não podia ser mais surpreendente para o rondante. E ele substituindo instantaneamente sua severidade por uma expressão esgazeada e feliz, relanceando os olhos para todos os cantos, sacou do bolso do dólma pequena flautinha e, em tom alvissareiro, sussurrou:

— Eu também sou músico. Pega o violão. Faz ré maior aí...

E sem mais delongas, completamente esquecido de sua missão,

seguido pelo violão de Noel, até ao raiar do dia permaneceu a executar chorinhos e valsas, felicíssimo por ter um acompanhador tão excelente e renomado.



Belo Horizonte. Fac-símile da carta em versos enviada por Noel ao Dr. Graça Melo (1935)

Já presente melhores:
Foi levantado muito cedo
E... deitou às nove horas,
Para mim, é um bônus!

A injeção me tortura
E, muito me lo me m...;
Mas... minha temperatura
Não passa de trinta e sete!

Nessas balanças mineiras
De variados estilos
Trephei de varias maneiras
E... pesei cinquenta kilos!

Deu resultado comum
O meu exame de urina.
Meu sangue: — noventa e um
Por cento de hemoglobina.

Belo Horizonte. Fac-símile da carta em versos enviada por Noel ao Dr. Graça Melo
(1935)

Creio que fiz muito mal
Em desprezar o cigarro:
Por não ha material
Pra meu exame de scarro!

Até' agora, só isto.
Para o bem de meus pubicós
Eu, nem brincando desisto
De seguir as instruccões.

Que meu amigo Edgar
Arranque d'este papel
O abraço que vai mandar
O seu amigo
Noel

N.B. Endereço:

Rua São Manoel, 187
Caixa Postal, 142
Belo Horizonte

Belo Horizonte. Fac-símile da carta em versos enviada por Noel ao Dr. Graça Melo
(1935)

VI

TEATRO E CINEMA

Capítulo 34

CINEMA FALADO

Os filmes sonoros tiveram início em 1929, nos Estados Unidos. No mesmo ano, a 30 de junho, deu-se a estreia na Cinelândia, no Cinema Palácio, da película americana Melodias da Broadway.

O cinema falado gerou novo entusiasmo, e o cinegrafista Paulo Benedetti, que produzira filmes mudos, tomou a iniciativa de aproveitar, em várias cenas curtas, os discos das gravadoras e a presença dos artistas de maior popularidade. À Rua Tavares Bastos, nº 153, no Catete, foram filmados alguns cantores de prestígio, entre os quais o Bando de Tangarás.

Num dia de setembro, João de Barro, Alvinho, Henrique Brito, Noel Rosa e eu, com vestimentas de sertanejos e nossos instrumentos, filmamos quatro números de sucesso: "Galo Garnisé", "Anedotas", "Vamos Falá do Norte" e "Bole-Bole". Num pequeno quintal da casa, com um velho gramofone no chão a rodar os discos, com as cinco figuras, inteiramente mudas, apenas gesticulando as cantigas e mal soando os instrumentos, o Bando de Tangarás realizou quatro "filmes falados".

A 30 de novembro de 1931, o Cine Eldorado, no Rio, exibiu a primeira película brasileira sonora, Coisas Nossas, produzida por Wallace Downey, realizada em São Paulo, do tipo Vitafone⁷⁴.

Participavam artistas do maior nome: Procópio Ferreira, Batista Júnior, Jaime Redondo, Jararaca e Ratinho, Paraguaçu, Gaó, Zezinho, Arnaldo Pescuma, Sebastião Arruda, Pilé, Napoleão Tavares e sua orquestra, Corita Cunha, Zezé Lara, Helena Pinto de Carvalho e Stefana de Macedo.

Sobre o filme falado, Noel compôs o samba "São Coisas Nossas", uma crítica aos costumes cariocas:

Queria ser pandeiro
Pra sentir o dia inteiro
A tua mão na minha pele a batucar...
Saudade do violão e da palhoça...
Coisa nossa... coisa nossa...

O samba, a "prontidão" e outras bossas,
São coisas nossas... são coisas nossas...

Baleiro, jornaleiro,
Motorista, condutor e passageiro,
Prestamista e vigarista...
E o bonde que parece uma carroça...
Coisa nossa... muito nossa...

Menina que namora
Na esquina e no portão
Rapaz casado com dez filhos, sem tostão,
Se o pai descobre o truque dá uma coça...
Coisa nossa... coisa nossa...

Malandro que não bebe...

Que não come, que não abandona o samba
Pois o samba mata a fome,
Morena bem bonita lá na roça,
Coisa nossa... coisa nossa...

Noel Rosa, grande compositor popular, criou várias expressões de bossa, tais como "São Coisas Nossas", "Meu Barracão", "Capricho de Rapaz Solteiro". Anos depois, sob a inspiração de suas obras geniais, seria lançado o novo gênero "Bossa-Nova".

Em 1933, o vespertino A Noite instituiu o "Mês da Cidade", com uma série de comemorações, além do lançamento do primeiro concurso de músicas para São João. Nada menos de cinco produções se destacaram: "Cai, Cai Balão", marcha de Assis Valente, com Francisco Alves e Aurora Miranda (Odeon, 11.018); "Festa de São João", cena de João de Barro, com o Bando de Tangarás (Odeon 11.020); "Minha Noite de São João", canção de Carlos Rego Barros de Souza, com Gastão Formenti (Victor, 33.670); "Chegou a Hora da Fogueira", marcha de Lamartine Babo, com Carmen Miranda e Mário Reis (Victor, 33.671) e "Promessa", canção de José Maria de Abreu e Ary Kemer, com Gastão Formenti (Victor, 33.682), primeiro prêmio do concurso.

Sem dúvida, foi Coelho Neto o primeiro a usar a expressão "Cidade Maravilhosa", posteriormente muito empregada, chegando a dar título à canção que veio a ser o Hino da Guanabara.

Inaugurou-se a 11 de agosto de 1908, na Praia Vermelha, a Grande Exposição Nacional e, a 28 de outubro, no jornal A Notícia, Coelho Neto publicou o artigo "Os Sertanejos", referindo-se aos nordestinos que ali se exibiam cantando e dançando seus números folclóricos.

Admirados das belezas do Rio que viam pela primeira vez, "... os cantadores ficaram deslumbrados. Cidade Maravilhosa..."

Oito anos depois, novamente surgiu a expressão "Cidade Maravilhosa", exibida na tabuleta de um cosmorama com belas vistas do Rio de Janeiro, instalado numa casa da Rua São José (A Noite, 09/11/1916).

Inspirado com a Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922, Olegário Mariano publicou o volume de poesias Cidade Maravilhosa, da Edição Pimenta de Mello & Cia.

Com o intenso movimento radiofônico em 1933, chegou ao Rio, provindo da Rádio Record de São Paulo, o locutor César Ladeira, figura de destaque na Revolução de 1932. A 1º de setembro, estreou na Rádio Mayrink Veiga, lendo as "Crônicas da cidade gozada", de autoria de Genolino Amado. Em cartas, telegramas e telefonemas, o locutor recebeu críticas ao título do programa, que ridicularizava a cidade. Para evitar problemas, modificou o título para "Crônicas da Cidade Ma-ra-vi-lho-sa", pronunciando e separando as sílabas, maneira sui generis de César Ladeira anunciar.

Vivíamos num clima de crescente entusiasmo e progresso. Como a metrópole de maior importância, para a capital se voltaram os produtores de Hollywood, sendo exibida, a 30 de junho de 1934, a película Voando para o Rio (Flying Down to Rio), com a participação do artista brasileiro Raul Roulien, ao lado de Dolores del Rio e do famoso par dançante Fred Astaire e Ginger Rogers.

Em setembro, preparavam-se as Festas da Mocidade, com a escolha das Rainhas da Primavera, o que motivava os compositores a lançarem vários gêneros. João de Barro compôs a marcha

“Primavera no Rio” (Victor, 33.820 — 09/1934), na voz de Carmen Miranda. Um mês depois, André Filho criou a marcha “Cidade Maravilhosa” (Odeon, 11.154 - 10/1934), com interpretação do próprio autor em companhia de Aurora Miranda.

Não tendo alcançado grande sucesso na Festa da Mocidade, André Filho incluiu a “Cidade Maravilhosa” no concurso carnavalesco de 1935, onde obteve o primeiro prêmio de marchas. Com o intenso movimento de navios de todo o mundo, suas orquestras executavam as canções de todos os portos, cabendo ao do Rio de Janeiro a música de maior atração — “Cidade Maravilhosa”, mais tarde hino oficial do antigo Estado da Guanabara.

Wallace Downey, que produzira Coisas Nossas, iniciou uma nova série de filmes musicais. O primeiro deles foi Alô, Alô, Brasil, lançado em 1935 e, em seguida, Alô, Alô, Carnaval, de 1936. Noel Rosa compôs três números para a película.

Nos estúdios de Ademar Gonzaga, em São Cristóvão, Noel assistiu às filmagens ligadas às suas obras. O Bando da Lua apresentou a marcha “Não Resta a Menor Dúvida”, de parceria com Hervê Cordovil:

Você é uma pequena que não resta a menor dúvida
Oh dúvida,
E eu por sua causa já não pago a minha dívida
Oh dívida,
Estou só esperando que você me leve o último
Tostão
Pra me dar seu coração.
Para possuir seu coração

Darei até meu último tostão.

Pelo seu amor

Serei aviador,

Irei até lamber sabão.

Se você de todo não quiser

Fazer por mim aquilo que puder

Eu irei então

Trocar meu coração

Por outro coração qualquer.

Quem quiser falar do seu olhar

Acaba sem saber o que falar.

Todo o mundo crê

Que os olhos de você

Ainda vão me fuzilar.

Joel e Gaúcho filmaram a marcha "Pierrô Apaixonado", feita em parceria com Heitor dos Prazeres:

Um pierrô apaixonado

Que vivia só cantando

Por causa de uma colombina

Acabou chorando,

Acabou chorando.

A colombina entrou no botequim,

Bebeu ... bebeu ... saiu assim ... assim ...

Dizendo: "Pierrô cacete

Vai tomar sorvete

Com o Arlequim...”

Um grande amor tem sempre um triste fim,
Com o Pierrô aconteceu assim:
Levando esse grande chute
Foi tomar vermute
Com amendoim.

Surgiu, porém, um problema na filmagem de “Palpite Infeliz”, gravado em disco pela cantora Araci de Almeida. O cenário escolhido — um quintal com tanque, onde a artista, cantando o samba, lavava e estendia roupas num varal — não agradou à cantora, nem a Chico Alves, que, em protestos, retiraram-se do estúdio sem filmar o número. Desejando ver filmada sua música, Noel indicou outra intérprete, uma das Irmãs Pagãs, que não conseguiu interpretar o importante samba. E “Palpite Infeliz”, anunciado em programas, jornais e revistas, acabou sendo cortado do Alô, Alô Carnaval.

Achando-se Noel Rosa no auge da popularidade, Carmem Santos encomendou-lhe melodias especiais para o filme Cidade Mulher, com roteiro literário de Henrique Pongetti, direção de Humberto Mauro e título sugerido pelos encantos da Cidade Maravilhosa. Tendo como leitmotiv a marcha “Cidade Mulher”, o filme foi lançado no Alhambra⁷⁵, a 27 de julho de 1936.

Cidade de amor e ventura
Que tem mais doçura
Que uma ilusão....
Cidade mais bela que o sorriso
Maior que o paraíso

Maior que a tentação...
Cidade que ninguém resiste

Na beleza triste
De um samba-canção:
Cidade de flores sem abrolhos
Que, encantando nossos olhos,
Prende o nosso coração!

Cidade notável...
Inimitável...
Maior e mais bela que outra qualquer...
Cidade sensível...
Irresistível...
Cidade do amor... cidade mulher!

Cidade de sonho e grandeza
Que guarda riqueza
Na terra e no mar...
Cidade do céu sempre azulado!

Teu sol é namorado
Da noite de luar...
Cidade padrão de beleza,
Foi a natureza
Quem te protegeu
Cidade de amores sem pecado:
Foi juntinho ao Corcovado
Que Jesus Cristo nasceu!

Estavam em grande moda os ternos lançados pelo artista de cinema Johnny Weissmuller, de exagerados enchimentos nos paletós. Com melodia de Vadico e versos de Noel, surgiu o sambachoro "Tarzan, o Filho do Alfaiate":

Quem foi que disse que eu era forte?
Nunca pratiquei esporte,
Nem conheço futebol.
O meu parceiro sempre foi o travesseiro

E eu passo um ano inteiro
Sem ver um raio de sol.
A minha força bruta reside
Em um clássico cabide,
Já cansado de sofrer...
Minha armadura é de casimira dura,
Que me dá musculatura
Mas que pesa e faz doer.

Eu poso pros fotógrafos
E distribuo autógrafos
A todas as pequenas lá da praia de manhã...
Um argentino disse
Me vendo em Copacabana:
"No hay fuerza sobrehumana
Que detenga este Tarzan"
De lutas não entendo abacate
Pois o meu grande alfaiate
Não faz roupa pra brigar;

Sou capaz de machucar uma formiga,
Não há homem que consiga
Nos meus músculos pegar...
Cheguei a ser contratado
Pra subir em um tablado
Pra vencer um campeão...
Mas a empresa, pra evitar assassinato,
Rasgou logo o meu contrato
quando me viu sem roupão.

Duas músicas foram compostas por José Maria de Abreu, com versos de Noel Rosa. A marcha "Morena Sereia", que decantava nossas praias:

Morena sereia,
Que à beira-mar não passeia...
Que senta na praia e deixa a praia cheia
De lindos castelos de areia...
Cuidado criança...
Que qualquer dia o tufão
Derruba os teus castelos de esperança
E enche de areia o teu coração.

Tenho um bangalô cinzento
Que nos defende do tufão...
Entre quatro paredes de cimento
Não há quem possa desmanchar nossa ilusão.

Se na praia tu souberes
Que o teu nome eu escrevi

Entre mais de dez nomes de mulheres
Terás certeza que te amei, mas te esqueci.

E o samba "Na Bahia", uma exaltação à "boa terra":

Aonde é que o nosso grande Brasil principia?
Na Bahia! Na Bahia!
Aonde foi que Jesus pregou sua filosofia?
Na Bahia! Na Bahia!

Todo santo dia
Nasce um samba na Bahia,
Samba tem feitiço...
Todo mundo sabe disso.

A minha Bahia
Forneceu a fantasia
Mais original
Que se vê no carnaval.

Em São Salvador
Terra de luz e de amor
Só o samba cabe...
Disso todo mundo sabe.

"Numa Noite à Beira-Mar", canção-valsas de Noel, jamais gravada:

Juro pela lua cheia
Que ilumina a branca areia
Que jamais posso olvidar,
As palavras que disseste

Quando teu amor me deste
Numa noite à beira-mar.

Quando a lua foi-se embora
Fiquei sozinho a meditar...
Não quero recordar agora
Aquela noite à beira-mar...
O nosso amor foi infeliz
Nosso destino assim o quis.

Infelizes nós seremos
Nunca mais esqueceremos
Que sofremos por lembrar;
As palavras que dissemos
Quando nós dois nos conhecemos
Numa noite à beira-mar.

Noel Rosa teve uma certa decepção quando seu samba "Maria Fumaça" deixou de ser incluído no filme Cidade Mulher:

Maria Fumaça ...
Fumava cachimbo
Bebia cachaça ...
Maria Fumaça
Fazia arruaça,
Quebrava vidraça,
E só de pirraça
Matava as galinhas
De suas vizinhas;
Maria Fumaça

só achava graça
na própria desgraça.

Dez vezes por dia
A delegacia
Mandava um soldado
Prender a Maria...
Mas quando se via
Na frente do praça,
Maria sumia
Tal qual a fumaça...

Maria Fumaça...
Não diz mais chalaça,
Não faz mais trapaça,
Somente ameaça
Que acaba com a raça
Bebendo potassa,
Perdeu o rompante,
Foi presa em flagrante
Roubando um baralho;
Não faz mais conflito,
Está no distrito
Lavando o assoalho.



Cine Broadway. À frente: Francisco Alves, Noel Rosa, Carmen Miranda e Almirante. Atrás: João Martins, Carlos Lentini, Josué de Barros e Betinho (1932)

74.No cinema falado, o vitafone foi um antigo processo de sincronização em discos do som com a película. (N.O.)

75.O teatro Alhambra era palco de diversas formas de entretenimento, como peças teatrais, exibições de filmes e bailes de carnaval. Foi inaugurado em 1932 e demolido em 1940, depois de ser atingido por um incêndio. (N.O.)

Capítulo 35

CINEMA ELDORADO

Em 1931, o Cinema Eldorado, da firma Ponce & Irmão, situado a Avenida Rio Branco, 154, iniciava uma série de espetáculos conjugados de tela e palco, apresentando notabilidades musicais nossas e de fora.

A 1º de agosto daquele ano, o Bando de Tangarás participou com destaque num recital oferecido pela Fábrica de Discos Parlophon, no Teatro-Cassino Beira-Mar. Entre os assistentes figurava o Dr. Generoso Ponce, arguto empresário do Eldorado, eternamente à cata de atrações para sua casa na Avenida. Animado com o êxito do conjunto, encetou na mesma noite negociações para que nos exibíssemos no seu Cine-Teatro. Tornaram-se difíceis as démarches, pesando as convenções das famílias e os escrúpulos contra o profissionalismo. Por essas razões, Alvinho e João de Barro recusaram a proposta.

Sem esses companheiros, tivemos que procurar outros elementos para reorganizar o grupo. Às pressas, já que deveríamos estreiar na segunda-feira imediata, dia 3, arrebanhamos Jaci Pereira (Gorgulho), Helvécio Barros, Noel Rosa e Hélio, seu irmão mais moço, todos excelentes violonistas. Para números complementares incluímos Paulo Netto de Freitas e Elisa Coelho.

Elisinha Coelho, a figura feminina do espetáculo, com seu fio de voz linda, tristonha e expressiva, foi uma das mais queridas intérpretes da canção popular daqueles tempos. Sua grande atração há muito se tornara a coqueluche da cidade, tendo gravado pela Victor, 33.444, o samba-canção "No Rancho Fundo", de Ary Barroso e Lamartine Babo.

Nos programas impressos, Noel Rosa era citado, de maneira destacada, como o autor de "Com que Roupa?" o que o obrigava a repetir o samba, grande sucesso do carnaval daquele ano. O mesmo sucedia com o seu originalíssimo "Gago Apaixonado", interrompido de instante a instante pela plateia, graças às risadas que Noel provocava com sua interpretação aflitiva, entrecortando soluços, suspiros e assobios próprios de um gago:

Mu... mu... mulher em mim fi... fizeste um estrago,
Eu de nervoso esto... tou... fi... ficando gago,
Não po... posso com a cru... crueldade
Da saudade
Que... que mal... maldade!
Vi...vivo sem afago...

Tem... tem pe... pena deste mo... moribundo
Que...que ja virou va... va... ga...gabundo
Só...só...só...só por ter so...so...fri...frido
Tu...tu...tu...tu...tu...tu... tu
Tu tens um co... coração fingido.

Teu...teu co...coração me entregaste
De... de... pois... pois de mim tu to... toma... maste

Tu... tua falsi...si... sidade é profu... funda
Tu...tu...tu...tu...tu...tu...tu...tu
Tu vais fi... fi...ficar corcunda

“Gago Apaixonado” foi composto em outubro de 1930, em plena revolução⁷⁶ e exatamente num banco da Praça Sete, hoje Barão de Drummond. Observando as gesticulações e falas de seu amigo Manuel Barreiros (Barreirinha), inteiramente gago, que confidenciava sua paixão por uma namorada, Noel compôs o curioso samba, que gravou pessoalmente na Columbia⁷⁷, 22.023, e lançou em janeiro de 1931. Na gravação, Luís Barbosa colaborou de forma especial, batendo com um lápis nos seus dentes, com ritmos sui generis, fazendo ecoar os sons mais diferentes, ao abrir e fechar sua boca.

Paulo Netto de Freitas, anunciado como o “anão” da trupe, causava intensa hilaridade ao surgir no palco com seus dois metros e pouco de altura, cantando a paródia da “Eterna Canção”, de Lamartine Babo:

Passo pelo Pascoal, que cheiro de pastéis,
Sinto logo vontade de comer uns dez,
Mas tenho no bolso apenas três tostões
E moro em Botafogo, no Largo dos Leões...

O final da quadrinha, em ritmo de samba, era repetido aos berros pelo público, num interminável ad libitum que contagiava até os mais indiferentes da plateia. Num dos versos originais de Julio Dantas, Paulo Netto destacava o sentido das palavras com gesticulações ostensivas e às avessas:

Olho as nuvens doiradas pelos ares
Breves como a ventura que perdi,
Olho as estrelas dos céus, ondas dos mares...
E só te vejo a ti... e só escuto a ti...

No palco dispensamos o traje a rigor e as roupagens típicas, usando somente ternos comuns e escuros. Noel possuía um único terno apresentável, usado dia e noite, com listras verticais de dois dedos de largura, cinza-claro e escuro, tipo de padrão de colchoaria. Seus sapatos fantasia, marrom e branco, jamais eram engraxados, sendo difícil distinguir o alvaiade e a graxa.

Para exhibir-se, cantando e acompanhando-se ao violão, sentava-se à frente das luzes da ribalta, cruzando a perna direita para a esquerda, e o refletor projetava-se diretamente no sapato. Então recomendei a Noel duas providências urgentes: que conseguisse a todo custo um terno escuro e que mandasse limpar os sapatos.

No dia seguinte, faltando uns minutos para ser aberto o pano, Noel não havia chegado e fiquei inquieto. Ao receber aviso convencional, com a cortina fechada e a plateia às escuras, avancei ao proscênio a fim de iniciar a natural fala preparatória. Meio cego pelo intenso foco de luz que vinha diretamente da cabine de projeção de filmes, mal consegui divisar os espectadores. Entretanto, observei claramente na primeira fila o escandaloso terno de Noel. Não haveria engano possível, pois não se poderia admitir que alguém possuísse nesta cidade um terno igual.

É de se calcular minha preocupação. Na certa, acreditei que Noel pretendia não participar do espetáculo.

Fervilhava minha mente, atropelando as palavras de praxe, findando na infalível “deixa” para que a cortina se abrisse e anunciei:

— O Bando de Tangarás!

Ao abrir-se a cortina, lá estavam enfileirados os componentes do grupo, cada qual detrás de sua cadeira. E entre os demais, Noel Rosa, alinhadíssimo, num terno azul-escuro que lhe assentava como uma luva. Fiquei estupefato.

No transcurso do espetáculo não pude obter explicações. E depois Noel esclareceu:

— Aquele que você viu na primeira fila é o meu amigo Sebastião. Ele queria sempre ver os nossos números e, como não podia pagar entrada, veio comigo carregando meu violão, como secretário. Este terno é dele, do meu tamanho. Trocamos de roupa no camarim e pronto. Vamos fazer assim todos os dias. Não tá legal?

Aquele despe-veste, veste-despe durou uma semana, duas vezes por dia... Sebastião da Silva Ferreira, o Tião, antigo companheiro de Vila Isabel, para cuja irmãzinha, Yvone, Noel, meses atrás, compusera a gaiata marchinha-fonética “Picilone”, quando ainda vigorava a letra Y.

Havia ainda outro “porém” na apresentação do Bando de Tangarás no Cine Eldorado: com o bom terno, os sapatos imundos ressaltavam mais que nunca. E quando citei o fato, Noel garantiu:

— Já sei. Hoje não fui limpar os sapatos porque não tive tempo. Amanhã vou. Tá legal?

No dia seguinte, qual não foi minha surpresa ao ver Noel aparecer no palco à última hora e tendo limpadado somente o sapato do pé

direito! Nenhum conserto seria possível naquele momento. Ao fechar-se o pano, Noel deu uma das infalíveis justificativas:

— Não deu pra tudo... Só deu pra limpar um pé...

Dizia tais palavras como sempre sorridente, sendo impossível apurar se gozava intimamente a própria facécia ou se se assombrava com suas estupendas razões.

Por acaso, no dia seguinte, falando ao engraxate que servira a Noel, apurei toda a verdade:

— Noel me disse que você só pôde lhe limpar o pé direito, por falta de tempo, não foi?

— Qual nada, seu Almirante! Seu Noel não quis de maneira alguma que eu limpasse o pé esquerdo. Eu disse que ficava muito feio assim, mas ele respondeu que não fazia mal, que só o pé direito é que era artista, pois o outro não aparecia no palco...

76.A Revolução de 1930 pôs fim a política do Café com Leite e levou Getúlio Vargas à presidência da república do Brasil. (N.O.)

77.A Columbia é uma das gravadoras mais antigas dos Estados Unidos. Atualmente é subsidiária da Sony Music. (N.O.)



Noel Rosa

Assinatura do portador

Nome *Noel Hedevios Rosa*
 em teatro *Noel Rosa*
 nascido a *11 de Dez. de 1910 (1910)*
 em *Distrito Federal*
 de pais *Mel. H. Rosa*
 e *Martha H. Rosa*
 Estado civil *Casado*
 Profissão *Cantor*
 Rio, *17 de Maio de 1935*
Julio [illegible] Presid
Januário [illegible]



Fac-símile da carteira profissional de Noel.

Fac-símile da carteira profissional de Noel

Capítulo 36

TEATRO

Em 1930 e 1931, Noel já produzira cerca de 30 composições. O primeiro teatrólogo a tomar conhecimento delas foi Eratóstenes Frazão. Em início de 1931, no intuito de defender o nosso café, o Interventor Federal⁷⁸ fixou o preço de cem réis para o cafezinho. Os proprietários de bares iniciaram a cobrança de 200 réis, o que despertou protestos gerais, dando motivo aos “fecha-fecha” nas ruas. Apaziguadas as cenas, criou-se um *modus vivendi*: as casas de 2ª classe venderiam café a cem réis; as de 1ª classe, a duzentos réis, por xícara, mas apresentando orquestras ou conjuntos musicais.

Por esta razão, Frazão escreveu a revista *Café com Música* estreada a 24 de abril, com as produções de Noel Rosa: “Com que Roupa?”, “Eu Vou pra Vila”, “Gago Apaixonado”, “Malandro Medroso”, “Dona Araci”, “Por Esta Vez Passa”, “Vaidosa” e “Quem Dá Mais?” (“Leilão do Brasil”), samba de imenso valor, somente gravado em disco um ano depois:

Quem dá mais?

Por uma mulata que é diplomada

Em matéria de samba e de batucada,

Com as qualidades de moça formosa

Feiticeira, vaidosa e muito mentirosa?

5 mil-réis... 200 mil-réis... Um conto de réis...
Ninguém dá mais de um conto de réis?
O Vasco paga o lote na batata
E em vez de "barata"
Oferece ao "Russinho" uma mulata.

Quem dá mais?
Por um violão que toca em falsete,
Que não tem o braço, fundo e cavalete,
Pertenceu a Dom Pedro, morou no palácio
Foi posto no prego por José Bonifácio.

20 mil-réis... 21 e 500... 50 mil réis. .
Ninguém dá mais de 50 mil réis?
Quem arremata o lote é um judeu.
(Quem garante sou eu)
Pra vendê-lo pelo dobro no Museu.

Quem dá mais...
Por um samba feito nas regras da arte,
Sem introdução e sem 2ª parte
Só tem estribilho, nasceu no Salgueiro
E exprime dois terços do Rio de Janeiro.

Quem dá mais... quem é que dá mais de 1 conto de réis?
Dou-lhe uma... dou-lhe duas... dou-lhe três...
Quanto vai ganhar o leiloeiro
Que é também brasileiro
E em três lotes vendeu o Brasil inteiro,
Quem dá mais?

A 24 de julho, no Teatro Recreio, Gastão Penalva⁷⁹ e Velho Sobrinho lançaram a revista Mar de Rosas, onde estrelava Sílvio Caldas. Além do "Cordiais Saudações", incluiu-se o samba "Mulata Fuzarqueira":

Mulata fuzarqueira
Artigo raro
Que samba e dá rasteira...
Que passa a noite inteira em claro
Não quero mais saber
De prepará as "gordura"
Nem cuidá mais das "costura"
O bom exemplo já te dei
Mudei a minha conduta
Mas agora me aprumei.

Mulata fuzarqueira da Gamboa!
Só anda com tipo à-toa
Embarca em qualqué "canoa"!

Mulata vou cantar
As minhas mágoa
Meu amô não tem "r"
Mas é amô debaixo d'água!
Não gosto de te vê
Sempre a fazê esses papel
A se passar pros coronel...
Nasceste com uma boa sina
Se tu andas bem no luxo

É passando a "beicolina"!

Mulata, tu tens que te prepará
Pra receber o azá
Que algum dia há de chegá
Aceite o meu braço
E vem entrá nas comida
Pra começá outra vida...
Comigo tu podes viver bem:
Pois aonde um passa fome
Dois podem passá também.

Para a revista inspirada em questão do mar, Noel Rosa e Ary Barroso criaram um samba pertinente ao tema, a princípio denominado "Iça a Vela" e depois rebatizado como "Mão no Remo":

Nesta vida
Cada qual
Tem um barco em que navega
O azar é natural
O azar é natural
E a justiça é cega,
Mas se os ventos sopram contra,
Ou se vem a tempestade
Nunca mais o barco encontra
O porto da felicidade.

Mão no remo...
Mão no remo
Com toda a coragem

Pra levar vantagem
No mar desta vida
Pois se quiseres ser feliz no amor,
Tens de remar com vigor.
Nesta vida...

Mete a vela
Quando for a hora
De ir mar afora
Em busca da sorte
Aproveitando a maré a favor
Terás pra sempre valor.
Nesta vida...

A 12 de agosto de 1932, Ary Barroso escreveu para o Teatro Recreio a revista Vai com Fé, criando especialmente o samba "De Qualquer Maneira", com três subtítulos: "Santa Padroeira", "Não Tem Bandeira" ou "Zélia Fortunata".

A revista saiu de cartaz e o samba, aqui e ali, era apresentado nas emissoras de rádio. Um ano depois, nas proximidades da Penha⁸⁰, Noel Rosa aproveitou a mesma música, dando-lhe versos inteiramente novos e mantendo o estribilho do próprio Ary:

Quem tudo olha ... Quase nada enxerga
Quem não quebra, se enverga
A favor do vento
Eu não sou perfeito
Sei que tenho de pecar
Mas arranjo sempre jeito

De me desculpar...
Eu lá na Penha agora sou "estifa"
Mas não vou como um "califa"
Que foi lá desacatar
Mas a força falha
Ele teve um triste fim
Agredido a navalha
Na porta de um botequim

Pra ver a minha santa Padroeira
Eu vou à Penha de qualquer maneira.

Faz hoje um mês que fui naquele morro
E a Juju pediu socorro
Lá da ribanceira
Toda machucada
Saturada de pancada
Que apanhou do seu mulato
Por contar boato
Meu coração bateu a toda pressa
E eu fiz uma promessa
Pra mulata não morrer...

Pela Padroeira
Ela foi bem contemplada
Levantou do chão curada
Saiu sambando fagueira!

Eu vou à Penha de qualquer maneira
Pois não é por brincadeira

Que se faz promessa
E... o tal mulato
Para não entrar na lenha
Fez comigo um contrato
Pra sumir da Penha
Quem faz acordo não tem inimigo
A mulata vai comigo
Carregando o violão
E com devoção
Junto à santa milagrosa
Vai cantar meu samba prosa
Numa primeira audição.

78. Os governadores dos estados brasileiros eram denominados "interventores federais" até 1934. Durante o Estado Novo também foi utilizada a nomenclatura e só a partir da Constituição de 1946 passaram a ser denominados "governadores". No início de 1931, o Interventor Federal do Rio de Janeiro era Plínio de Castro Casado. (N.O.)

79. Pseudônimo de Sebastião de Souza (N.A.)

80. O bairro da Penha fica na zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. (N.O.)

NOEL



Noel em pose que se tornou antológica.

Noel em pose que se tornou antológica

Capítulo 37

OPERETA INÉDITA

Entusiasmado com a fertilidade de Noel Rosa, na mesma ocasião Arnold Glückmann musicou a revista radiofônica “A Noiva do Condutor”, iniciada em 1935 e terminada em 1936. Composta de oito números originais, apresentava o aspecto integral de opereta, com as fórmulas clássicas, possuindo prelúdio e finaleta.

A NOIVA DO CONDUTOR

1º Ato

A cena se passa em Cascadura entre dois namorados: Helena e Joaquim. Joaquim se diz advogado, mas não quer ser apresentado ao Dr. Henrique — pai de Helena. Helena desconfia da sinceridade do amor de Joaquim e este canta a canção “Tudo pelo teu Amor”:

Helena, linda flor de Cascadura,
Escravo sou da tua formosura.
Por ti serei poeta e trovador,
Eu dou a vida pelo teu amor.
Helena, minha deusa encantadora,
Tu és a minha musa inspiradora.
Por ti serei mendigo e até ladrão,

Eu dou a vida por teu coração.

Helena,

Por que me maltratar assim?

Morena,

Juro pela falsidade das mulheres

Que faço tudo aquilo que quiseres.

Helena,

Anjo de candura.

Helena,

Flor de Cascadura

Por ti serei poeta e trovador

Eu dou a vida pelo teu amor.

O pai de Helena salta de um trem e surpreende o casal de namorados no portão de sua casa e canta a paródia do samba "Cansei de Implorar":

Já cansei de implorar

Pra você desguiar

Dizendo que a minha filha

Inda é muito moça para namorar

Meu Deus, que teimosia,

Desista de insistir

Na delegacia

Você vai residir.

Casar sem exhibir credenciais

E sem dizer o nome de seus pais

Não pode ser conversa para mim

Vá-se embora, por favor
Que sou doutor.

Quem casa sem ter casa não se cria,
Amor sem nota não tem mais valia
Você me diz que é advogado
De valor
Mas eu também sou doutor.

Helena diz a seu pai que é inútil desfeitear seu namorado, porque ela não se casará com outro. Joaquim canta nesse momento a valsa "Boas Tenções", pedindo ao Dr. Henrique a mão de Helena:

Saiba primeiro
Que o senhor não tem direito
De duvidar do meu amor.
Eu sou um rapaz bem educado.
Meu coração pulsando diz que sua filha
Vai ser comigo bem feliz, Vai ser comigo bem feliz,

Eu sou rapaz cuja família
Além do dote vai me dar mobília.

Agora espero que o senhor
Faça o favor
De não negar a bela mão
E o coração
De tua linda morena, Helena.
Já declarei minhas intenções
Foi o senhor quem assim quis,

Mas não terá desilusões,
Helena há de ser bem feliz.

O pai de Helena convence-se, afinal, e consente, certo de que é a verdade o que ele lhe diz. Os três cantam então a marcha "Para Bem de Todos Nós":

Foi para o bem de todos nós que consenti
Que o senhor namore Helena
E entre sempre aqui
Eu não gostava de namoro no portão
Porque em frente não existe lampião
Se os vizinhos virem vocês dois a sós
Vão escrever para os jornais
Falando mal de nós.

Agora que se dane a vizinhança
Porque não temos medo de lambança.
Quem quiser falar de nós, Bum!
Vá falar mal de seus avós, Bum!
O inventor da intriga é o diabo,
Macaco nunca olha pra seu rabo...
E dizemos a uma só voz, Bum!
Que ninguém bota rabo em nós.

2º Ato

A cena se passa num bonde. O Dr. Henrique vai com Helena procurar o escritório do advogado. Neste momento, o condutor do

bonde grita para os dois: — Faz Favor? — Helena canta para o pai a marcha “O Joaquim é Condutor”:

Veja, papai,
Veja, papai,
O Joaquim é condutor!

Quase que a cara me cai!
Estou mudando de cor.
Veja, papai.
Veja, papai,
O Joaquim não é doutor!
No bonde agora ele vai
Sempre a dizer, “faz favor”.

Ele se dizia advogado
Mas não passa de um descarado!
Vamos chamar um investigador
Para agarrar este falso doutor.

O Dr. Henrique volta com Helena para Cascadura. À noite, Joaquim vai procurar Helena e canta o foxtrot “Perdoa Este Pecador”:

Helena, meu bem,
Não tenho ninguém
Que goste de mim, de mim.
Eu sou condutor
Mas não há doutor
Que te ame assim, assim

Helena, peço por favor
Perdoa este pecador
Que tanto padeceu por ti
E volte bem humilde aqui
Se é boa
Por favor, perdoa.

Helena, peço por favor
Perdoa este condutor
Que é um pobre pecador
E sofre pelo teu amor
Helena,
Por favor, tem pena.

Aparece neste momento o pai de Helena, que a repreende. Joaquim pergunta se ele não o conhecia mais. O Dr. Henrique canta o samba "Tipo Zero":

Você é um tipo
Que não tem tipo
Com todo tipo você se parece

E sendo um tipo que assimila tanto tipo
Passou a ser um tipo que ninguém esquece.
Quando você penetra num salão
E se mistura com a multidão
Você se torna um tipo destacado
Desconfiado todo mundo fica
Que o seu tipo não se classifica
E você passa a ser um tipo desclassificado.

Eu até hoje nunca vi nenhum
Tipo vulgar tão fora do comum
Que fosse tipo tão observado
Você ficou agora convencido
Que seu tipo já está batido
Mas o seu tipo é o tipo do tipo esgotado.

Surge então o banqueiro Jota Barbosa procurando seu filho Joaquim que havia fugido de casa e se apresenta ao Dr. Henrique. Helena simpatiza com seu futuro sogro. O Dr. Henrique convida Jota Barbosa e Joaquim para entrarem e cantam a marcha final, "Tudo Nos Une e Nada nos Separa":

Todos sabem que a felicidade
Não depende da nossa vontade
Pra se realizar nosso ideal
Basta amizade e algum capital.

Discutir e brigar sempre não convém
Hoje tudo nos une tão bem
Não há mais quem consiga nos separar
Nós havemos de cantar.

Quem se reúne,
Quem se reúne,
Quer tomar chá ou conversar
Tudo nos une,
Não há quem nos possa separar
Tudo nos une.

Finaletto

Joaquim — Helena, linda flor de Cascadura
Escravo sou da tua formosura
Por ti serei poeta e trovador
Eu dou a vida pelo teu amor.

Helena — Meu belo condutor de Cascadura
Bancas te muitas vezes caradura
Por ti fujo da casa de meu pai
Eu vou casar contigo no Uruguai.
Bem que desconfiei de ti, sabido,
Mas, a meu pai, eu nunca dei ouvidos.

Henrique — Juro pelos níqueis que você matou,
Que não há pai mais mole do que eu sou.

Joaquim — Helena,
Anjo de candura
Helena,
Flor de Cascadura.

Helena — Eu fui a noiva de um condutor
Prefiro um bobo rico a um doutor.

Os Três — Barbosa é um grande milionário
Já sabe que nasceu pra ser otário
Faz tudo por seu filho Joaquim
No mundo não existe sogro assim

Nós vamos ter mobília primorosa
Oferta grandiosa do Barbosa
As joias ele vai nos dar depois
Por isso viva Deus e chova arroz.

VII

**AMORES E AMIGOS
DE NOEL**

Capítulo 38

HENRIQUE BRITO

Eatural do Rio Grande do Norte, irmão do inspirado poeta e Juiz Dr. Ábner de Brito, Henrique Brito fez seus estudos no Colégio Batista, no Rio, custeados pelo Dr. Antônio José de Melo e Souza, governador de seu Estado e que se abismara com o virtuosismo do menino tocando seu violão, num concerto realizado em 1920, no Teatro Carlos Gomes, de Natal, executando numa corda só as peças mais difíceis e variadas.

No Colégio Batista, Henrique Brito revelou de imediato não ter nenhuma queda para os estudos. Permanecia o dia inteiro abraçado a seu instrumento, fugindo o quanto possível das aulas, razão por que seus colegas o apelidaram simplesmente de “Violão”.

Esquisito e paradoxal aquele bom Henrique Brito. Moreno, forte, troncado mesmo, vivia em permanente movimentação, irrequieto, indiferente a cerimônias e etiquetas, exigindo, em qualquer lugar, que estivessem abertas todas as portas e janelas. Alegava constantemente falta de ar e falava de maneira peculiar, com frases telegráficas, repetidas com rapidez estonteante:

— Puxa. Não pode ser, não. Muito calor. Abre tudo. Abre tudo. Estou sufocado. Falta de ar. Falta de ar.

Ficou notória nos meios musicais a forma insuperável, sem se atrapalhar, sem mastigar uma sílaba sequer, com que pronunciava o nome completo da pianista Carolinacardosodemenezes.

Em certa ocasião, na velha Rádio Clube do Brasil, executava ele um programa de solos de violão. Desejando ouvir uma de suas músicas, liguei para a emissora a fim de que o chamassem, o que ocorreu. E o incrível e brevíssimo diálogo que travamos dá bem ideia da constante e surpreendente agitação daquele curioso espírito. O “pronto” com que me atendeu foi um simples fragmento de som. Ao ouvir sua voz, anunciei:

— Brito, quem fala aqui é o Almirante.

Sem perder um segundo, como se já tivéssemos dito tudo que deveríamos dizer, Brito retrucou sumariamente:

— Ah, Almirante? Sim? Até logo.

E bateu o telefone.

Era, infelizmente, inata aquela maneira irrefletida, que foi a causa da lamentável tragédia em que Henrique Brito se viu envolvido, pouco depois de sua chegada ao Rio, já estudante do Colégio Batista.

Aos domingos e feriados, os alunos daquele educandário realizavam excursões pelas matas do Trapicheiro, rio que nasce nas serras da Tijuca e que, com o tempo, impôs seu nome aos lugares antes tratados como Fábrica das Chitas⁸¹. Numa daquelas passeatas, um grupo de meninos descobriu, em plena floresta, uma cabana abandonada. Na natural curiosidade pelo achado, os alunos invadiram a casinhola e, no único compartimento de terra batida, um

deles bradou apontando para o chão:

— Olhem um revólver!

De fato, no canto viram uma velha arma, enferrujada, aparentemente imprestável. Mais ágil e sempre afoito, Henrique Brito, num relance, apossou-se do revólver e, incontintênti, sem raciocinar, encostou o cano à própria frente, anunciando:

— Vou me matar!— e puxou o gatilho.

Um estalido seco e nada sucedeu, felizmente. E, no mesmo impulso louco, irresponsável, apontou a arma para um colega de nome Jacob, que se encontrava a dois passos, avisando risonho:

— Vou matar você.

O tiro partiu à queima-roupa, estraçalhando o peito do menino, ante os olhares atônitos dos companheiros, testemunhas impotentes da cena aterradora.

A funesta ocorrência em nada modificou seu modo de agir. Sua inconsciência era natural e incontrolável. Pela vida afora continuou a agir de maneira impensada, com atitudes imprudentes, não se emendando jamais.

Uma tarde voltávamos de um almoço festivo no Saco de São Francisco⁸², em Niterói. Moças, rapazes, crianças, senhoras e senhores viajavam em pé, aglomerados num reboque, tipo misto, de um bonde da Cantareira. O teto muito baixo do carro fazia com que as lâmpadas elétricas ficassem à altura das cabeças dos passageiros mais altos. Notando que alguns comentavam a luz, Brito, pilheriando, sem nada avisar, arrebatou a bengala de alguém e com ela estourou uma das lâmpadas. Por milagre, nenhum dos

passageiros foi atingido pelos estilhaços de vidro. No entanto, a atitude de Henrique Brito poderia ter sido fatal para os olhos de quantos se apinhavam naquele bondinho.

Em 1932, quando o Brasil enviou a Los Angeles sua embaixada para participar dos Jogos Olímpicos, Henrique Brito seguiu no vapor Itaquicé como componente do conjunto musical Brazilian Olympic Band, sob a direção de Romeu Silva. Finda a temporada, no momento da partida, sob o pretexto de que esquecera o violão num bar das proximidades do cais, Henrique Brito desceu de bordo e não voltou. E por lá ficou cerca de um ano, misteriosamente, burlando a severa lei norte-americana e, mais misteriosamente ainda, mantendo-se em terra estranha, cuja língua nem "arranhava"...

De volta ao Rio, exibiu o primeiro violão elétrico que se conheceu por aqui⁸³, indiscutivelmente uma invenção sua. Desde 1929 mostrava-se insatisfeito com o pequeno som dos violões comuns. O advento do cinema falado deu-lhe a ideia de adaptar um amplificador ao seu instrumento, mas, apesar de sugerida a novidade a vários técnicos patrícios, nenhum lhe deu importância. Em sua permanência nos Estados Unidos, Brito, um dia, expôs sua ideia a um fabricante de instrumentos, na cidade de São Francisco. O industrial aproveitou-se da ideia, registrou-a e construiu o primeiro violão elétrico, dado de presente a Henrique Brito que, se tivesse a patente do instrumento, teria ganho rios de dinheiro.

Indiferente a todo e qualquer lucro pecuniário, Henrique Brito, longe de reivindicar a paternidade do invento, mostrou-se exultante em possuir o sonhado instrumento de grande volume de som.

Henrique Brito produziu boa quantidade de melodias editadas. Em

discos gravou solos de violão. Entre sua obra encontra-se uma linda valsa, homenagem a Eduardo Dale, com o título "Flor do Tempo"⁸⁴. Amigo fraternal e parceiro de Noel Rosa, em 1929 compôs a belíssima canção "Queixumes", gravada por Gastão Formenti no ano seguinte com o novo título de "Meu Sofrer"⁸⁵:

Sem estes teus tão lindos olhos,
Eu não seria um sofredor
Os meus ferinos abrolhos
Nasceram do nosso amor.
Eu hoje sou um trovador
E gosto até de assim penar,
Vou te dizer os meus queixumes
Ciúmes
Eu tenho do teu olhar.

Quero sempre te ver bem junto a mim,
Por que te esquivas, assim, coração
De uma paixão,
O teu olhar traz alegria
Mas também traz o amargor,
Sem ele então não viveria
Vida não há sem dor.

Henrique Brito gravou nas gravadoras Parlophon, Odeon, Brunswick e Victor, entre 1929 e 1931, com total de 27 melodias. Nasceu em Natal, Rio Grande do Norte, a 15 de julho de 1908, falecendo no Rio, a 11 de dezembro de 1935.

81.À época, uma fábrica de chita (tecido de algodão barato) instalou-se no entorno do que hoje é conhecido como Praça Saens Peña (N.O.)

82.Saco de São Francisco é um nome atribuído à enseada de São Francisco, bairro nobre localizado na cidade de Niterói. (N.O.)

83.O Globo, 14/06/1933. (N.A.)

84.Editores Viúva Guerreiro & Cia. (N.A.)

85.Brunswick – 10.120 (dezembro de 1930) – Gastão Formenti (N.A.)

Capítulo 39

MOTORISTAS

Noel Rosa teve contato e amizade com motoristas de praça. Cinco merecem ser registrados com fatos relacionados à sua vida pitoresca.

Serafim Vieira da Cunha desde cedo se tornou conhecido como Malhado, devido às inúmeras manchas na sua pele. Nasceu no Rio, a 25 de setembro de 1895. Em 1929 possuía seu Studebaker nº 6761.

Ao conhecê-lo, Noel logo observou a total ignorância de Malhado sobre episódios ligados a seus familiares e, em 1930, compôs a marcha "Dona Araci", com quadrinhas incluídas nos versos de carnaval:

Como vai o seu Malhado?
Seu marido em certidão
Inda está desconfiado
Que é lesado pelo irmão.

Como vai a sua filha
Que namora no portão?
Se a senhora não estrila
Quero uma apresentação.

Como vão as suas joias?

Tão bonitas, eu não nego,
Não passavam de pinoias
Davam dez tostões no prego

Que foi feito do Renato
Que malvado que troféu
Que pisava em meu sapato
E cuspia em meu chapéu?

Com sua ingenuidade, Malhado sonhava ser cantor. No entanto, não possuía a menor capacidade musical, sendo dolorosamente desafinado e sem ritmo. Supondo ser um êmulo de Chico Viola, exibia-se em serenatas de Cândido das Neves, Uriel Lourival e outros. Para acompanhá-lo nas ruas, Noel ajoelhava-se com a perna direita no chão, dobrando a outra e ali apoiando seu violão, enquanto realizava as mais atrevidas proezas musicais, solando os mais diferentes tons e acordes, incluindo trechos da “Cumparsita”, “Marselhesa”, “Meu Boi Morreu”, etc., com os ritmos mais exóticos. Companheiros que assistiam às cenas, com risotas, exaltavam o motorista que exclamava com felicidade:

— Esse Noel é o maior acompanhador do mundo! Com Noel eu canto o que quiser e se quiser posso ir ao Teatro Municipal, numa ópera.

Gozador, malicioso e irônico, Noel compôs uma seresta especial para o Malhado, de versos picantes e impudicos, com expressões que o motorista desconhecia. Seriadamente Noel as explicava, dando-

lhes significações falsas, aceitas de imediato pelo ingênuo, que cantava em voz alta:

Eu saí da tua alcova
Com prepúcio dolorido
Deixando o teu clitóris gotejante
Com volúpia emurchecido...

Em 1951, ao realizar uma série de programas radiofônicos, Malhado pessoalmente confirmou vários episódios de Noel Rosa.

Com 58 anos de idade, Malhado faleceu em Vila Isabel, à Rua Jorge Rudge, a 25 de julho de 1953.

José Sousa Pinto, sempre sorridente, teve o apelido de Alegria. Nasceu a 27 de maio de 1908. Interessado por serenatas, sendo bom cantor e possuindo seu Chevrolet, começou a acompanhar Noel e acabou conhecendo uma família residente na Rua Moju⁸⁶. Apaixonando-se por uma das jovens, a Marta Clara, Alegria passou a viver ali, onde, a 22 de outubro de 1931, nasceu seu filho, batizado como Noel.

Para o motorista, Noel Rosa compôs a canção sertaneja "Mardade de Cabocla":

No arraiá do Bom Jesus
A gente vê uma cruz,

Que chama logo atenção
Quem fincô foi Siá Chiquita,
A caboca mais bonita
Que pisou no meu sertão.

Essa moça era querida
Que por ela davam a vida
Os cabocos do rincão!...
Dois home se apaixonaram
E um dia quando se oiaram
Tiveram a mesma intenção.

Tendo duas violas... apostada
E também a namorada
Lá na festa do arraiá!...
Zé Simão indignou-se
Nos repentos intrapaiou-se
Perdeu pro Chico Ganzá

Perdendo a viola amada
E também a namorada
Não disse mais nada não!...
Com um punhá bem interrado
Prô riba do coração.

Também nessa mesma época, amigo inseparável foi Francisco

Valuche, funcionário de um ministério e motorista do carro particular do Dr. Salles Filho. À noite, levado por Noel e Alegria, palestrava com a família da Rua Moju, levando-a no automóvel a passeios pela Tijuca e Copacabana.

O violão do compositor era guardado diariamente na Rua Moju. Inúmeras vezes, no Dodge nº 8001, guiado por Valuche, alta noite, Noel batia na porta mansamente, com sinais combinados:

— Dona Iracema... Por favor. Dê-me a minha "ferramenta" porque eu tenho que ir para o meu "trabalho"...

Ferramenta: violão; trabalho: serenata...

Em certa noite, cerca de meia-noite, chovia a cântaros. Dirigia-me para minha casa e notei que na Praça Saens Peña havia somente um automóvel parado no ponto. Era um carro velho, com a capota de lona cheia de furos. Reconheci no volante o Valuche. Ouvindo os sons de um violão, aproximei-me. Acompanhado de três desconhecidos, lá estava Noel a cantar seus números, protegendo o pinho com um guarda-chuva aberto debaixo da capota.

Por volta de 1932, na Lapa, Inácio Jorge, motorista apelidado de Pará, servia a Noel, então interessado em Julinha. Participou de vários episódios, tendo assistido a uma quase tragédia que levou Noel, apavorado, a compor o samba "Cor de Cinza".

O motorista Álvaro Rodrigues Gouvêa, o Papagaio, em 1934 atendia a Noel na Lapa. Papagaio presenciou cenas de ciúmes que deram origem a "Dama do Cabaré".

86. Atualmente Rua Sebastião de Paula (N.A.)

Capítulo 40

AMORES DE NOEL ROSA

Quantos vultos femininos preocuparam a vida de Noel Rosa, ligados ou não às suas composições musicais?

Minha avó, Dona Margarida Vasconcelos de Paiva, era proprietária do número 56 da Rua Visconde de Abaeté, aonde, em 1921, eu comparecia todos os dias para visitar meus parentes. Duas casas adiante, no mesmo lado, conhecíamos o pai e a mãe de seis filhos cujos nomes relembro perfeitamente. Uma delas, de grande beleza e tratada como Santinha, era já apontada pelo povo da Vila Isabel como “menina levada”, pois saía sozinha pelas noites, regressando de madrugada. Com o tempo, tivemos a informação de que ela frequentava, na Rua Visconde de Itamarati, uma casa enigmática, agradável e deliciosa.

Desde cedo, com 16 anos, Noel Rosa iniciava suas experiências sexuais, e nessa época já arrastava as asas para Santinha, um tanto mais velha de idade, visitando a casa misteriosa, cujo endereço fornecia a todos os companheiros do bairro.

Mais tarde, já famoso criador de canções populares, Noel Rosa teve várias aventuras amorosas, que narrava com detalhes a seus amigos.

Em Porto Alegre caiu de amores por uma criatura de cabaré e,

triste pelo regresso ao Rio, compôs como despedida o belo samba "Até Amanhã".

Sem ser considerado bonito, cantando suas canções com o violão, criando sambas populares muito executados nas emissoras de rádio, Noel Rosa apaixonava-se instantaneamente por qualquer criatura que encontrasse nos cabarés e que admirasse suas músicas. Ao ficar vários dias em Vitória, teve grande xodó pela moreninha Isaura e, pela demora em voltar ao Rio, sua mãe viu-se forçada a ir retirá-lo pessoalmente da pensão em que vivia.

Desde a infância, Noel teve simples amizade por sua vizinha Clara, que trabalhava no Colégio Santa Rita, como auxiliar de Dona Marta. A amizade nasceu com a convivência, não tendo havido nunca afeto amoroso.

Na realidade, Noel teve três paixões demoradas: Fina, Julinha e Ceci, a mais profunda, para quem compôs a "Dama do Cabaré".

Sem o menor amor, Noel Rosa casou-se com Lindaura, que o acompanhou até seus derradeiros dias, como sua legítima esposa.

Capítulo 41

CLARA

A 12 de outubro de 1912, à Rua Teófilo Otoni, nasceu Clara, filha de Clara Souza Netto e do vidraceiro Serafim Corrêa Netto.

Com 15 anos, menina prendada, inteligente, já órfã, residia na Rua Teodoro da Silva e trabalhava defronte de sua casa, no Externato Santa Rita de Cássia, onde auxiliava Dona Rita e Dona Marta.

O contato direto entre Clara e Noel deu motivo a um namoro de crianças. Dona Marta anelava um casamento feliz para seu filho: ele médico e a esposa professora.

Em 1930, a família de Clara mudou-se para a Rua Barão do Bom Retiro nº 487. Ali, nos primeiros dias, Clara percebeu que existia uma concorrente à sua vida sentimental. Após o namoro, Noel despedia-se e, ao invés de seguir para a Rua Teodoro da Silva, visitava a Rua Moju.

Aos 18 anos, Clara, com sua superioridade moral, afastou-se completamente de Noel, dedicando-se somente aos seus trabalhos no colégio.

Assim terminou o namoro, mantendo-se apenas a amizade.

10 de novembro de 1931.

No Largo de São Francisco de Paula (episódio recordado por Graça Melo), Noel aguardava um bonde para Vila Isabel. Por acaso encontrou Clara com um bando de irmãos e irmãs menores. Sem o necessário para a passagem de todos, Noel resolveu o problema de maneira simples: pediu que Clara e seus irmãos aguardassem um instante e partiu imediatamente à casa de músicas Viúva Guerreiro⁸⁷, à Rua Sete de Setembro nº 169. Encontrou ali o pianista Jota Machado e propôs-lhe a venda de um de seus sambas:

— Que samba é este, Noel? — indagou Jota Machado.

— É meu, mas por enquanto só fiz os versos.

O pianista aceitou o negócio e, no mesmo instante, Noel “fabricou” os versos, assinando o recibo com estampilhas, de acordo com a lei. Recebeu a quantia combinada e partiu, pagando com aqueles 5 mil réis a passagem do bando. Jota Machado entregou à Columbia o samba “Que se Dane”, gravado pelo cantor Leonel Faria para o carnaval de 1932:

Vivo contente embora eu esteja na miséria

Que se dane

Que se dane

Com esta crise levo a vida na pilhéria

Que se dane

Que se dane.

Não amola, não amola

Não deixo o samba

Porque o samba me consola

Fui despejado em minha casa no Caju
Que se dane
Que se dane
O prestamista levou tudo e fiquei nu
Que se dane
Que se dane
Fui processado por andar na vadiagem
Que se dane
Que se dane
Mas me soltaram pelo meio da viagem
Que se dane
Que se dane.

Festa numa residência na Rua Conde de Bonfim, na Tijuca.

Com a chegada de Noel, cercado de amigos, houve um natural rebuliço de fãs, que desejavam ver e conhecer o já famoso compositor.

Clara achava-se presente com seu novo namorado, Jorge, estudante médico-veterinário militar. Ciumento, já informado de suas relações anteriores com Noel, evitava quaisquer palestras.

Na alegria de anunciar a presença do “filósofo do samba”, a dona da casa apresentava-o a todos os convidados, um a um. E coube a vez de Clara e Jorge. Constrangida com a inesperada situação, Clara, para evitar problemas, preferiu cumprimentar Noel formalmente:

— Prazer em conhecê-lo.

Noel compreendeu tudo e, sem fitá-la, respondeu-lhe secamente:

— O prazer foi todo meu.

Noel não se demorou na festa, e alegando qualquer compromisso, despediu-se. Em companhia do velho amigo Arnaldo Araújo, alfaiate, dirigiu-se ao Boulevard, sentando-se no Café Ponto Chic, ao lado da antiga Estação de Bondes, onde escreveu os versos de “Prazer em Conhecê-lo”, com melodia completada posteriormente por Custódio Mesquita:

Quantas vezes nós sorrimos sem vontade
E escondemos um rancor no coração
Por um simples dever de sociedade
No momento de uma apresentação.
Se eu soubesse que em tal festa te encontrava,
Não iria desmanchar o teu prazer,
Porque, se lá não fosse, eu não lembrava
Um passado que tanto nos fez sofrer.

Lá num canto vi o meu rival antigo,
Ex-amigo
Que aguardava o escândalo fatal;
Fiquei branco... amarelo... furta-cor,
De terror,

Sem achar uma ideia genial.
Ainda lembro que ficamos de repente,
Frente a frente,
Naquele instante, mais frios do que gelo;
Mas sorrindo, apertaste a minha mão
Dizendo, então:
- "Tenho muito prazer em conhecê-lo".

Eu notei que alguém, impaciente,
Descontente,
Ia, mais tarde, te repreender,
Ciumento que até nem quis saber
Que mais prazer
Eu teria em não te conhecer...

87.A Casa Viúva Guerreiro era ponto de encontro de músicos populares, fechou as portas em 1962. (N.O.)

Capítulo 42

FINA

Na Rua Moju nº 5, transversal da Barão do Bom Retiro, residia a viúva Luísa Campos, com as filhas Noêmia, Rosinha, Terezinha, Esmeralda e o filho Jaime, numa casa de muitos quartos, com porão e quintal. Noêmia mudou-se ao se casar com o turco Teodoro, tendo tido duas filhas, Josefina (Fina) e Noêmia (Bazinha). Com a morte da filha e o novo casamento de Teodoro, Luísa Campos pôs-se a criar as netas de 15 e 16 anos.

Em 1930, numa das visitas a Clara na Rua Barão do Bom Retiro, Noel Rosa conheceu as duas meninas, sendo logo convidado para noitadas na casa delas e passeios de madrugada a Copacabana e Barra da Tijuca, sempre em companhia dos motoristas Valuche e Alegria.

Ao receber um retratinho de Fina, Noel, apaixonado, criou o samba "Seu Riso de Criança":

Seu riso de criança
Que me enganou
Está num retratinho
Que eu guardo e não dou
Guardei sua aliança
Pra ter a lembrança

Do meu violão
Que você empenhou.

Em cada morro que passo
Um novo amor eu conheço
Cada paixão que eu esqueço
É mais um samba que eu faço.

Canto agora de passagem
Você ouve mas não vê
É a última homenagem
Que eu vou fazer a você.

Eu nascendo pobre e feio
Ia ser triste o meu fim,
Mas crescendo a bossa veio,
Deus, teve pena de mim

Em 1931, as duas irmãs viram-se obrigadas a trabalhar em serviços modestos. Bazinha arranhou emprego na Companhia América Fabril, na Rua Barão de Mesquita, e Fina, na Firma Hachiya Indústria e Comércio S.A., fábrica de botões, na mesma rua. Envergonhadas de seus humildes trabalhos, jamais mencionavam suas ocupações. Mas Noel, acreditando que Fina se empregara em fábrica de tecidos, compôs o famoso samba "Três Apitos":

Quando o apito
Da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos
Eu me lembro de você

Mas você anda
Sem dúvida bem zangada
E está interessada
Em fingir que não me vê.

Você que atende ao apito
De uma chaminé de barro
Porque não atende ao grito
tão aflito
Da buzina do meu carro.

Sou do sereno
Poeta muito soturno
Vou virar guarda-noturno
E você sabe por quê
Mas só não sabe
Que enquanto você faz pano
Faço junto ao piano
Estes versos pra você.

Você no inverno
Sem meias vai pro trabalho
Não faz fé com agasalho
Nem no frio você crê
Você é mesmo
Artigo que não se imita
Quando a fábrica apita
Faz reclame de você.

Mais tarde, sabendo, pela própria Fina, que o contramestre da

fábrica de botões, Jerônimo Feliciano da Encarnação, esforçava-se por conquistá-la com propostas amorosas, Noel acrescentou nova estrofe no samba:

Nos meus olhos você lê
Que eu sofro cruelmente
Com ciúmes do gerente
 impertinente
Que dá ordens a você.

Em certa ocasião, Dona Luísa se deu conta do desaparecimento de sua filha Terezinha. A transviada achava-se vivendo com um bicheiro num subúrbio. Noel Rosa e outros familiares da casa permaneceram horas na estação de Ramos⁸⁸, na esperança de encontrá-la nos trens da Central. O fato inspirou a Noel os versos de “Estátua da Paciência”, foxtrot com música do pianista Jerônimo Cabral:

Seu telegrama diz:
“Regressarei brevemente”
Mas o seu trem fatalmente
Chegar não quis
Não entendi, querida,
Por que seu trem não regressa
Amenizando depressa
A minha vida.

A quem acabar com a raça dos trens
Além dos meus parabéns
Eu darei como prêmio de consolação
O relógio e o prédio da estação.

Eu sou na estação
A Estátua da Paciência
E acabei sendo Agência
De informação

Já sei dos trens o horário
E até o itinerário
O nome dos maquinistas
E dos foguistas.

Totalmente inverídico que “Três Apitos” tenha tido origem na Fábrica Confiança de Vila Isabel.

Curioso fato ocorreu na fábrica de Vila Isabel, narrado, na época, por seu diretor, Sr. Jerônimo Ferreira Braga Neto. O gerente anterior, Manual Orosco, recebeu ali o tribuno Lopes Trovão, morador nas proximidades, que veio protestar energicamente contra os fortes apitos da chaminé da fábrica às 6 horas da manhã. Manuel Orosco, irritado com as palavras brutais de Lopes Trovão, pessoalmente, na manhã seguinte, fez soar o apito da chaminé várias e demoradas vezes, fora do ritmo habitual. Com o escândalo, nasceu no Rio o dito “E durma-se com um barulho deste...” aproveitado pelo pianista J. Garcia Cristo⁸⁹ para título de uma polca de grande popularidade durante anos.

88. Bairro localizado na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A estação de trem a que o autor faz referência foi inaugurada em 1888. (N.O.)

89. Arthur Napoleão, 4338. (N.A.)

Capítulo 43

JULINHA

Chamava-se Júlia Bernardes e era tratada de Julinha. Com o mesmo sobrenome de uma ilustre família mineira, disso se aproveitava afirmando ter com ela parentesco. Criatura elegante e de certa beleza, trazia os cabelos permanentemente tingidos, ora de preto, ora de um louro excessivamente oxigenado.

Em 1932 trabalhava em dancings na Lapa, vindo a conhecer Noel, que lhe dedicou intensa amizade. Residia na Penha, onde Noel inúmeras vezes pernitoou num barracão de uma favela.

A paixão por Julinha inspirou a Noel, inicialmente, o samba "Feitio de Oração", a primeira composição ligada ao melodista Vadico:

Quem acha vive se perdendo
Por isso agora vou me defendendo
Da dor tão cruel de uma saudade
Que por infelicidade
Meu pobre peito invade.

Batuque é um privilégio
Ninguém aprende samba no colégio
Sambar é chorar de alegria
É sorrir de nostalgia

Dentro da melodia.

Por isso agora
Lá na Penha eu vou mandar
Minha morena pra cantar

Com satisfação
E com harmonia
Esta triste melodia
Que é meu samba
Em feitiço de oração.

O samba na realidade
Não vem do morro nem lá da cidade
E quem suportar uma paixão
Saberá que o samba então
Nasce no coração.

A Penha, distante e de difícil acesso, tornava cansativas as visitas de Noel, que se viu obrigado a arranjar nova residência para Julinha, uma pensão nas proximidades da Rua do Riachuelo. Durante semanas os dois viveram em harmonia, mas Julinha descontrolava-se com os excessos de bebida. Surgiram brigas escandalosas, que Noel receava viessem a ser divulgadas em jornais sensacionalistas. A maneira irregular de Julinha amargurava Noel. Daí a criação do samba "Vai para Casa Depressa", com melodia de Francisco Matoso:

Vai para casa depressa
Vai prevenir teu senhor
Que vim cumprir a promessa

Que fiz, de possuir teu amor.
Não quero ser um covarde
Volta pra teu barracão
Antes que seja bem tarde
Para salvarmos nossa reputação.

Se a mulher desequilibra
Dois malandros que têm fibra
Só há uma solução:
Para que brigar à toa?
Vou tirar cara ou coroa,
Com um níquel de tostão.

Se não bastar tirar a sorte
E o amor fala mais forte
Sou o dono da questão,
Para o teu antigo dono
Tu vais dar teu abandono
Dando a mim teu coração.

Em 1933, dançarina do Cabaré Flórida⁹⁰, após uma desagradável cena, Julinha, completamente alcoolizada, atirou-se num pequeno riacho no Passeio Público⁹¹. De outra vez, com atitudes ridículas, quebrou o violão de Noel. E, numa noite, levada à sua pensão, no automóvel de Pará, durante o trajeto, Julinha discutiu sem cessar, aos gritos, irritada e embriagada. Ao parar o carro, com impropérios, bateu a porta violentamente, sem admitir explicações. A 29 de junho, Pará percorreu os pontos em que Noel poderia ser encontrado. Achava-se no Café Nice, despreocupado, palestrando

com amigos; às onze da noite, o motorista chamou-o reservadamente e deu-lhe esta informação que tornou Noel pálido e impressionado:

— Julinha foi levada pro Pronto-Socorro. Quis se matar...

Apavorado, Noel pediu-lhe que o levasse ao Pronto-Socorro, a fim de que o Pará tomasse todas as informações possíveis. Lá chegando, Noel, nervoso, sem saltar do veículo, aguardou a volta do motorista, que tudo esclareceu:

— Não houve nada. Ela tomou um veneno qualquer, mas não morreu com isso. Era bebedeira...

Na mesma noite Noel Rosa atuara num programa da Rádio Guanabara, na Rua 1º de Março. Saindo da Rádio com a cantora Yolanda Rhodes (Yola), pegou um táxi e ofereceu-se para levá-la à sua residência, na Cinelândia. Na poltrona do carro a cantora esqueceu uma luva cinzenta, que Noel guardou no bolso. No dia seguinte registrou o falso suicídio de Julinha, compondo o samba “Cor de Cinza”:

Com seu aparecimento
Todo o céu ficou cinzento
E São Pedro, zangado;
Depois um carro de praça
Partiu e fez fumaça
Com destino ignorado.

Não durou muito a chuva
E eu achei uma luva
Depois que ela desceu

A luva é um documento
Com que provo o esquecimento
Daquela que me esqueceu.

Ao ver um carro cinzento
Com a cruz do sofrimento
Bem vermelha na porta,
Fugi impressionado
Sem ter perguntado
Se ela estava viva ou morta.

A poeira cinzenta
De dúvida me atormenta,
Nem sei se ela morreu
A luva é um documento
De pelica e bem cinzento
Que lembra quem me esqueceu.

De fato, Noel teve por Julinha um intenso amor, que lhe inspirou mais dois lindos sambas de sucesso. O primeiro chamava-se "Pra Esquecer":

Naquele tempo
Em que você era pobre
Eu vivia como nobre
A gastar meu vil metal
E por minha vontade
Você foi para a cidade
Esquecendo a solidão
E da miséria daquele barracão.

Tudo passou tão depressa
Fiquei sem nada de meu
E esquecendo a promessa
Você me esqueceu
E partiu com o primeiro
Que apareceu
Não querendo ser pobre como eu.
E hoje em dia
Quando por mim você passa
Bebo mais uma cachaça
Com meu último tostão
Pra esquecer a desgraça
Tiro mais uma fumaça
Do cigarro que eu filei
De um ex amigo que outrora sustentei.

E o segundo, o extraordinário "Meu Barracão", marcou de maneira indiscutível as referências à Penha:

Faz hoje quase um ano
Que eu não vou visitar
Meu barracão lá na Penha
Que me faz sofrer e até mesmo chorar
Por lembrar a alegria
Com que eu sentia
O forte laço de amor
Que nos prendia.

Não há quem tenha

Mais saudades lá da Penha
Do que eu, juro que não,
Não há quem possa
Me fazer perder a bossa
Só a saudade do barracão.

Mas veio lá da Penha
Hoje uma pessoa
Que trouxe uma noticia do meu barracão
Que não foi nada boa
Já cansado de esperar
Saiu do lugar
Eu desconfio
Que ele foi me procurar.

90.O Cabaré Flórida foi derrubado para o alargamento da Av. Beira Mar, iniciado nos anos 50.(N.O.)

91.Parque localizado no bairro da Lapa, inaugurado no século XVIII. (N.O.)

Capítulo 44

CECI

Em junho de 1934, o Cabaré Apolo, na Lapa, engalanou-se para homenagear Noel Rosa, devido aos marcantes sucessos de suas produções musicais. Era véspera de São João e a presença do compositor constituiu uma das atrações que a casa prometia para aquela noite.

À sua chegada, Noel foi alvo de ruidosas manifestações. Sua atenção desviou-se para certa figura mignon, cabelos castanhos, de modos recatados, que contrastavam com aquele ambiente festivo.

A jovem nascera em Campos, a 16 de maio de 1918, e chamava-se Juracy Correia de Moraes, que todos conheciam simplesmente por Ceci.

Formosa e acessível, era uma das dançarinas mais requestadas do Apolo. Noel também se deixou impressionar, e dela não mais se afastou desde aquele instante. Acompanhou-a à saída e, no carro de Papagaio, conduziu-a à Rua Barão de São Félix, para a casa em que residia com uma tia.

Ceci mantinha-se como dançarina e Noel sofria ao vê-la cumprir sua obrigação, abraçada a uns e outros, volteando a noite inteira, ouvindo galanteios e inconveniências. Para não vê-la no dancing, Noel demorava-se pelos cafés e esquinas da Lapa até o Apolo cerrar

suas portas.

Não tardou, porém, que o ciúme ferisse o coração de Noel, sempre incrédulo às explicações de Ceci sobre seu trabalho e suas naturais ausências. Daí nasceu o samba "Pra Que Mentir?", de parceria com Vadico, gravado anos depois:

Pra que mentir?
Se tu ainda não tens esse dom
De saber iludir?
Pra quê? Pra que mentir?
Se não há necessidade de me trair?
Pra que mentir?
Se tu ainda não tens
A malícia de toda a mulher?
Pra mentir?
Se eu sei que gostas de outro,
Que te quis
Que não te quer.
Pra mentir tanto assim
Se tu sabes que eu já sei
Que tu não gostas de mim?
Tu sabes que eu já sei
Que tu não gostas de mim?
Tu sabes que eu te quero,
Apesar de ser traído
Pelo teu ódio sincero,
Ou por teu amor fingido?

Diariamente Noel discutia com a sua amada, mas sempre fazia as

pazes no final. E de suas brigas resultavam novas composições, como o samba "O Maior Castigo Que Eu Te Dou":

O maior castigo que eu te dou
É não te bater
Pois sei que gostas de apanhar
Não há ninguém mais calmo do que eu sou
Nem há maior prazer
De que te ver me provocar

Não dar importância
A tua implicância
Muito pouco me custou
Eu vou cantar em versos
Os teus instintos perversos
É esse mais um castigo que eu te dou.

A porta sem tranca
Te da carta branca
Para ir onde eu não vou
Eu juro que desejo
Fugir do teu falso beijo
É esse o maior castigo que eu te dou.

Naquele ano Noel esforçou-se ao máximo, compondo e participando de espetáculos em cinemas ou teatros, a fim de aumentar suas rendas e manter as despesas do seu chalé. Entretanto, o pequeno colégio de Dona Marta esfacelava-se aos poucos e seu pai encontrava-se na iminência de ser recolhido a uma clínica na Gávea. Como se tudo isso não bastasse, o Dr. Edgar Graça

Melo impôs que Noel mudasse de clima, pois seu pulmão poderia ser fulminado. E ele seguiu para Belo Horizonte.

Num certo dia de março de 1935, Ceci recebeu a triste notícia de que Noel achava-se à morte em Minas. Rumou então para a Rua Teodoro da Silva, à noite, sendo atendida por Dona Marta, que lhe disse palavras consoladoras:

— Graças a Deus, Noel está muito bem. Está gordo, rosado, e até sábado chegará no Rio. Com certeza, vai voltar a cantar no rádio, no domingo.

Realmente Noel regressou de Belo Horizonte e Dona Marta lhe informou:

— Esteve aqui uma senhora que eu não conheço procurando você.

— Como era ela?

— Era bonita, muito bem vestida, elegante, de chapéu. Com certeza era uma fã sua. Mostrou-se muito satisfeita quando disse que você está muito bem.

Noel adivinhou tudo. Era Ceci. Sem demora compôs alguns versos e a melodia inicial de um samba, completado no dia seguinte pelo pianista Vadico. E no Programa Suburbano, na Rádio Guanabara, a certa altura, o locutor Allan Xavier de Souza anunciou na sua forma retumbante:

— Noel Rosa acaba de regressar de Belo Horizonte e criou uma nova série de sambas, de abafar! Em primeiro lugar, apresentará um

samba seu, fresquinho, tirado há poucas horas do forno. Chama-se "Ilustre Visita", versos seus com melodia completada por Vadico.

Noel, porém, preferiu mudar o título para "Só Pode Ser Você". Seus versos, registrando a presença de Ceci no seu chalé, traduziam as impressões de Dona Marta, que, apesar de ironias como "ilustra visita", admirara as maneiras distintas e a elegância da dama, trajada a cetim e de chapéu:

Compreendi seu gesto
Você entrou
Naquele meu chalé modesto
Porque pretendia
Somente saber
Qual era o dia
Em que eu deixaria de viver
Mas eu estava fora,
Você mandou lembranças
E foi logo embora
Sem dizer qual
O primeiro nome
Da tal visita
Mais cruel
Mais bonita
Que sincera.
E pelas informações que recebi
Já vi
Que essa ilustre visita era você
Porque

Não existe nessa vida
Pessoa mais fingida
Do que você.

Meses depois, em maio, Noel sofreu grande choque emocional, com a morte de seu pai, em circunstâncias trágicas, jamais revelando o fato a ninguém, nem mesmo a seus companheiros mais íntimos. Desorientou-se por completo, passando a ter como único consolo a bebida, e entregando-se inteiramente a Ceci, seu grande amor.

No início de 1936, convidado para produzir o filme Cidade Mulher, de Carmem Santos, Noel lançou seis músicas inéditas. Toda a noite acompanhava as filmagens realizadas no Cassino Beira-Mar. De madrugada, terminadas as funções nos cabarés, aguardava Ceci, conduzindo-a para assistir a várias tomadas de cenas.

Nos fins de novembro, o próprio Noel gravou seus últimos sambas referentes aos amores de Ceci. "Quantos Beijos", de parceria com Vadico, melodia de grande beleza, mas prejudicada pela rapidez da execução no disco:

Quantos beijos
Quando eu saia,
Meu Deus, quanta hipocrisia!
Meu amor fiel você traia
Só eu é que não sabia,
Ai, ai, meu Deus, mas...

Não andava com dinheiro todo dia
Para sempre dar o que você queria

Mas quando eu satisfazia os meus desejos
Quantas juras... quantos beijos.

Não esqueço aquelas frases sem sentido
Que você dizia sempre ao meu ouvido
Você porém mentia em todos os ensejos
Quantas juras... quantos beijos...

E o samba "Quem Ri Melhor", criação exclusiva de Noel, com versos sarcásticos, tentando dar provas falsas de um amor esquecido:

Pobre de quem
Já sofreu neste mundo
A dor de um amor profundo...
Eu vivo bem sem amor a ninguém...
Ser infeliz é sofrer por alguém...
Zombo de quem sofre assim:
Quem me fez chorar, hoje chora por mim
Quem ri melhor é quem ri no fim.

Felicidade
É o vil metal quem dá,
Honestidade
Ninguém sabe onde está,
Acaba mal quem é ruim
Pois quem me fez chorar
Hoje chora por mim:
Quem ri melhor é quem ri no fim.

Sabendo disso

Eu não quero rir primeiro
Pois o feitiço
Vira contra o feiticeiro...
Eu vivo bem pensando assim
Pois quem me fez chorar
Hoje chora por mim:
Quem ri melhor é quem ri no fim.

A 11 de dezembro de 1936, ao completar 25 anos de idade, Noel Rosa convidou Ceci para uma ceia na Taberna da Glória. Nessa época ela trabalhava na Caverna, dancing que funcionava no sótão do Cassino Beira-Mar. Febril, tomando cervejas geladas, sempre a repetir ironias amargas, mostrava-se totalmente desinteressado da própria vida.

Seu estado se agravava e dias depois teve um abscesso na boca, rasgado pelo dentista Bruno de Moraes, numa operação que o fez sofrer atrozmente. Além do mais, por exigência do Dr. Edgar Graça Melo, viu-se obrigado a mudar de ares, partindo em fevereiro com destino a Friburgo.

De volta ao Rio, procurou Ceci na sua pensão e tristemente lhe entregou os versos de um recém composto samba, "Último Desejo", seu testamento musical, em que relatava as tristezas de sua maior paixão:

Nosso amor que eu não esqueço,
E que teve seu começo
Numa festa de São João
Morre hoje sem foguete,

Sem retrato... sem bilhete...
Sem luar... sem violão...
Perto de você me calo
Tudo penso... nada falo...
Tenho medo de chorar.
Nunca mais quero o seu beijo
Mas meu último desejo
Você não pode negar.

Se alguma pessoa amiga
Pedir que você lhe diga
Se você me quer ou não,
Diga que você me adora,
Que você lamenta e chora
A nossa separação.
Às pessoas que eu detesto
Diga sempre que eu não presto
Que o meu lar é um botequim ...
Que eu atrasei sua vida
Que eu não mereço a comida
Que você pagou pra mim

Dias depois, pela madrugada, Ceci encontrou-se com Hélio, irmão de Noel, e um primo deles, sendo convidada a cear. Conversando sobre a situação do doente, a certa altura, inopinadamente, o primo ofendeu-a brutalmente, atirando-lhe ao rosto um copo de cerveja e tachando-a de culpada da moléstia do compositor. Dias depois, Noel procurou-a, pedindo-lhe desculpas pelo ato impensado de seu primo.

Foi a última vez que Ceci viu Noel Rosa.



Ceci em 1934



Ceci em 1967.

Ceci em 1967



Josefina Teles Nunes (Fina) em 1930.

Josefina Teles Nunes (Fina) em 1930



Foto do casamento de Noel e Lindaura (1934).

Foto do casamento de Noel e Lindaura (1934)

Capítulo 45

CASAMENTO E OS ÚLTIMOS DIAS

Em 1933, em Vila Isabel, Noel Rosa conheceu a sergipana Lindaura Martins. Veio para o Rio em 1924, junto com os pais, José Martins Neves e Olindina Pereira Motta, e o irmão Zeca, indo todos residir numa vila à Rua Maxwell nº 74, na Aldeia Campista. O casal empregou-se nas fábricas Botafogo e Confiança, Zeca em vários trabalhos e Lindaura na Lavanderia Cooperativa, na mesma rua em que morava.

Com um casamento repentino, Noel e Lindaura foram morar em diversos lugares, terminando no chalé da Rua Teodoro da Silva, com Dona Marta e seu marido. Não sabendo controlar as despesas domésticas, inexperiente que era dos problemas de um lar, Lindaura aventou a possibilidade de voltar a trabalhar. Como protesto, Noel, de forma humorística, compôs o samba "Você Vai Se Quiser":

Você vai se quiser...
Você vai se quiser...
Pois a mulher
Não se deve obrigar
A trabalhar,
Mas não vá dizer depois
Que você não tem vestido

E o jantar não dá pra dois.

Todo cargo masculino
Seja grande ou pequenino
Hoje em dia é pra mulher...
E, por causa dos palhaços,
Ela esquece que tem braços:
Nem cozinhar ela quer...

Os direitos são iguais...
Mas até nos tribunais,
A mulher faz o que quer...
Cada qual que cave o seu
Pois o homem já nasceu
Dando a costela à mulher.

Sem filhos, Noel Rosa continuou sua vida desregrada, em permanente boêmia, até às madrugadas, alimentando-se mal devido à posição de sua dentadura, que dificultava a mastigação. Enfraquecendo-se demais e com os pulmões já comprometidos, teve que seguir para Belo Horizonte, lá ficando vários meses na casa de parentes.

Ao regressar ao Rio, continuou a levar a mesma vida descontrolada. Apareceu-lhe, então, uma fístula num dente, que provocou um abscesso na face esquerda, obrigando-o a submeter-se a uma dolorosa operação.

Muito abatido, mais uma vez necessitou da colaboração de seus companheiros e amigos do Programa Casé, na Rádio Transmissora, além da ajuda de seu grande amigo, Oscar Menezes Pamplona,

proprietário da famosa casa de louças e ferragens O Dragão. Em companhia de Lindaura, em janeiro de 1937, Noel partiu para Friburgo, na esperança de se recuperar naquele clima serrano. Logo nos primeiros dias enviou cartas ao Rio, uma delas, embora de seu próprio punho, era redigida como se fosse da mulher.

Minha boa mãezinha,

Chegamos bem.

Estou levantando cedo e tenho tido fome na hora das refeições. O Noel também tem comido bem. Hoje eu passei com o Noel de automóvel para conhecer a cidade. De tarde eu andei de bicicleta. E o Zeca? Já saiu da Empresa? Seu Thomé tem usado a cartolinha?

Nosso hotel é muito bom mas também é um pouco caro. Tivemos que aguentar com os preços porque os outros hotéis estão cheios. Estamos pagando 24\$000 por dia porque pagamos dez dias adiantados. O dono do hotel tinha pedido 30\$000, mas o Noel resolveu fazer como falei, isto é, pagar adiantado.

Aqui é muito fresco. Não faz calor como aí no Rio. O Noel tem passado muito bem: não tem tosse nem falta de ar.

Hoje nós compramos um mamão grande por 300 réis. As verduras e as frutas aqui são muito baratas. Brevemente escreverei dando mais notícias.

Dê um abraço no seu Thomé e no Zeca. Aceite um beijo de sua filha, Linda.

N. B. O Noel manda muitas lembranças para a Sr^a, Seu Thomé e para o Zeca.

E para minha residência em Vila Isabel enviou um comovido bilhete, nestes termos:

Tenho pena daqueles que estou incomodando com a minha merecida moléstia. Confesso que não sei agradecer tanta bondade. Era mais negócio vocês me deixarem morrer, como eu mereço. Não quero mais amolar.

E em post scriptum, um desabafo contra o total isolamento:

P.S. - Há muito tempo que não escrevo. Isto basta para você perdoar os garranchos. Qualquer dia não saberei mais falar...

Após uns vinte dias de estada em Friburgo, vítima de um doloroso reumatismo provocado pelo frio, viu-se obrigado a retornar ao Rio.

De sua casa raramente saía. Repousava numa espreguiçadeira, cercado de almofadas. No domingo de carnaval, deu um passeio até a Avenida Rio Branco, regressando cansado, sem ânimo.

Na segunda quinzena de abril, a conselho de parentes e amigos, mais uma vez Noel saiu do Rio em busca de descanso e de ares mais saudáveis. Indicaram a cidade de Piraí, positivamente o lugar menos apropriado para o seu caso. Hospedou-se num pequeno hotel, onde permanecia estirado numa cadeira de verga.

Num bloco de papel de cartas, carimbado com a indicação "Remetente Noel Rosa", escrevia versos. Esboçou duas produções, sob o título "Mas Quem Ihe Deu Tudo Isso?", samba considerado incompleto:

Antigamente tu moravas num cortiço
Pra pagar o prestamista fazias um rebuliço
(Ela) Tu não tens nada com isso!
Hoje tu tens palacete e avião
Mas quem te deu tudo isso?

Mas diga aqui entre nós
Quem foi que te deu tudo isso?

Tu só comias farinha com chouriço
Não tinhas um dente postiço
(Ela) Tu não tens nada com isso!
Já tens uma dentadura toda de ouro maciço
Mas... quem te deu tudo isso?

Aproveitando versos de outras emboladas de sua autoria, escreveu a embolada "Chuva de Vento", cuja letra me enviou, datando-a de 29/04/1937 — cinco dias antes de sua morte — na esperança de que eu a gravasse em discos, o que jamais ocorreu:

Chuva de vento
É quando o vento dá na chuva
O sol com chuva - céu cinzento
Casamento de viúva.

Zeca Secura
Da fazenda do Anzol
Quando chove não vê sol
Vai comprar feijão no centro
Bebe dez litros

De cachaça em meia hora
Pra aguenta chuva por fora
Tem que se molhar por dentro.

Vento danado
É aquele lá de Minas
Sopra em cima das meninas
Diverte a população
Até os velhos
Vão correndo pras janelas
Para ver se alguma delas
Já usa combinação.

Fez sol com chuva
Uma viúva lá da Penha
Disse que não há quem tenha
Tanto pretendente junto
Mas um por um
Dos pretendentes é otário
Pois o vencedor do páreo
Ganha resto de defunto.

Quem nunca viu
Chuva de vento à fantasia
Vá em Caxambu de dia
Domingo de carnaval
Chuva de vento
Só essa de Caxambu
Domingo chove pra chuchu

E venta água mineral.

Um Zé Pau d'Água

Tem um amigo parasita

Não trabalha e sempre grita

Viva Deus e chove arroz

Gritando assim

Do seu povo ele se vinga

Viva Deus e chova pinga

Que o arroz nasce depois.

Chuva de vento

Muita gente desconfia

Dessa chuva fantasia

Que eu vi em Caxambu

Se o espanhol

Contar a dele não me ganha

Vai dizer que na Espanha

Chove bala pra chuchu.

Num luminoso e fresco sábado, dia 1º de maio, Noel, animado pelo aspecto daquela manhã, resolveu visitar a represa do Ribeirão das Lajes, nas proximidades de Piraí. Durante o passeio, em companhia da esposa, bem agasalhado, sentiu vários arrepios provocados pelas rajadas de vento frio, à beira dos imensos reservatórios d'água. Ao regressar, no bondinho, os arrepios aumentaram, sobrevindo a febre. No hotel, foi acometido de forte hemoptise. Lindaura, sobressaltada, apressou a volta e, no dia seguinte, ambos se achavam em casa, no Rio. O estado de Noel era crítico, gravíssimo.

No dia 4, na Rua Teodoro da Silva nº 385, festejava-se o aniversário de Dona Emília, esposa do violonista Vicente Gagliano, apelidado de Sabonete, pois no princípio de sua vida negociara com perfumarias. Pela noite adentro, ouvia-se o conjunto do Heitor, que, entre diversos números populares, não deixava de executar as músicas de Noel.

À tarde, o enfermo caíra em completa prostração, mal dando acordo de si. Dr. Graça Melo, Dr. Renato Batista, sua filha Marília e Orestes Barbosa permaneceram ao seu lado alguns momentos.

Por volta das 21h30m, enquanto Dona Marta e Lindaura, no portão, se despediam de amigos da família, seu irmão Hélio, vigilante à cabeceira, notou que o doente abria os olhos, esgazeadamente. Parecia querer dizer algo. E como Hélio lhe indagasse o que sentia, Noel respondeu em voz quase imperceptível:

— Estou me sentindo mal. Quero virar para o outro lado...

O irmão o ajudou. Ao fazer um movimento, a mão de Noel se estendeu para a mesinha de cabeceira, em cujo tampo, como que obedecendo a um tique nervoso, ficou batendo pancadas surdas, ritmadas, esmorecendo, ralentando. Por fim, a mão de Noel ficou imóvel.

Estava morto o maior compositor de samba do Brasil.

Incontinênti cessou a festinha de aniversário na casa de Vicente Sabonete. Uma meia hora depois de sua morte, chegaram à casa de

Noel Araci de Almeida e Benedito Lacerda. Compareciam para lhe dar a alegre notícia de que o samba “Eu Sei Sofrer” fora gravado por ambos e levavam ao chalé a prova da Victor:

Quem é que já sofreu mais do que eu,
Quem é que já me viu chorar?
Sofrer foi o prazer que Deus me deu,
Eu sei sofrer sem reclamar.

Quem sofreu mais do que eu não nasceu,
Com certeza Deus já me esqueceu.
Mesmo assim cansei de viver,
Em nada encontro prazer.
Saber sofrer é uma arte

E pondo a modéstia de parte,
Eu posso dizer que sei sofrer.
Quanta gente que nunca sofreu,
Sem sentir, muitos prantos verteu.
Já fui amado e enganado
Senti quando fui desprezado.
Ninguém padeceu mais do que eu.

No dia seguinte, na aglomeração que se verificou na pequena residência do compositor, deu-se um fato deplorável: Dona Marta recebeu uma doação de 400 mil réis da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, destinada a custear os funerais de Noel. Aturdida com a morte do filho, atirou a quantia numa gaveta, de onde foi furtada instantes depois.

O féretro, conduzido pelo povo até o cemitério de São Francisco Xavier, seguiu pela Rua Souza Franco e pela Avenida 28 de Setembro. Defronte da Igreja de Nossa Senhora de Lourdes, onde Noel se batizara, o cortejo parou um minuto, como seu último adeus a Vila Isabel, recebendo as bênçãos de Deus, antes de atravessar os umbrais da eternidade. Seus companheiros apelaram para que o féretro entrasse no templo como derradeira despedida. A isso, porém, se opuseram os religiosos.

Um túmulo humilde e esquecido guardava, no cemitério do Caju, os restos da glória da música popular brasileira.

Após a morte de Noel, seus amigos, à frente dos quais Orestes Barbosa e Nássara, encetaram um movimento no intuito de imortalizar sua figura, num logradouro público de Vila Isabel. A ideia recebeu as mais entusiásticas adesões do meio musical e, poucos meses depois, a Praça Tobias Barreto, em Vila Isabel, ostentava, num monumento, o perfil inconfundível do sambista e o instrumento que tanto o auxiliara a compor as endechas com que exaltava o seu bairro e a música popular.

Mais tarde, em 1946, sua herma foi transferida para a Praça Barão de Drummond, onde permanece até hoje, alvo da curiosidade de quantos relembram sua obra, que expressou, em sua modéstia, a linguagem sincera dos sambas⁹².

Completando 50 anos de seu nascimento — 11 de dezembro de 1960 — por iniciativa da Associação Atlética Vila Isabel, foi inaugurado seu mausoléu, próximo ao portão principal do Cemitério São Francisco Xavier, no Caju: seu rosto de perfil e um violão de cordas partidas com as datas do nascimento e da morte — esta

erroneamente registrada como dia 5, em vez de 4 de maio de 1937 —, e com a quadrinha do samba “Silêncio de Um Minuto”, composto em 1935:

Não te vejo, nem te escuto,
O meu samba está de luto,
Eu peço o silêncio de um minuto...
Homenagem à história
De um amor cheio de glória.

Nosso amor cheio de glória
De prazer e de ilusão
Foi vencido e a vitória
Cabe à tua ingratidão.

Luto preto é vaidade
Neste funeral de amor,
O meu luto é saudade
E saudade não tem cor!

E a 24 de setembro de 1962, por iniciativa do Governador Carlos Lacerda, em terreno do antigo Jardim Zoológico, à Rua Barão do Bom Retiro, a Fundação Otávio Mangabeira inaugurou a Escola Noel Rosa.

E o extraordinário compositor de Vila Isabel será imortalizado no túnel que levará o seu nome: o Túnel Noel Rosa⁹³.



Inauguração da estátua de Noel Rosa. Aparecem, entre outros: Marília Batista, Almirante, Silvino Neto, Oduvaldo Cozzi, Cristóvão Alencar, Carlos Mota, Amélio de Andrade, Orlando Silva e Lamatirne Babo.

93. Inaugurado na década de 1970, o Túnel Noel Rosa liga os bairros de Vila Isabel e Riachuelo. (N.O.)

Minha boa Mãezinha.
Chegamos bem.
Estou levantando cedo e tenho
tido fome na hora das refeições.
O Noël também tem comido
muito bem.
Hoje eu passei com o Noël
de automóvel para conhecer
a cidade.
De tarde, eu andei de bicy-
cleta.
E o Thera? Já saiu da
Empresa?
Sen Thomé tem usado a
sartolinha?
Nosso Hotel é muito bom
mas também é um pouco
caro. Tivemos que aguentar
com o preço porque os outros
Hotéis estão cheios.
Estamos pagando 24\$000
por dia porque pagamos
dez dias adiantado. O dono
do Hotel tinha pedido 30\$000
mas o Noël resolveu fazer como
falei, isto é pagar adiantado.

Fac-símile da carta de Lindaura à mãe, na verdade escrita por Noel.

Fac-símile da carta de Lindaura à mãe, na verdade escrita por Noel.

Aqui é muito fresco. Não
faz calor como aqui no Rio.
O Noël tem passado muito
bem; não tem tosse nem
falta de ar.

Hoje nós compramos um
mãeão grande por 300 reis.
As verduras e as frutas
aqui, são muito baratas.
Brevemente escreverei
dando mais notícias.

Dê um abraço ao Seu Thomé
e ao Kica.

Accete um beijo da sua
filha
Linda

N.B. - O Noël manda muitas
lembranças para a Sra, Seu
Thomé e para o Kica.

ÚLTIMOS DIAS

Chuva de Vento
Embarca de São Paulo
29-9-9

Quem nunca viu
Chuva de vento à fantasia
Vá em Carambú, de dia,
Domingo de Carnaval
Chuva de vento,
São João de Carambú!
Domingo cheie suspi
E a mente água mineral!
Um bom dia
Que está me suando desconfia
Chuva chuva à fantasia
Que alça Carambú
E o Carambú
Que se mantenha não me apanta
Garantia que lá na Hespanha
E a bola pra suspi!

Chuva de vento
E que se o vento dá na chuva
E a chuva - Carambú
Carambú de chuva.

CHUVA DE VENTO

"Chuva de vento". Manuscrito datado de cinco dias antes da morte de Noel.

"Chuva de Vento": Manuscrito datado cinco dias antes da morte de Noel.



DR. MARCELINO RODRIGUES MACHADO

Serventurário vitalício do 1.º Ofício de Escrivão da 5.ª Pretoria Cível e Oficial do Registro Civil da Freguesia do Engenho Velho, na Capital da República dos Estados Unidos do Brasil.

CERTIFICO que da livro n.º 177 de registro de óbitos dessa Pretoria consta a
rubrica 930^{va} sob o n.º 1667 o óbito de Noel de Medeiros Rosa

Partido em quatro de flais de mil e novecentos e
trinta e sete de No. 30 nome
nimo de Leonor de Medeiros Rosa e de Martha
de Medeiros Rosa

Idade virnta e seis annos
Estado Civil casado com Amalaura de Medeiros Rosa
de branca

Nacionalidade natural do Distrito Federal
Profissão cantor de rádio

Doença de tuberculose pulmonar

Motivo do óbito de esgana deu em 19 de Junho de 1967
Lugar do falecimento rua Teodoro de Alkha Trecentos e no-
venta e dois
Lugar do enterro: Cemitério de São Francisco Xavier

Foi declarado Alvaro de Castro

Deixa filhos? Não

Deixa bens? Não

Foi testamento? Não

Observações: Não

O referido é verdade e dou fé.

Reavel No.  Maio de 1967
Marcelino Rodrigues Machado
OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

Atestado de Óbito de Noel.

Atestado de Óbito de Noel.



Inauguração da estátua de Noel Rosa. Aparecem, entre outros: Marília Batista, Almirante, Silvino Neto, Oduvaldo Cozzi, Cristóvão Alencar, Carlos Mota, Amélio de Andrade, Orlando Silva e Lamatirne Babo.

MUSICOGRAFIA DE NOEL ROSA

(Músicas em ordem alfabética, incluindo composições solo e em parceria)

A GENOVEVA NÃO SABE O QUE DIZ

A MELHOR DO PLANETA

A RAZÃO DÁ-SE A QUEM TEM

A. B. SURDO

ADEUS

A. E. I. O. U.

AGORA

ALÔ, BELEZA

AMOR COM SINCERIDADE

AMOR DE PARCERIA

ANDO CISMADO

AO MEU AMIGO EDGAR

ARRANJEI UM FRASEADO

ASSIM, SIM!

ATÉ AMANHÃ

BAIANINHA

BALÃO APAGADO

BOA VIAGEM

BOAS INTENÇÕES

BOM ELEMENTO

CANÇÃO DO GALO CAPÃO

CANSEI DE IMPLORAR

CANSEI DE PEDIR

CAPRICHOS DE RAPAZ SOLTEIRO

CARA OU COROA ou VAI PARA CASA DEPRESSA

CEM MIL-RÉIS ou VOCÊ ME PEDIU

CHORO

CHUVA DE VENTO

CIDADE MULHER

CINEMA FALADO ou NÃO TEM TRADUÇÃO

COISAS NOSSAS ou SÃO COISAS NOSSAS

COM MULHER NÃO QUERO MAIS NADA

COM QUE ROUPA?

CONDENA O TEU NERVOSO

CONTRASTE

CONVERSA DE BOTEQUIM

COR DE CINZA

COR DE LEITE COM CAFÉ ou ATCHIM!

CORAÇÃO

CORDIAIS SAUDAÇÕES

DAMA DO CABARÉ

DE BABADO

DEIXA DE SER CONVENCIDO

DEUS SABE O QUE FAZ

DEVO ESQUECER
DISSE-ME-DISSE
DONA ARACI
DONA DO LUGAR
DONO DO MEU NARIZ
DONA EMÍLIA
É BOM PARAR
É DIFÍCIL SABER FINGIR
E NÃO BRINCA NÃO ou NÃO BRINCA NÃO
É PESO
É PRECISO DISCUTIR
ENVIO ESTES MAL TRAÇADOS
ESCOLA DE MALANDRO
ESPERA MAIS UM ANO
ESQUECER E PERDOAR
ESQUINA DA VIDA ou NA ESQUINA DA VIDA
ESTAMOS ESPERANDO
ESTÁTUA DA PACIÊNCIA
ESTE MEIO NÃO SERVE
ESTRELA DA MANHÃ
EU AGORA FIQUEI MAL
EU NÃO PRECISO MAIS DO SEU AMOR
EU QUERIA UM RETRATINHO DE VOCÊ
EU SEI SOFRER
EU VI NUM ARMAZÉM
EU VOU PRA VILA

FAZ DE CONTA QUE EU MORRI
FAZ TRÊS SEMANAS
FEITIÇO DA VILA ou FEITIÇO SEM FAROFA
FEITIO DE ORAÇÃO
FELICIDADE ou QUE BOM, FELICIDADE QUE VAI SER
FESTA DO CÉU
FILOSOFIA
FINALETO
FIQUEI RACHANDO LENHA
FIQUEI SOZINHO
FITA AMARELA
FITA DE CINEMA
FIZ UM POEMA ou MAIS UM SAMBA POPULAR
FOI ELA
FUI LOUCO
GAGO APAIXONADO
GOSTO, MAS NÃO É MUITO
HABEAS CORPUS
IÇA A VELA ou MÃO NO REMO
ILUSTRE VISITA ou SÓ PODE SER VOCÊ
INGÊNUA
ISSO NÃO SE FAZ
JÁ NÃO POSSO MAIS
JÁ SEI QUE TENS UM NOVO AMOR
JOÃO NINGUÉM
JOÃO TEIMOSO

JULIETA

LATARIA

LEILÃO DO BRASIL ou QUEM DÁ MAIS?

LEITE COM CAFÉ ou MORENA OU LOURA

LINDA PEQUENA

LIRA ABANDONADA

MADAME HONESTA

MALANDRO MEDROSO

MARCHA DA PRIMA . . . VERA

MARCHA DO DRAGÃO

MARDADE DA CABOCLA

MARIA-FUMAÇA

MAS COMO... OUTRA VEZ?

MAS QUEM TE DEU TUDO ISSO?

MENINA DOS MEUS OLHOS

MENTIR ou MENTIRA NECESSÁRIA

MENTIRAS DE MULHER

MEU BARRACÃO

MEU SOFRER

MEU BEM

MINHA VIOLA

MORENA SEREIA

MULATA FUZARQUEIRA ou FUZARQUEIRA

MULATO BAMBA ou MULATO FORTE

MULHER INDIGESTA

NA BAHIA

NA ESQUINA DA VIDA
NÃO FAZ, AMOR
NÃO DIGAS
NÃO HÁ CASTIGO
NÃO ME DEIXAM COMER
NÃO MORRE TÃO CEDO
NÃO QUERO MAIS
NÃO RESTA A MENOR DÚVIDA
NEGA
NEGÓCIO DE TURCO
NEM COM UMA FLOR
NO BAILE DA FLOR DE LIS
NUMA NOITE À BEIRA-MAR
NUNCA DEI A PERCEBER
NUNCA ... JAMAIS
NUVEM QUE PASSOU
O JOAQUIM É CONDUTOR
O MAIOR CASTIGO QUE EU TE DOU
O ORVALHO VEM CAINDO
O PULO DA HORA ou QUE HORAS SÃO?
O QUE É QUE VOCÊ FAZIA?
O SOL NASCEU PARA TODOS
O "X" DO PROBLEMA
ONDE ESTÁ A HONESTIDADE?
PAGA-ME ESTA NOITE
PALPITE

PALPITE INFELIZ
PARA ATENDER A PEDIDO
PARA BEM DE TODOS NÓS
PARA ME LIVRAR DO MAL
PASTORINHAS
PELA DÉCIMA VEZ
PELA PRIMEIRA VEZ
PERDÃO, MEU BEM
PERDOA ESTE PECADOR
PESADO 13
PICILONE ou YVONE
PIERRÔ APAIXONADO
PISANDO NO MEU CALO ou VOCÊ É UM COLOSSO
POR ESTA VEZ PASSA
POR CAUSA DA HORA
POSITIVISMO ou ARARUTA
PRA ESQUECER
PRA LÁ DA CIDADE
PRA QUE MENTIR?
PRATO FUNDO
PRAZER EM CONHECÊ-LO
PRECAUÇÃO INÚTIL
PREGANDO NO DESERTO
PRIMEIRO AMOR
PROEZAS DE SEU FULANO
PROVEI

QUAL FOI O MAL QUE EU TE FIZ?
QUANDO O SAMBA ACABOU
QUANTOS BEIJOS
QUE BAIXO!
QUE ORGULHO É ESTE?
QUE SE DANE!
QUEIMEI TEU RETRATO
QUEIXUMES ou MEU SOFRER
QUEM MUITO CORRE ou DE QUALQUER MANEIRA
QUEM NÃO DANÇA
QUEM NÃO QUER SOU EU
QUEM PARTE, NÃO PARTE SORRINDO
QUEM RI MELHOR
QUERO FALAR COM VOCÊ
RAPAZ FOLGADO
REMORSO
RETIRO DA SAUDADE
RIR
RISO DE CRIANÇA ou SEU RISO DE CRIANÇA
ROUBOU, MAS NÃO LEVA
RUMBA DA MEIA-NOITE
SABER AMAR
SAÍ DO PRESÍDIO
SAÍ DA TUA ALCOVA
SAMBA DA BOA VONTADE
SANTA PRADOEIRA

SE A SORTE ME AJUDAR
SÉCULO DO PROGRESSO
SEI QUE VOU PERDER
SEJA BREVE
SEM TOSTÃO
SEU JACINTO
SEU ZÉ
SILÊNCIO DE UM MINUTO
SINHÁ RITINHA
SÓ PRA CONTRARIAR ou SÓ POR CONTRADIÇÃO
SÓ VOCÊ
SUSPIRO
TARZAN, O FILHO DO ALFAIATE
TENENTES DO DIABO
TENENTES DO DIABO
TENHO RAIVA DE QUEM SABE
TENHO UM NOVO AMOR
TIPO ZERO
TRÊS APITOS
TRISTE CUÍCA
TUDO NOS UNE
TUDO PELO TEU AMOR
TUDO QUE VOCÊ DIZ
ÚLTIMO DESEJO
UMA COISA FICOU
UMA JURA QUE FIZ

VAGOLINO DE CASSINO ou VÍRGULINO DE CASSINO

VAI HAVER BARULHO

VAI HAVER BARULHO NO CHATEAUX

VAIDOSA

VEJO AMANHECER

VERDADE DUVIDOSA

VINGANÇA DE MALANDRO

VITÓRIA

VOCÊ FOI O MEU AZAR

VOCÊ, POR EXEMPLO!

VOCÊ SÓ ... MENTE

VOCÊ VAI SE QUISER

VOLTASTE ou VOLTASTE PRO SUBÚRBIO

VOU FAZER UM SAMBA

VOU TE RIPAR

ZÉLIA FORTUNATA





Avenida Rio Branco no início do século XX

